

REVISTA DO BRASIL

NA BOA VISTA, 52 — Cx. 2-B — S. PAULO
Assignaturas: Anno — 20\$000; Extrangeiro — 25\$000
Numero avulso — 1\$800.

SUMMARIO do n.º 58 — Outubro, 1920

O Brasil surgindo das ondas	EVERARDO BACKHEUSER	97
O Graciano, do Baixão	PE. ASSIS MEMORIA	111
A nudez e o vestuario	HYGINO CUNHA	116
A caminho da sociedade das nações	HELIO LOBO	128
O minhocão	JOÃO FELIZARDO	137
Não matarás	PLINIO SALGADO	142
Excerptos do diario de André Rebouças	146
Academia Brasileira de Letras	ARTHUR MOTTA	152
Bibliographia	BRENNO FERRAZ	177
RESENHA DO MEZ—“ <i>Madame Pommery</i> ”, João Pinto da Silva — <i>Psychologia Brasileira do character</i> , Gilberto Amado — <i>Uma espineta</i> , Augusto de Lima — <i>I go to morow</i> , Guy d'Alvim — <i>Ao léo do vento</i> , Paulo Setubal		

Caricaturas do mez.

S. Paulo

1920

Rio



SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com
A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o
DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar
damno algum a saude da MULHER. — "Vide os attestados e
prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e
CASAS DE PERFUMARIAS do Brasil.

➡ AVISO — Preço de uma Caixa 10\$000, pelo Correlo mais
2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO — Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

Gravidez

EVITA-SE usando os **ASSA-**
RIOS AMERICANOS são in-
offensivos, commodos, de ef-
feito seguro e antisepticos. —
Encontram-se á venda nas
principaes DROGARIAS de S.
Paulo.

➡ AVISO — Remette-se registrado pelo Correlo, para qual-
quer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000,
enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao
Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1724
— RIO DE JANEIRO —

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista
Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, De-
fluxos, Bronchites, Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Can-
saço, Suffocações, é um medicamento de valor, composto exclusi-
vamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem
morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

"Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco".

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de
São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro

REVISTA DO BRASIL

===== DIRECTOR: MONTEIRO LOBATO =====

N.º 58

OUTUBRO, 1920

O BRASIL SURGINDO DAS ONDAS

(HISTORIA DO BRASIL ANTES DO BRASIL TER HISTORIA)

EVERARDO BACKHEUSER

Quando os marinheiros das náus de Pedro Alvares Cabral, fugindo ás calmarias equatoriaes, viram o Brasil surgindo das ondas...

Perdão, não é isso. Não é dessa parte, já francamente de dominio historico, quatro seculos apenas, que me encarregaram de falar perante antigas alumnas do Curso Jacobina. Quizeram que aqui me occupasse de épocas muito mais distantes, tão distantes que memoria não ha que as alcance, pela razão pura e simples de que não existiam sobre a Terra, nesses enevoados tempos, nem homens, nem animaes de nenhuma das especies hoje conhecidas.

Não, pois, do momento em que a maruja de Cabral avistou o nosso Brasil surgindo das ondas é que vou occupar-me senão dos instantes successivos em que o mar fugindo e se concentrando em certos pontos do planeta deixou que outros pontos surgissem, se fizessem ilhas e, por fim, continentes. Essa parte da Historia do Brasil é bem aquella em que se póde dizer que elle não tinha historia.

Como desvendal-a, então ? Os segredos desses mares antigos, mais ou menos profundos, desses continentes remotos nos são revelados por um sem numero de vestigios-osseos, cascas de moluscos, impressões de folhas, pégadas de animaes marcadas na argila humida e, até, pingos d'agua de alguma fórte chuva, o que tudo a Terra guarda como attestados de outros tempos.

Como vestigios analogos, os dectetives modernos, ao typo de Sherlock Holmes, descobrem e reconstruem um crime nos minimos detalhes. Pois bem os Sherlocks scientificos que são os



geólogos pódem, com esse *material*, com esses ossos, com esses fosseis em summa, reconhecer lugares onde se erguem hoje altas montanhas e que foram outr'ora, ou mar, ou lago, ou pantano.

E assim, reunindo dados esparsos aqui e alli, torna-se possível reconstruir nas linhas geraes os estagios varios por que tem passado a face da Terra, e, portanto, recompor idealmente os diversos aspectos por que teria passado o Brasil até o momento, já historico esse, em que as caravellas de Pedro Alvares o alcançaram alfim.

O que vamos fazer, pois, é uma excursão ao passado.

*

Sabem todos que Wells, o interessante romancista inglez, attribuiu a um dos seus heróes a invenção da "machina de explorar o tempo", trepado na qual conseguiu *vêr*, conseguiu estar no futuro e, no anno de 802000 e tantos, conviver com Elois e Morlocks, duas especies humanas derivadas da especie unica actual. Os *Elois* eram nobres, incapazes para o trabalho, vivendo de festins, comendo fructas, rindo e folgando, ao passo que os *Morlocks* eram a diferenciação secular do ramo humano dos operarios manuaes, habituados de tal modo a má iluminação das fabricas, que acabaram só podendo viver em subterraneos e só aparecendo á superficie da terra quando a noite cahia de todo.

O explorador do tempo, de Wells, como os cartomantes, apenas explorou o tempo futuro... Descreveti-o com minucias, enamorou-se, mesmo, de uma mimosa Eloi, Weena, e compartilhando os sentimentos de sua amada detestou os Morlocks. Mas a nostalgia do passado fel-o voltar a Londres, ao seu laboratorio, a seus amigos.

Depois, parece, foi explorar o tempo passado e não teria voltado mais, segundo o depoimento de Wells. Não voltou o explorador, mas voltou a machina, talvez abandonada pelo dono, quando investigava a época terciaria, ou por obra d'algum antropeide travesso, que puxou a alavanca de retrocesso, e fel-a vir, assim, escoteira e a toda a velocidade, até aos nossos dias. Que fel-a vir e entrar pelo meu gabinete no momento preciso em que eu reflectia sobre esta difficil conferencia.

Estava bem estragada a machina de Wells, e só devido á falta de lubrificante nas engrenagens devo-lhe a ventura de ter ella parado no anno de 1920 e não ter caminhado — ainda desta vez — para o futuro onde sem duvida se perderia. Azeitei-a, bruni-a. Aperfeiçoei-a, pois era incommoda, com um só assento e sem



encosto. Aquella que está hoje á minha disposição é bem mais confortavel, tendo serviço de aquecimento e refrigeração automatica, prestando-se a nos deixar vêr igualmente a época das geleiras e a do globo incandescente que foi a Terra.

E' qualquer cousa como um grande Zeppelin, commodo, sem balanços na *demarrage*, podendo conter folgadoamente todo o auditorio que me faz o favor de ouvir, e explorando igualmente o Espaço e o Tempo.

Atiremo-nos, pois, á Aventura, tendo como motor não o simples devaneio literario mas a segura phantasia scientifica. Nada do que enxergardes, mostrado, pela minha descolorida palavra será simples utopia, ou sonho enganador. E' a realidade, longinqua, embora, mas realidade plena, o que iremos vêr (*).

*

Estamos lançados no Espaço e no Tempo que passou. Allí estão as náus de Cabral; lá está a Africa de que ellas fogem, cá está o Brasil que as acolhe... Em menos de um segundo percorremos quatro seculos, mas é preciso imprimir á nossa Chrononave bem maior velocidade; é preciso percorrer um milhar de seculos por segundo para alcançarmos já o ponto extremo da jornada.

Corramos pois, rapida, veloz, febrilmente. Nada poderemos ver nessa viagem de retrocesso, tal a velocidade da machina. Tudo parecerá confuso, nebuloso, turvo. Chegados, assim, ao fim da jornada, manobremos agora o *controle* de recúo e volvamos de novo para traz; caminhando com um pouco mais de lentição, dos tempos mais remotos para os mais modernos, vamos começar a ver as éras se succederem na mesma ordem que já seguiram.

*

A Terra, está já constituída. E', porém, um globo de fogo, um pequeno sol a luzir no firmamento. Pouco a pouco se resfria e uma primeira camada solida, de rochas, a envolve.

(*) Ha aqui ensejo para uma observação. Imagem literaria analogá á por mim empregada neste preambulo, encontra-se no artigo Rondonia, de Monteiro Lobato, no livro IDEAS DE JÉCA TATÚ. Esse escriptor faz ahí um resumo do livro de Wells, que eu conhecia desde a minha mocidade, e referindo-se ao meu presado amigo Roquette Pinto diz que este scientista brasileiro visitando a Rondonia fez percurso inverso ao do inventor da machina de Explorar o Tempo, isto é, visitou o Passado. Nesta conferencia, a assistencia é convidada tambem a percorrer os Tempos Passados.

Ha, pois, uma certa semelhança nos dois artificios de exposição empregados por M. Lobato e por mim. Devo, porém, lisamente confessar que ha apenas um encontro de idéas pois quando escrevi a minha palestra desconhecia o artigo de Lobato, apesar de ter já adquirido o livro, que as minhas occupações tinham impedido de lêr até o fim. Um amigo a quem, nas vespéras do dia marcado, mostrei o que havia escripto, chamou a minha attenção para o facto, mas não havia mais tempo de refazer o que estava feito.

Não ha, portanto, plagio meu, e desejo salientar isso porque tenho horror aos copistas de idéas alheias; houve apenas, repito, um simples encontro de idéas.



Está assim esboçada a primeira phase da crosta solida pouco firme ainda, crosta que terá de ser despedaçada muitas vezes, enrugada, comprimida, combalida, derrocada, reerguida, refundida, solidificada de novo até que venha o Homem pisa-la.

Os compostos chimicos que a formam hoje não são talvez os mesmos que a constituíram então.

Sobre essa primeira crosta, o hydrogeneo e o oxygeneo ainda estão, talvez, separados pelo temor de uma união definitiva e eterna. Mas a *afinidade electiva* determinar-lhes-á afinal o consorcio, quando as condições da temperatura ambiente forem favoraveis a isso. Casam-se, isto é, combinam-se e formam a agua que sob a fórmula de vapor paira no espaço envolvendo a terra e com ella a nossa Chrononave.

Mais algum tempo, e vemos o vapor d'agua, baixando a temperatura que nos cerca, passar a liquido e precipitar-se em torrentes, em cachões, catadupas, sobre a crosta ainda quente e inconsistente.

Um diluvio de agua quente envolve a Terra de todos os lados. Nada de parecido, porém, com o diluvio de Noé, de que a Biblia guarda a tradição duvidosa. Si da nossa machina lançarmos um olhar em torno, estaremos em face de um oceano immenso, sem bordos, sem praias, extenso, infinito, mas quente e fumegante. Esse mesmo calor, todavia, que faz que a vida ahi não possa ainda desenvolver-se, favorece combinações chimicas transcendentaes de que virão a resultar rochas caracteristicas, talvez o granito que iremos a pisar nas épocas historicas das quaes tão afastados inda estamos.

Lembremo-nos de que por baixo desse mar pouco fundo, embora sem limites, está uma crosta pouco solidificada ainda, talvez pastosa, soffrendo os efeitos da força de repulsão que o gyro da Terra em torno do seu eixo provoca. Não nos admiremos, pois, d'aquillo que a marcha do nosso Zeppelin no tempo nos fará entrever. Vemos surgir no Equador uma faixa solida emergindo das ondas e vemos ao mesmo tempo o nosso Oceano, que não tinha bordos, concentrar-se na depressão formada entre os circulos polares e os tropicos.

Fóra d'agua temos, pois, os primeiros esboços de continentes, que apparecem imprimindo phisionomia á Terra: um será o Continente Equatorial e os dois outros, os Continentes Polares. O primeiro abrangeria a America Central, a parte norte da America do Sul, a partir talvez de Santa Catharina, a Africa, a India, a Australia e, por certo, grande parte das terras occupadas hoje pelo Oceano Pacifico. Do Austral pouco restou até hoje, e o que resta está envolvido no arminho branco das geleiras eternas. Do Boreal ficaram até os nossos dias vestigios nos



tres pontos que mais tem resistido á successiva remodelação da Terra. São os tres *boucliers*: um no Canadá — chamado *Terra Algonkiana*; outro na Suecia e Noruêga — *Terra Escandinava* e outro finalmente na Siberia — *Terra de Angara*.

Nessa primeira separação de continentes, nesse primeiro esboço de dezenho de terras e mares, o nosso Brasil já figura. Somos uma velha terra embora sejamos um paiz novo! É do trecho do Brasil que desde então se conservará fóra d'agua podemos citar, como bem características dessas primeiras éras as serras do Mar e da Mantiqueira, grande parte do Planalto Central e o Planato das Guyanas.

O aspecto geral do Globo, a physionomia da Terra, é pois bem differente d'aquella que estamos habituados a imaginar. Ao passo que nas éras modernissimas em que já o Homem está sobre o planeta, os continentes se orientam segundo os meridianos, afunilando-se segundo os parallellos, a larga massa Equatorial e os dois massiços extremos nos polos. A passagem desse para aquelle aspecto vae desenrolar-se durante toda a existencia da Terra, em virtude de successivos desabamentos que soffrerá a crosta para ir-se adaptando ao Nucleo Central em via de resfriamento e retracção. Continentes passarão a ser fundo de mar, e aquillo que em certo momento é praia ou lodo de profundidade, emergirá e virá a ser terra firme.

Essas metamorphoses, naturalmente, lentissimas, poderemos recapitular em poucos instantes a bordo da nossa machina exploradora do Tempo, imprimindo-lhe maior velocidade no percorrer dos seculos.

Mas contemplemos por um momento ainda esse primeiro eschema geographico. Que tristes continentes esses que estamos vendo! Terras sem vegetação! Praias sem caranguejos! As primeiras algas e os primeiros cogumellos se symbiosam para formar os primeiros lichens, de rapido e pujante crescimento. Nos mares vivem protozoarios rudimentares que dos saes de calcio vão fabricando suas carapaças, e se vão accumulando em logares propicios á formação de colonias ou bancos, futura pedra marmore de que irão enfeitar-se os palacios no tempo do Homem!

E assim assistimos, agora, ás mais longinquoas transformações de individuos organicos em materia mineral. Quem nos diria, de facto, que esses lindos, macios, polidos marmores são o ajuntamento multiseccular de seres diminutos e modestissimos? E' que, do nascimento que presenciemos agora, ao estagio final que nos habituamos a vêr no Seculo XX, se passaram transformações varias e successivas, modificando profundamente a essencia da materia...



Abalos continuados alteram por outro lado o aspecto superficial das terras. A crosta ainda muito tenue, soffrendo uma ininterrupta e forte trepidação d'aquillo que se póde chamar a Caldeira Central, está quasi em permanentes terremotos, de que resultam fendilhamentos que se enchem da massa fluida interna, massa que transbordará em largos derrames superficiaes.

Essas trepidações e sacudidelas violentas, esses cataclismos successivos, esses terremotos ininterruptos extendendo-se á Terra todas, provocam afinal os grandes desabamentos a que alludi.

Esse enorme naco de continente desabando para o fundo do oceano deixou que as aguas se precipitassem no nosso Brasil, o qual se separa assim da Australia, embora permaneça ligado á Africa. E a invasão do liquido elemento estende-se mais, faz-se em fórma d'um enorme golfo ou canal que de Oeste caminha para Leste separando o nosso Planalto Central do Planalto das Guyanas. E' o primeiro debuxo da região do Amazonas, a cuja emersão iremos d'aquí ha pouco assistir em etapas successivas até que venha a ser a planura intermina onde o grande rio corre.

Esse tão nosso querido Amazonas, que os primeiros exploradores chamaram *Mar dulce*, teve, pois, como origem, um golfo, estreito ou braço de mar que assim permaneceu até que os ultimos grandes movimentos da crosta erguessem os magestosos Andes. Nesse mar interior, especie de Mediterraneo dos tempos primarios, desaguam os rios encachoeirados que nascem no Planalto Central Brasileiro e no Planalto das Guyanas. Os seus leitos conservam-se caracteristicamente divididos em duas secções, a inicial que corre nas partes altas do massiço peruano-brasileiro e a terminal que se desenvolve nas planuras da Amazonia. Entre uma e outra secção ha, em quasi todos os afluentes da margem direita, uma região de cascatas e quedas em rocha viva, formada em virtude dos abalos que pudemos assistir da nossa Zeppelin e que os contemporaneos do seculo XX ainda pódem examinar.

O Brasil passa a ser em toda a éra primaria um paiz de longas e recurvadas praias. Mas essas praias ficam no lado occidental. O Oceano occupa o Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, São Paulo, grande parte de Minas, de Goyaz e Matto Grosso, e todo o Amazonas e Pará. Como uma crista altissima, maior quiçá que o Himalaya, vemos um espigão formidavel — serra do Mar e da Mantiqueira constituindo uma serra unica. Mas são brancos, os seus picos? Assim vos parecem, vistos da nossa machina? São brancos, sim, são geleiras extensas, alvissimas, enormes, d'onde a agua flue para as encostas de oeste, carregando detritos varios.



Essa metamorphose, que a machina exploradora do tempo deixou vêr em tão poucos segundos, gastou milhares e milhares de seculos a se effectuar. As condições de vida agora já são outras. Já não ha tanto calor irradiando da Terra. Já a crosta se expessou. Já uma relativa tranquillidade permite ás especies melhor se desenvolverem e evoluirm.

Não é apenas no mar, debaixo d'agua, que é possível a existencia de seres organicos um pouco superiores a simples protozoarios. Os lichens que morderam a pedra aspera, morreram, mas de seus cadaveres se formou um pouco de humus onde felicinias e outras criptogamas puderam lançar raizes. Os mares já estão povoados de peixes, fortes, couraçados, que navegam em todas as direcções á procura de crustaceos os quaes já tinham apparecido e prosperado mas vão dahi por diante diminuir de vulto, atacados pela voracidade dos peixes formidandos.

A vida que se vive, é agora directamente influenciada pelas condições de luz e calor externos. Ha uma atmospheria humida e nebulosa, baça, como que eternamente crepuscular; do Equador aos polos reina um calor excessivo nas partes de menor altitude, o que pelo conhecido paradoxo geologico permite e favorece até a existencia das geleiras nos pinaros mais elevados. O ar permanece carregado de gaz carbonico gerado nas entranhas da Terra e, escapo para o exterior atravez das multiplas boccas vulcanicas. O ar é, portanto, no inicio e meados da era, ainda improprio para animaes de aparelho respiratorio complicado. Mas esse mesmo bioxydo de carbono vae ser propicio ao crescimento dos vegetaes que apresentem largas folhas á eclosão da funcção chlorophyliana.

E isso se dá E se dá largamente. A luz difusa, a humidade, o calor ainda hoje facilitam e auxiliam o crescimento das criptogamas. Os fetos arborescentes têm seu *habitat* preferido nas florestas tropicaes. Teriam, pois, existido as felicineas por toda a parte, do polo norte ao polo sul, ao fechar-se da era que os technicos denominam paleosoica ou primaria.

E' por isso que o aspecto da vegetação impressionou a quem esteja, como nós a olhar os continentes.

Enormes, as mattas ! Densas, verde-escuras, esguias de troncos altos com ramada exuberante nos topos. Mas tristes... Não vêmol-as ligadas pelos cipós, nem pintalgadas de flôres. Uma petala, siquer, não mancha o verde sombrio que as domina. Nenhum passaro chilreia. Nenhuma borboleta esvoaça. Nenhuma cigarra chia. Arvores sem flôres, floresta sem zumbidos... que monotonia ! E' que as arvores desse tempo são criptogamas que, como toda a gente sabe, não se abrolham, á primavera, em exhu-



berante florescencia, rica de corolas matisadas e de pollen amarello.

Mas essas enormes florestas feiarronas permitem um progresso notavel á vida dos animaes superiores no planeta: purificam o ambiente, retortas que são de oxygenio. Limpam o ar. Dissociam o anhydrido carbonico; fixam o carbono, como que dão azas ao oxygeno. E o ar, assim, vae-se tornando propicio á existencia de seres mais complexos.

Ainda mais. Essas acabrunhadoras florestas originam, accumuladas e transformadas, aquillo que o Homem ha de procurar um dia com extrema avides ! as minas de carvão elemento propulsor por excellencia da civilisação no seculo XX. Empenhados na posse das minas de carvão, que neste momento vemos a se formar, os homens hão de se lançar ás peiores aventuras, não hesitando em envolver o mundo em uma guerra sem par.

Por todos os lados se formam hulheiras. E nos bordos do Continente de Gandwana, que assim se denomina agora o Continente Equatorial, ellas tambem se encontram, e hão de vir a ser explorados na India, no Cabo, na Australia e em nosso paiz—nos Estados do Rio Grande, Paraná, Santa Catharina, São Paulo e Amazonia.

Após a como que limpeza do ambiente atmospherico que a vegetação mãe da Hulha produz, accentuar-se-ão por todo o orbe signaes de progresso na evolução dos seres vivos.

As derrocadas de pedaços da crosta farão que os Mares diminuam de extensão superficial, permittirão o alargamento dos continentes. Tudo isso se dará, estamos quasi a dizer, suavemente, como acontecerá mais tarde, sem que taes terremotos perturbem a vida normal em outros pontos do planeta. Ainda hoje, em verdade, nas lindes do Pacifico, observam-se tremores; mas além dos avisos do Observatorio de que a tantos kilometros do Rio de Janeiro se deu um abalo sismico, além dos telegrammas que depois nos narram os detalhes da catastrophe, e além do pezar que nos invade o coração por tantas victimas levadas á morte nada mais sentimos. Nem nada perceberiamos se não fossem esses instrumentos aperfeiçoados da sciencia: os sismographos e o telegrapho.

Os reptis vão dominando na terra, no mar e nos ares. Este... que vôou agora perto de nós, é disforme. E' o Pteurodactylus. Tem a cabeça de jacaré, azas de morcego, pés de ave. Lá, longe, á beira da praia, estão Ictyosaurios, Plesiosaurios, Dinosaurios, toda uma familia de amedrionar. São os reis da animalidade, cujo imperio ha de terminar para que os mamiferos appareçam afinal, ao cabo do periodo que é tambem chamado pelos technicos Mesosoico ou Secundario. A flora se pintalga das primeiras



corolas de phanerogamas, ainda pouco diferenciadas e pouco perfumosas.

O aspecto geral da face da Terra tambem se vae mudando. O grande Continente do Gondwana se parcella, porque fragmentos delle se afundam, e as aguas do Oceano Austral se precipitam no hiato, gerando as diversas reintrancias do Oceano Indico. A Australia individualisa-se. A India, chumbada a Madagascar, inicia a separação da Africa. Mas a Africa continua presa ao Brasil. Quer dizer que o Oceano Atlantico ainda não surgiu.

Que aspecto toma nesse lapso de tempo o nosso Brasil? O canal amazonense retrae-se, afastando as suas aguas quer do Planalto Guyana quer do Planalto Central. A nossa costa norte, até além do Ceará, tambem mergulha um pouco e o mar cretaceo a invade. Innumeros peixes que alli vivem deixarão os seus vestigios para serem afinal encontrados em pleno sertão, o que não é mysterio para as alumnas do Curso Jacobina que os conhecem do museu escolar.

Os Estados do Sul, porém, soffrem uma emersão total. O Oceano, que como se lembram, o está banhando pelo flanco occidental, prosegue na sua concentração para as bandas que hão de vir a ser a planicie Argentina. Isso quer dizer que o Sul do Brasil, lado poente, sae completamente fóra d'agua e não só os nossos quatro Estados Meridionaes, como ainda Minas, Goyaz e Matto-Grosso surgem definitivamente.

O mar, neste recúo, vae deixando as regiões costeiras pontilhadas de lagôas, lagunas, alagadiços. Ilhas, a principio em infinidade, passam a peninsulas, e geram angras, enseadas e bacias que alegram os horizontes.

Ao fim do periodo secundario póde-se dizer que todo o Brasil, excepto um pouco da costa norte e da Amazonia, já é completamente terra firme. E para que elle seja aquillo que Cabral vae encontrar, falta apenas o rompimento do isthmo que, como gigantesca ponte, prende a Terra Brasileira á Terra Etiopica, ponte que ainda persiste, prendendo-nos á Africa.

Esse destacamento se dá afinal ao tempo em que os mamíferos já são os animaes dominantes da creação. Um importante acontecimento mundial occorre então: o grande abaixamento do fundo do Pacifico. Isso acarreta um empuxo sobre a parte já emersa da America e produz um enrugamento colossal na face da Terra: a cordilheira dos Andes.

Está assim definitivamente separada a communicação entre os dois mares da Éra Humana, isto é o Oceano Atlantico e o Oceano Pacifico. O canal que a actividade excessiva da engenharia moderna rasga no isthmo de Panamá não dá para fazer um con-



sorcio de agua como aquelle intercambio que existiu até aos meados da era terciaria por intermedio do Canal Amazonico.

Passa, assim, em definitiva, o Amazonas a ser um rio.

O ingente esforço da erecção dos Andes repercute no resto do Brasil. Terremotos successivos abalam estas hoje tranquillias plagas cariocas provocando desabamentos em nosso litoral do Sul. E' dessa época a bahia de Guanabara. São dessa época, mais ou menos, as escarpas do Corcovado e de todos esses morros empinados que bordam a nossa costa até Santa Catharina imprimindo á cadeia costeira um perfil imprevisto.

E' por esse tempo que se separa, de uma vez para sempre, a Terra Brasileira da Terra Etiopica, a America do Sul do Continente Africano.

Essas submersões acarretam uma invasão de aguas na parte leste meridional do Brasil e um afastamento na parte septentrional. O Amazonas se retrae cada vez mais, como já accentuámos. O Oceano se retira pouco a pouco da costa norte e nordeste, mas por outro lado beija as fraldas da Serra do Mar do Rio Grande até o Espirito Santo. A Raiz da Serra de Petropolis é praia; Santos está ainda debaixo d'agua; e no Paraná o mar vac até quasi Morretes.

A flora e a fauna de onde partimos para a excursão pelo Tempo, e da qual nos aproximamos de novo velozmente, são quasi as mesmas da era geologica que atravessamos agora. Só falta o *Homo Sapiens*, perfeito e intellectualmente constituido, mas os seus antepassados mais proximos, os Anthropoides, já por ahi andam aos saltos; divisaremos até, caminhando mais um pouco no Tempo, os proprios trogloditas, que já são homens. Os mammiferos apresentam-se muito desenvolvidos, formando os ancestraes da zebra, do elephante, do cavallo, do boi, da preguiça. Não fossem esses bichos enormes e parecer-nos-ia estar no seculo XX. Apesar de grandes e pesados, esses animaes são nansos e pacatos.

Não resta para a constituição definitiva, completa, total do nosso Brasil senão uns ultimos retoques: as planuras modernas, bordando o mar desde o Oyapock ao Chui. Planuras recentes, coevas do Homem, são, a bem dizer, dos nossos dias. Continua a dar-se inda hoje, um movimento de recúo do mar por toda a parte, oriundo por certo dos derradeiros desmoronamentos que occorrem no Pacifico. Essa formação de praias é, porém, devida a um outro agente remodelador, dos mais pertinazes e conspicuos nas alterações porque passou, passa e passará a Terra: a agua.

Sempre agiu ella corroendo asperezas, arredondando arestas, arrancando aqui, para depositar acolá;— transportando sempre,



incessantemente. Ao passo que, de vez em quando, convulsões subitas alteram a face dos continentes, a acção niveladora das aguas vae desbastando rugosidades. Eequalitaria, democratica, a agua já teria apagado todas as difficuldades superficiaes si actusse sósinha. Transportaria os morros para o fundo dos mares, acabando com as encostas ingremes e difficeis e com os perigos traiçoeiros dos grandes fundos oceanicos. Suave ás vezes, e ás vezes impetuoso, um rio é sempre um remodelador insigne, principalmente quando, na visão do poeta,

... engrossa, e altêa, e ferve, e espuma, e, rouco,
Morde as margens, empóla, empina-se, acachôa,
Bolha, brama, e, á feição de indomito cavallo,
Roto o freio lá vae, — salta de vallo em vallo,
Vôa, impellindo em furia, o peso d'agua ás mattas.

Para dizer aquillo que é um rio, uma serpente no monte, caudal indomita na planicie, melhor do que pela minha bocca ouvi-reis dos labios juvenis de Alice Rocha os versos impeccaveis do nosso grande pantheista Alberto de Oliveira.

*

A evolução do Mundo e do Brasil até dias nossos, assim vista em alguns momentos graças ao maravilhoso aparelho de Wells, é obra de dois poderosos agentes physicos: de um lado, a retracção continua e progressiva do nucleo Central; e de outro, o conjuncto multivariado dos factores externos, principalmente da agua. Esse desenrolar de transformações permittiu-nos a percepção de anomalias geographicas que ficariam inexplicadas sem o reconfortante auxilio paleontologico. A Geographia é bem, concluamos assim, um logogripho cuja chave está nas mãos da Geologia.

Vemos sufficientemente o modo pelo qual o Amazonas passou de golfo a mar Mediterraneo, e depois a canal, e finalmente a rio e comprehendemos assim porque se oriente elle de Oeste para Leste, quando todos os seus grandes rivaes no Mundo — o Mississippi, o Nilo, o Volga — caminham segundo os meridianos.

A outra grande bacia hydrographica brasileira que parece exdruxula é a do Paraná.

Os seus affluents da margem esquerda como que brotam junto do mar. Das origens do Tieté se enxerga o Atlantico. E, no entanto, o rio que poderia precipitar-se logo no Oceano, prefere incongruentemente serpear por todo o territorio paulista



para demandar o Paraná que o leva pela bocca do Prata ao mesmo salso elemento de que tão perto estava. Como o Tieté, o Rio Grande, o Paranapanema, o Uruguay e todos os outros. O bosquejo evolutivo que fizemos da emersão do solo brasileiro, explica-nos o paradoxo de rios que fogem das praias. E' que, repetimos, originariamente o mar estava da outra banda, e continente era aquillo que hoje é o Atlantico. As correntes desciam logicamente da serra para o Oceano pelo caminho mais curto. Mas como o mar pouco a pouco, se foi retrahindo — fugindo e diminuindo, os filetes superficiaes acompanharam-no nessa forçada contracção. D'ahi penderem os rios parallelamente para o Sul e para Oeste, isto é, no sentido em que se deu a diminuição do mar. Os seus leitos atravessam terrenos chronologicamente cada vez mais novos, desde os primitivos gneissicos da serra do Mar até os alluvionicos de Buenos Ayres.

E quando se observam os fortes effeitos da denunciação dessas torrentes nas serranias mineiras, goyanas, paulistas e paranaenses, formando os *canions* tão typicamente perfeitos dessas zonas alcantiladas, e se sabe que todos esses detrictos terrosos, misturados aos exuberantes restos vegetaes das nossas florestas, vão formar o humus que se deposita nas planuras platinas, vontade se tem de paraphrasear Herodoto dizendo “que a Republica Argentina é um presente do Brasil”.

Longe iriamos se quizessemos accentuar em todos os detalhes a cooperação da Sciencia Geologica na explanação dos aspectos physicos do Brasil querido. Isso daria para um curso e não para uma conferencia, e apenas uma conferencia foi aquillo de que me encarregou a nossa excelsa directora, e nessa palestra eu vos devia apresentar o Brasil talqualmente o encontrou Cabral quando, temendo que as calmas equatoriaes da Africa não lhe tornassem pandas as velas que buscavam a India lendaria, deixou-se levar pelo braço da corrente marinha que se bifurca proximo ao Nordeste brasileiro e se encaminhou para o Oeste.

Eis ahi, minhas gentis senhoras, o Brasil geologicamente constituido. Os ventos que lhe sopram as encostas, trazendo a humidade bemfazeja do Atlantico, vão fazer brotar, crescer, fortalecer-se a floresta de robles augustos e gigantescos que é a Mata Virgem na nossa Cadeia Litoral. Condensa-se em andares, do sopé dos morros ás cumeadas das serras; as ramadas de verde intenso não necessitam luctar á cata de luz e de ar, porque ar purissimo e luz vivificante encontram em todas as alturas; extendem-se então em frondes desgalhadas de larga circumferencia e os troncos engordam e se espessam. Essencias variadas e raras disseminam-se por toda a mata dando madeiras de construcção, arvores fructiferas, fibras preciosas, plantas medici-



naes. Cedro e eugenias; jacarandás negros e roseas canneleiras; leguminosas e bignonias; plantas epiphitas; cactaceas, bromelias que se apegam á menor reintrancia de rochedos; orchideas de corola zigomorpha; fétos arborescentes, tudo isso, em intrincada mistura, fórma a floresta atlantica onde o jequitibá domina as mais altas e magestosas arvores. Allie-se a isso o perfume intenso da mata — aquillo que se poderia chamar o *odor silvestre* —, a polychromia das flôres e das folhas, das corolas e dos calices, dos estames e dos pollens, e ter-se-á feito longinqua idéa do que seja esse encanto inconfundivel e esmagador que é a nossa mata virgem.

Rivalisando com a floresta do Atlantico só a pujança da Hilea Amazonense, como o denominou *von Humboldt*. Diversa no aspecto, é semelhante no conjuncto. Aqui as arvores, por isso que nascem todas na mesma planicie, precisam crescer desmedidamente, luctando entre si para a conquista do ar e da luz, que só poderão encontrar subindo sempre, cada vez mais. Os troncos se tornam, assim, delgados e esguios, mas nem por isso é menos formidavel e impressionador esse “Inferno Verde”, onde se encontra a riqueza da arvore da borracha e onde as palmeiras se ostentam. Entre estas a elegante enajá (*Maximiliana Regia*) dominadoramente se alça a muitos metros acima das moitas circumvisinhas para arrebentar a copa gracil no azul do ceu.

Mas para que estou eu a falar nisso sem imaginação e sem ter na palheta tonalidades fórtes que pintem as bellezas das nossas florestas virgens, se um robusto poeta patricio já as descreveu tão bem? Ouçamos pois os versos de Luiz Carlos pela voz tão nossa conhecida da intelligente colleguinha Dail Monteiro.

*

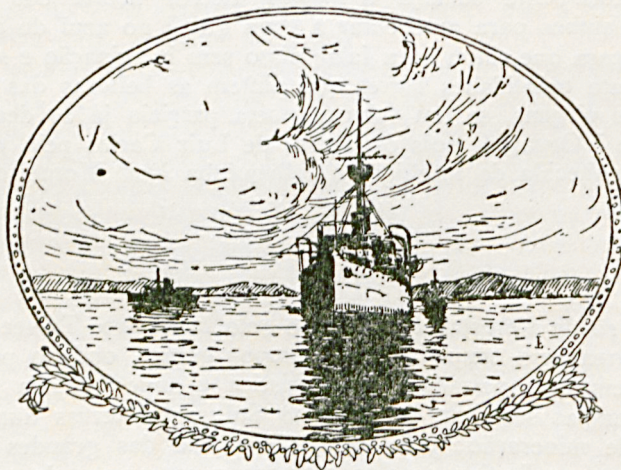
Nem só de florestas é coberto o solo brasileiro. Talvez que a maior área seja ocupada pelos campos geraes, onde o pinheiro medra em uma paisagem caracteristica e onde a poaia cresce; pelos pampas sem fim do extremo Sul; pelas terras duras das zonas de mineração; pela vegetação alpina das grandes altitudes, como no Itatiaya; pelas catingas e carrascaes de arbustos contorcidos e enfesados, que o Nordeste produz na sua triste flóra de deserto e que a capacidade do brasileiro ha de afinal subjugar para honra dessa terra que só amaremos si bem soubermos engrandecel-a.

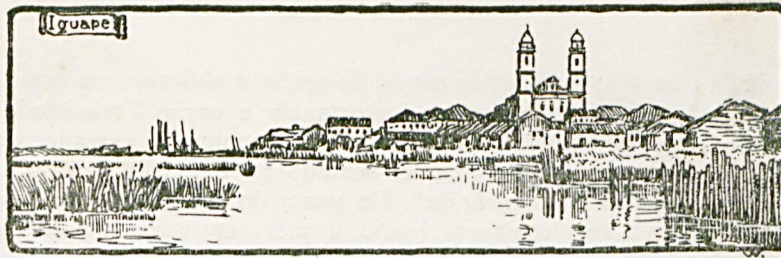
Está acabada a nossa jornada! Podemos descer do nosso Zeppelin explorador do Tempo que só cousas mais interessantes não nos mostram porque foi máo o timoneiro escolhido.



Foi esse o scenario, minhas senhoras, que Cabral teria podido vêr se ao envez de uma rapida olhadella a Porto Seguro, aborre-cido talvez com a demora que isso representava para a sua der-rotta ás terras do Oriente fabuloso, tivesse lançado desde logo os seus homens ás aventuras do caminhar por terra. Mas, vendo-a de relance, adivinhou-lhe a grandeza e a offertou como dadiua valiosa ás "cinco chagas" do glorioso pendão de Portugal.

E a doação teria sido eterna si, tres seculos depois, filhos de portuguezes mesclando o seu sangue a outras raças, caldeando-se com outras correntes immigratorias, constituindo um povo, emfim, — o povo brasileiro — não tivessem sentido o desejo de uma liberdade plena e de uma plena independencia e não ti-vessem, em voto piedoso, consagrado este Brasil á guarda per-manente dessas "cinco chagas" scintilantes que são o Cruzeiro do Sul.





O GRACIANO, DO “BAIXÃO”

PE. ASSIS MEMORIA

Naquella formosa tarde de S. João, pela fogueiras, o Graciano estava de veia. Logo cêdo, fardou-se externa e internamente. E começou a passeiar, rua acima, rua abaixo, remexendo a villa, irradiando, lepido, por todos os quadrantes do “*pavvado dos Araó*”, como elle chamava, n’um tom d’olympico desprezo, á séde do seu importante municipio maranhense: Arayoses. E’ que o Graciano, embora filho da terra era um *paroara*, e tinha do *paroara* o pernosticismo balôfo, que no traje e na *pose* distingue, inconfundivelmente, esse typo curioso do rastaquerismo nacional. De feito, a sua indumentaria era o classico guarda-chuva immenso, uma parodia de barraca; era a cartola ao alto da *yaca*, ministrando ao portador, por mais bronco, ares solemnes, bacharelicos; era o paletó d’alpaca, reluzentissimo, a toga do burguez barão, do brejeiro apatacado; era, sobretudo, aquella multidão d’anneis constellando os dedos n’um brilho estonteante de pedras sortidas, não sei si falsas, não sei si authenticas.

E aqui estava o homem pela casca, si á *toilette* addicionarem uns olhos verdes, irrequietos, uma bigodeira farta cahida para a bôcca, uma gaforina revôlta, em conflicto com os pentes, e emfim, aquella côr equivocada d’européu apocrypho. Na *pose*, o *paroara* tinha nella a ultima demão: palrador, exhibicionista, um competrado, em summa.

E, assim, n’aquella tarde, vindo do “Baixão”, onde morava, para diante da “fogueira” tomar como *padrinho* ao tenente Balbino, andava o Graciano a flandar pelas ruas ostentando, vaidoso, a farpella domingueira tresandando ao acre odor do sacco de borracha que trouxera das *Almazonas*, como dizia. E com este *aplomb* fôra á casa do Prado, o chefe local e lá troçára do ancião a quem considerava um “tabareu”. E com esta mesma *prosopopeia* visitara o

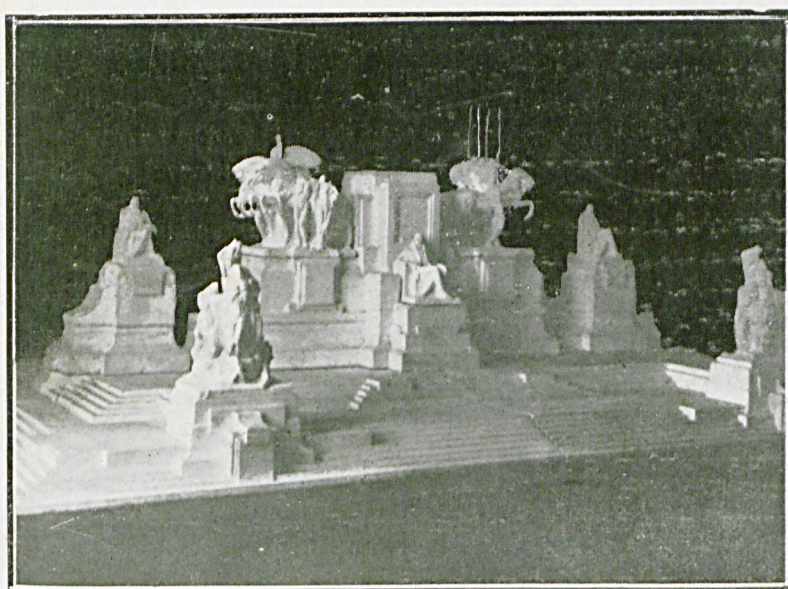
juiz da comarca, cavaqueara com o delegado, e philosophara com o sachristão, estadeando sempre importancia e garbo. Tudo isto levou o *Mané Bôto*, official de justiça que o conhecera pescador de bagres a ponderar, gravemente, sentado ás bordas da calçada: "*Este Graciano é home besta*". Da porta do delegado o *paroara* rumou para a rezidencia do vigario, a quem, em ruidosa palestra, affirmou, com entono de quem decreta um dogma: "A Senhora de Nazareth, do Pará, é maior do que a Santissima Trindade, porque é a unica santa do povo, e na sua festa, annualmente, são arrecadados mais de cem contos de reis". A tal innovação na Doutrina o bom do parocho insurgiu-se e, no ardor d'uma seria reprimenda, acabou por lançar o Graciano, escadaria abaixo, no andar do tempo. Mas o heresiarcha rustico — Ario de novo genero, Eutychio de nova especie—não se deu por achado. Continuou o seu peregrinar pelas "bodegas", a bebericar e a distribuir profusamente *tragos* pelo pessoal que o seguia processionalmente, maravilhado da liberalidade perdularia do seringueiro conterraneo.

Cahiu a noite e com ella começaram as "fôgueiras". Ao largo clarão destas illuminavam-se todas as casas. Creanças garrulas atiravam foguetinhos para o ar, ronqueiras detonavam com estampidos ensurdecedores, formosos balões multicolores demandavam o espaço, airosos, velocissimos.—Era geral a alacridade. Aqui e allí, á volta de tições crepitantes, *passavam fogueira* os compadres, os afilhados, os amigos.

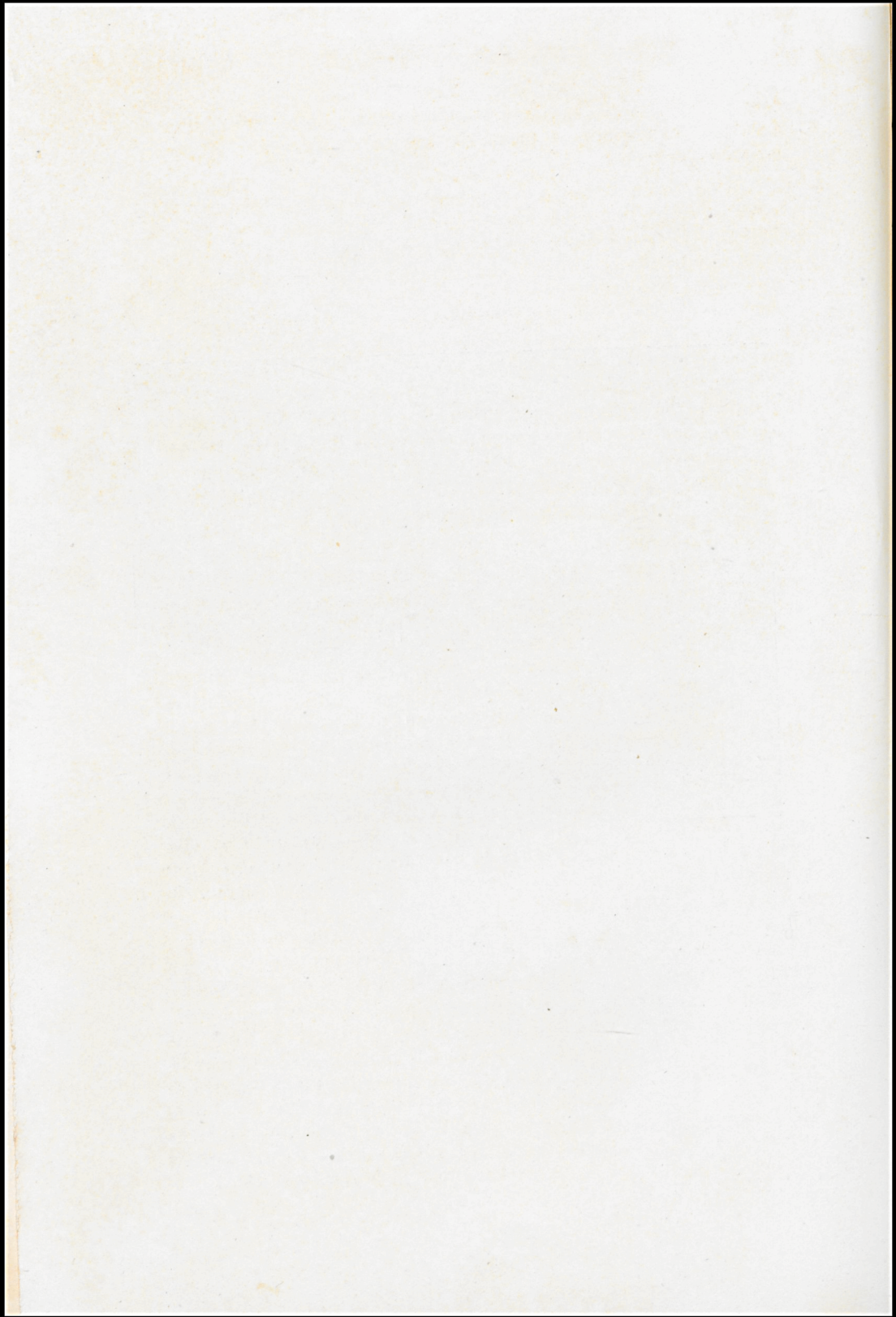
Onde, porem, na villa ia mais intenso o folguêdo era na casa do tenente Balbino, o popularissimo Balbino, da Lavagem. Ao motivo de jubilo commum pela noite de S. João, alliava-se em particular esta alegria maior ainda: o Graciano, o *paroara* balúdo, tomaria como *padrinho* ao tenente, e em regosijo haveria a dança do "boi" e *aluá*, a cantaros. Circulara a grata nova e a vivenda do Balbino regorgitava. Estava entupida de gente. O adjunto era memoravel. Para recepcionar o Graciano o ceremonial foi complicado e rigoroso o protocollo. O tenente que, em salamaleques a Talleyrand barato, levava as lampas aos "mestres-sala" da redondeza, organizou a "*chegança*". O futuro afilhado ficaria do outro lado do rio, nas "Pedras", dentro da canôa mais galante e mais estanque. A um signal convencionado, o João Cotrim dispararia da margem opposta tres tiros de ronqueira. E, para logo, sahiriam ao encontro do barco capitanea oito "cascos" ligeiros, a dez remos canhotos, e quatro "*côchos*" compridissimos. Ao couce da procissão fluvial seguiria o *cara-dura*, um enorme *bote* do Manduca, levando a musica, composta de tres *harmonicas*, dois pandeiros, seis *maracás* e cinco violas. Ao saltar em terra o homenageado, o Balbino com todas as figuras do "boi" devidamente trajadas iria abraçal-o, e o prestito,



ARTE NACIONAL



Brecheret — Projecto de monumento aos Andradas



cm

1

2

3

4

5

6

7

unesp

10

11

12

13

14

15

16

com os foliões á vanguarda, demandaria a casa do tenente. Atraz os do "boi" cantariam os primeiros versos da funcção: *Avança ! meu boi, avança !*

A preceito executou-se o programma e ao approximar-se o cortejo ao terreiro do tenente—quando os foliões entoavam o "chegou, chegou, chegou, chegou e eu vi chegá" — a Jiroma, a velha Jiroma, chale aos hombros, flôres d'alecrim ao peito, sahiu para a rua e bradou, transportada: "Viva! viva o afiado!" Foi um delirio. Subiu a apothese o alegrão. Graciano, no auge do enthusiasmo, penetrou o solar do Balbino com respeito, ás arrecúas, ás barretadas para um e outro lado do alpendre. De todos os cantos surgiam vozes de louvor: "que formoso que está o Graciano! Ai! meninos! nem parece aquelle bestalhão que sahiu d'aqui! Hum, hum, gentes! o Graciano nem se compara com o pae, o velho Titoya, do Baixão! Ta' "apropiado" um "princípio das côrte!" Ara, ara, quem te viu e quem te vê!". E seguia por ahi, ininterrupto e fervoroso o côro das aclamações e zumbaias ao heroe da noite.

No vasto terreiro, derredor da grande fogueira, os foliões continuavam nas suas variadas cabriolas e cantorias usuaes. No final da funcção — quando o Xico Mandy, na sua voz cavernosa *resuscitava* o "Garrotinho do Longá", á estrophe original: "*já urrou, já urrou o boi estrella que o Dico matou*". — "fechou-se o tempo". E' que o *Tico-Pá*, um valentão do *igarapé* do *Xixá*, com enorme vara de ferrão, por não sei que cargas d'agua, "coçou o pello" ao Zé-Torre, um creoulo chibante do rio Jandyra. Estabeleceu-se a confusão. "Neste ente—assim conta textualmente o delegado Verissimo na queixa ao Promotor da Comarca — n'este ente, o nhô Graciano Titoya, do Baixão Rial do Cisarino, mettu-se de turidade e deu voz de prisão o compade *Tico-Pá*. Este num fez these: intregou-se. Ao dispois do home preso, nhô Graciano levou elle de charola pa dento do alpende da casa da funcção, e deu, deu inté num pudê mais no cadave do subredito cujo arrifirido. Ahi, eu fui entrano e arriquiri in nome das lêzes qui elle safasse o inferno. Antão, nhô Graciano arrivirou pu riba di mim o batuque, sellou meu corpo e incomendou com um troçal de rei — trumento viltante nos codes, cumo diz o dotô Chiquim. E, dano, dano, abria o echo, gritando: "Eu mato! eu mato! eu faço uma cavaçada! eu mato! eu mato!" Neste ente chegou o tenente Balbino da Lavage, o qual mi secorreu. Do baruiu resurtou um vergão no meu rosto e uma dô incausada, qui começa nas apás e arresponde nas cantareira, umas candeia di fôgo pu la vista com sangue pu lus nariz. O compade *Tico-Pá*, alem de ferimentos, tá com os ossos muidos, qui nem passoca, ou torta di camarão. Peço as pruvиденças qui o caso zirge. (ass). Alferes Virisso. Delegado dos Arao, na Pruvincia do Maranhão" (sic).



Deante da queixa supra, para ser iniciado o processo criminal, o Promotor, a fim de evitar a fuga do acusado, ordenou fosse este detido, preventivamente. Aqui o negocio tornou-se complicado. Graciano era major da "guarda-nacional", accrescendo a isto a honraria egregia de captião de Placido Castro, "veterano do Acre", como elle allegava, em esgar mavortico. E na localidade não havia patente nem mais elevada, nem igual a de major. Foi uma dos dias-chos, aquella! Ninguem podia prender o Graciano!... Major era o Manduca, da Catinguinha, mas andava longe em pescas para a costa da Melancieira. Tenente-coronel de milicias — era o Casusa, do Tanque, mas este fôra tapar um *igarapé* nas ilhas do Manguiinho. Coronel de cavallaria, com esporas, mas sem cavallo, era o Marcellino, do Magu', o qual, a seu turno, viajava n'um batelão, regateando, rio acima, rumo do Brejo e do Estreito. Boa entaladéla, na verdade! E o *manjor* Graciano, a estadear importancia e garbo! Que não ia p'ra cadeia, e sim, p'ra sala de estado-maior, ou, em falta, para o "côrpo da guarda"; e isto mesmo acompanhado por um homem qualificado e graduado, de quatro galões p'ra cima, "Polícia? "Mata-cachôrrro? Não! Não o levava, nem a poder de machado. E um povo inteiro a pasmar das bravatas do major, arvorado em espadachim, elevado ás culminacias de inatingivel, protegido que estava pelas veneraveis regalias da "*briosa*". E — o que era mais singular—uma villa, séde d'uma comarca, impotente para punir um meliante, por falta d'um agaloado da inefavel hierarchia militar. E só porque — oh, pilheria desopilante! aquelle archipandego tinha a luzir-lhe nas mangas quatro fitas douradas. Era demais! "F' o *tumulo*", firmou indignado, o *Mané*, do Turú. Sim, era o cumulo! E assim comprehendendo foi que o Souza, o celebrado Souza, do Caju', um caboclo *escovado* e fertil em manhas, rezolveu armar uma das suas. Com aquella astucia capaz de exceder á do grego Sinon, que metteu para os muros de Troia o cavallo raso, o Gama, pediu-lhe a farda de "*mata-cachôrrro*" e pespegou-lhe nos canhões quatro fitas amarellas, reluzentes, larguissimas. Prompta a marcial vestimenta, "encadernou-se" nella, e, tomando d'uma velha espada do alferes Tóte, que a herdara do avô, dirigiu-se, impavido, á casa do tentente Balbino, onde estava o novo Ferrabraz, a blasonar. Alli chegando, gritou da porta, com uma gravidade comica: "Seu Majó Graciano Titoya!" "Prompto", accudiu este. "Teje preso!"— secundou o outro — "Quem é você?"— retorquiui Graciano.— "Eu — rematou o Souza — sou majó da guarda-nacional. Quem mi alumiou foi o governo. de preposito pa li prendê; o juiz di dereito recebeu o talogramo e mi deu as orde. Por isso, têje preso, e, biatamentes, si arricoia ao xilindró"— E o major improvisado, o major de bobagem, assim dizendo, foi tomando do braço do outro.

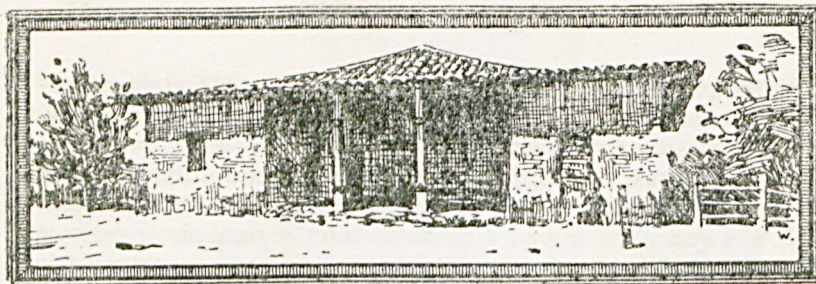


do major authentic, e conduziu-o á cadeia publica. E Graciano limitou-se a explicar: "Tá bem, tá direito. Como é um major como eu, não faço questão: vou p'ra sala do estado-maior: estou preso". E rendeu-se. Souza, — espada em riste, mão á altura do *kepi*, n'uma continencia rasgada e lenta, acompanhou o *collega* até a "Detenção", si é que assim se pudesse chamar aquelle pardieiro estreito e insalubre, onde um major, quasi dobrado, esperava encontrar esta cousa hem rara: — uma sala de "estado-maior" para nella permanecer, como preso privilegiado — Immensa irrisão!...

No outro dia, pelas nove da manhã, na predio da camara, respondia o major Graciano ao inquerito policial, introducção aos provárs, em que o metteram do mesmo passo as festas das "fogueiras" e as suas basofias de valentão ridiculo e de *paroara* compenetrado. E o Souza, a rir-se da comedia que surtira tão bom effeito. Entretanto, em tudo aquillo, só um tivera alcance: foi o *Mané-Bôto*. Sim, a sua reflexão, enunciada, como axioma, ás bordas das calçadas do Prado, era eloquente a valer: "Este Graciano é home besta!"

Arayoses — Maranhão.





A NUDEZ E O VESTUARIO

NA RELIGIÃO, NA SCIENCIA E NA ARTE

HYGINO CUNHA

I.—A lenda é a poesia da historia, ou, para falar como Eça de Queiroz, o manto diaphano da phantasia, com que os povos velam a nudez crúa da verdade, sobretudo quanto ás suas origens. Em toda crença, por mais absurda que seja, devemos procurar um fundamento real, porque a realidade existe sempre, mesmo quando contraria aos preceitos da logica. A realidade é o que se percebe ou concebe; a verdade é o que concorda com o conjuncto dos nossos conhecimentos. A realidade é uma funcção dos sentidos ou da idéação; a verdade é uma funcção do raciocínio ou da razão. Tudo o que é verdadeiro é real; mas a inversa não é admissivel. O systema astronomico de Ptolomeu é uma realidade; porem foi condemnado por erroneo, visto como perdeu o seu lugar, a sua relação e a sua confirmação nos conhecimentos anteriormente adquiridos, condições essenciaes da verdade scientificamente demonstrada. Quando se diz que o positivismo é a doutrina do real, confundem-se as duas noções em prejuizo da logica. Devêra definir-se — o positivismo é o systema philosophico, que só admite a verdade calcada sobre os dados da observação e da experiencia, segundo os processos logicos de inducção e deducção. Tudo o que transcende estes limites pertence ao dominio da metaphysica, da phantasia, da illusão, do sonho e da fé, que, embora real, não é verdadeiro por não ser positivamente demonstravel.

Veremos na sequencia deste estudo que o exclusivismo sectario do contismo prejudica, em grande parte, os estudos historicos, desprezando uma fonte importante de conhecimentos — a lenda. Preferimos, neste particular, o ponto de vista superior de Herbert Spencer, que abre o primeiro capitulo da sua obra fundamental — os *Primeiros Principios* com estas observações magistraes:

“Acontece-nos, muitas vezes, esquecer que ha uma *alma de bondade nas coisas más*, sinão tambem que ha uma alma de verdade nas coisas falsas. Si ha pessoas que admittem, de um modo abstracto, que uma falsidade contém provavelmente um nucleo de verdade, poucas ha que pensam nisso quando emittem um juizo sob a opinião de outrem. Rejeita-se com indignação e desprezo uma crença, que choca fortemente a realidade; e, no calor da lucta, ninguém indaga do que a recommendava aos espiritos. No entanto, é forçoso reconhecer que ha nella alguma coisa que a impoz. E é o caso de crer que ella concorda com certos dados da experiencia dos homens por uma correspondencia talvez imperfeita e vaga, mas, todavia, real. A narrativa mais absurda mesmo póde ter a sua origem num acontecimento real, e, si tal acontecimento não tivesse existido, a idéa extravagante que se fazia delle nunca teria nascido. Posto que a imagem ampliada e deformada que nos transmite o prisma da fama, seja differente da realidade, comtudo sem a realidade não haveria imagem ampliada e deformada. E’ o que se dá com as crenças humanas em geral. Ainda que nos pareçam absolutamente falsas, póde-se admittir que tiveram origem nos factos reaes que continham originariamente, e talvez contenham ainda alguma parcella de verdade. Convem sempre suppô-lo, quando se trata de crenças que reinaram longo tempo ou que se alastram ao longe, e sobretudo dessas crenças vivazes, que são quasi ou inteiramente universaes”.

Esse criterio do egregio philosopho inglez inspira e domina todas as suas idéas sobre as relações entre a religião e a sciencia, e vai nos orientar na ardua tarefa de analysar os primeiros capitulos da Biblia no tocante ao nosso thema. A primazia que concedemos a esta obra celebre, o que não exclue, em nosso modo de ver, outros subsidios historicos, justifica-se pelo prestigio que tem gosado e pela influencia que tem exercido nos povos mais civilizados da terra, sendo considerada pelos christãos como a fonte do seu credo religioso, inspirada pelo proprio Deus. “Foi a Biblia, e não a philosophia um pouco arrogante dos gregos, a primeira educadora da Europa, preparando-a para se impregnar do hellenismo desde a renascença, abrindo-lhe perspectivas mais largas e habilitando-a pouco a pouco a não carecer della (*en la mettant peu á peu en état de se passer d'elle*).” (1)

II. — Não ha, todavia paginas que tenham dado logar a tão tormentosas e interminaveis controversias como os tres primeiros capitulos do *Genesis*. Basta só lembrar que ahi se expõe a origem do céo e da terra, do sol e da lua e das estrellas, em summa, de

(1) Salomon Reinach — “Orpheus” p. 256.



todos os seres do universo, especialmente dos viventes na terra, inclusive o homem e a mulher. Trata-se ahi da habitação do primeiro casal humano, da desobediencia de Eva, seduzida por uma serpente, da queda de Adão, seduzido por sua cara metade e do peccado original, um dos pilares da fé christã. Esses magnos problemas que têm preocupado o espirito humano ahi estão resolvidos pelo simples influxo da vontade divina, pelo poder magico do verbo omnipotente de Deus. E, assim, grande numero de povos, embaçados no engano ledo e cego da *loucura do céu*, têm repousado no regaço mystico do judaismo.

Mas, todo o apparatuso artefacto biblico, apesar do seu prestigio mysterioso e vetusto, tem sido demolido de alto a baixo, impiedosamente, pela critica historica e pelas sciencias naturaes dos ultimos tempos, desde a renascença até ao seculo actual, desde Copernico e Galileu até Darwin, Haeckel e seus epigonos. Não é mais possivel admittir um Deus patriarchal, passeando num jardim, ralhando com seus filhos desobedientes, tomando o fresco, absorvendo o fumo dos sacrificios, mostrando as costas a Moysés, prescrevendo ordenanças aos exercitos até para a remoção e inhumação das fezes humanas, impondo abominaveis morticínios e punindo os chefes que não mataram bastante gente. Ha scenas tão aviltantes da magestade divina, qualquer que seja a idéa que se faça de Deus, que repugna dal-as actualmente a conhecer ao publico. No entanto, vamos referir ligeiramente uma, como espécimen. E' o encontro de Jacob, em sua volta ao paiz de Chanaan, com o proprio Jehovah, que lhe apparece em fórma de espectro. Jacob trava uma lucta corpo a corpo com elle, vence-o e obriga-o a abençoal-o. Apesar de ter ficado com uma côxa atrophiciada e paralytica, o patriarcha exclama triumphalmente: "Eu vi a Deus face a face e a minh'alma foi salva." (2) Voltaire, commentando esta passagem mirifica, conclúe nos termos seguintes: "E' surprehendente que Jacob, ferido na côxa e com essa côxa resequida, ainda tenha força para luctar contra Deus e para lhe dizer arrogantemente: — *Não te largarei emquanto não me abençoares*. Tudo isto é inexplicavel pelos nossos fracos conhecimentos." (3) E Leo Taxil: "Seja como for, não é sem um dôce sorriso que a gente lê a narração dessa aventura. Não creio que nenhuma mythologia represente um homem assaz robusto para pespegar uma sova a um Deus, e até Jacob portou-se firme e levou vantagem, mesmo depois que o espectro luctador lhe inutilizou a côxa." (4) Em uma multidão de pontos, os livros sagra-

(2) "Genesis", cap. XXXII, v. 24 a 31.

(3) Voltaire — "Oeuvres", ed. de 1865, tom. VI, p. 356.

(4) Leo Taxil — "La Bible amusante", p. 204.



dos enunciam factos em desaccôrdo completo com as theorias modernas da cosmogonia, da ethnologia, da astronomia, da geologia, da physica, da chimica, etc., etc. E' maravilhosa a obra dos seis dias! Petrificada em dogmas, tornou-se um obstaculo multiseccular a todo progresso e um alvo aos ataques dos pensadores livres. Qualquer descoberta scientifica foi de encontro a um dogma religioso, desde a redondeza e o movimento da terra até ao brilho das estrellas e á agglomeração das nebulosas. A origem da vida e dos seres vivos com a sua infinidade de espécies foi outra pedra de escandalo para os defensores da fé. Leia-se a obra — *Les Conflits de la Sciencia e de la Religion* de Draper e ver-se-á o martyrologio dos sabios e bemfeitores da humanidade. São innumerables os trabalhos neste sentido. *A Velha e a Nova Fé* de Strauss e *Os Enigmas do Universo* de Haeckel dão conta dos avanços da sciencia contra os arrochos archaicos das Sagradas Escripuras. A tactica da igreja tem sido sempre oppôr-se com todas as forças, com ferro e fogo, com sophismas e embustes, a todas as innovações contrarias aos seus dogmas. Mas, si a verdade nova triumphava soberanamente, de modo a não poder ser mais sophismada, procura-se logo pô-la de accôrdo com a Biblia, manancial inexgotavel nas mãos dos seus exegetas irreductiveis. *On trouve avec le ciel des accommodements*, como diria o *Tartufo* de Molière. (5) Um theologo liberal teve a audacia de responder á these orthodoxa: "Si foi Deus quem escreveu ou inspirou a Biblia, seria preciso suppôr-o mentiroso ou ignorante." E Salomão Reinach accrescenta: "Como se mostrou no Antigo Testamento uma chusma de erros e contradicções e de absurdos manifestos, a orthodoxia, para salvar a autoridade do texto sagrado, inventou o *concordismo*, falsa sciencia, que consiste em achar, a todo o transe, um accôrdo perfeito entre as sciencias modernas e os conhecimentos do povo de Deus. Assim, affirma-se que os dias da criação não são dias, mas *periodos*, embora o texto sagrado note a manhã e a tarde de cada dia. Ainda mais, o abbade Moigno descobriu na 2.^a epistola de S. Pedro a theoria moderna que reduz a composição dos corpos ao hydrogenio." (6)

III. — Iriamos demasiado longe, sem esperanza de norteação ou bom porto, si nos aventurassemos ao *mare magnum* das controversias biblico-scientificas. Quem tiver forças e envergadura para tal commettimento arrojese aos quatro grossos volumes de *Les Splendeurs de la Foi* do sabio jesuita acima alludido. Vamos, pois, nos restringir á criação do homem e da mulher para poder-

(5) Molière — "Le Tartufo act" IV, sc. V.

(6) Salomon Reinach, "op. cit., p." 253 e 254.



mos abordar o nosso assumpto. E' muito conhecida a genese humana constante dos catecismos christãos para uso dos fieis e profanos. No sexto dia, depois de ter creado as diversas especies de animaes terrestres, Deus disse: "Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do céu, ás bestas e a todos os reptis... e creou Deus o homem á sua imagem, macho e femea os creou, os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a e dominai todos os seres vivos. E viu Deus todas as coisas que tinha feito e eram muito boas. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia. E assim foram acabados o céu e a terra com todos os seus ornatos ou accessorios. E acabou Deus no dia setimo a obra que tinha feito; e descansou no dia setimo de toda a obra que fizera". (7)

Deixando de parte o modo de falar nõ plural usado por Deus, em que os theologos descobrem o fundamento da Santissima Trindade e os livres pensadores vêem uma sobrevivencia do polytheismo anterior dos judeos, passando em silencio a insolúvel questão de ter Deus creado o homem á sua imagem e semelhança, macho e femea, manifestação clara do anthropomorphismo commum a todas as religiões, e, analysando sob outro ponto de vista o texto acima, parece que a obra da criação está inteiramente acabada no setimo dia, que Deus santificou para seu descanso. Pois não ha tal: a obra continúa ainda com uma nova formação do homem do *humus* da terra, inspirando-lhe no rosto o supremo Artifice um assopro de vida. Collocou- ao homem num paraíso ou jardim de delicias por elle mesmo plantado, com toda a casta de arvores formosas á vista, e a arvore da vida no meio do paraíso com a arvore da sciencia. Deu-lhe permissão para comer de todos os fructos das arvores do paraíso, menos o fructo da arvore da sciencia. E, afinal, achando que Adão estava só e precisava de uma adjutorio, infundiu-lhe um somno profundo e arrancou-lhe uma das costellas, com que fez a mulher, que apresentou a Adão para sua companheira. E deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá á sua mulher, e serão dois numa só carne.

Esta segunda narração, com todos os seus pormenores, até a topographia do jardim d'Eden, terminada pela expulsão do casal peccaminoso, está no II e no III capitulos do *Genesis*, e é innegavel que não pertence ao mesmo autor, nem á mesma tradição da primeira. São duas versões inconfundiveis. A' fina perspicacia de Voltaire não escapou esta dualidade, que a orthodoxia quer fundir numa unidade, como obra exclusiva de Moysés sob a inspiração do Espirito-Santo. Diz ironicamente o grande philosopho, com-

(7) "Genesis," caps. I "in fine" e II "in principio".



mentando o final da criação no dia sexto: Eis aqui o homem e a mulher creados; e, no entanto, quando toda a obra da criação está completa, o Senhor forma ainda o homem, e lhe toma uma costella para della fazer a mulher. Não é, sem duvida, uma contradicção: é antes uma maneira mais extensa de explicar o que elle tinha a principio annunciado". (8). Mas a verdadeira explicação desta anomalia encontramol-a em Salomão Reinach. "O medico francez Astruc — diz aquelle sabio tambem francez — foi quem na século XVIII, reconheceu que as duas principaes designações de Deus no *Genesis* não são empregadas arbitrariamente. Pondo lado a lado as passagens, em que Deus é chamado *Elohim* e as, em que elle é designado com o nome de Jahveh, obtém-se duas narrações distinctas, que o redactor do Pentateuco, tal como o possuímos, justapoz, mas não fundiu. Só esta descoberta basta para repellir a attribuição destes escriptos a Moysés, que não podia ser um compilador inintelligente, e a theoria da inspiração divina do texto biblico". Reinach faz em seguida o confronto entre as duas versões, não deixando nada a desejar a respeito, e conclúe: "Assim, com toda a evidencia, a criação é narrada de dois modos differentes no *Genesis*. Ainda mais: ha vestigio, no Antigo Testamento, de uma *terceira* lenda, tomada á dos babilonios, em que Marduk crêa o mundo á custa de uma victoria sobre as aguas do abysmo — Tiamet." (9) E passa a demonstral-o com diversas citações dos prophetas, que não veem ao nosso caso.

IV — Agora é que vamos descobrir a verdade envolta no manto diáphano da phantasia, segundo a expressão de Eça de Queiroz, ou a particula de verdade nas crenças mais falsas, conforme o ensinamento de Herbert Spencer. Foi um pouco longo o nosso trajecto; mas era preciso vencel-o para melhor comprehensão do que temos de expender sobre o nosso melindroso thema.

Posto no paraiso terrestre, Adão e Eva gosavam de uma felicidade perfeita e não estavam sujeitos nem ás molestias, nem á morte. Eram como creanças, simples e sem malicia. Eis porque a Escripura nos diz que elles estavam nus e não se envergonhavam; eis o primeiro estado do homem sobre a terra. *Erat autem uterque nudus... et non erubescabant.* (10) Este estado de perfeição inicial d'Eden pinta-o com as côres da mais encantadora poesia o genio incomparavel de Milton no *Paraiso Perdido*, livro IV. Nessa epopéa sublime, a lenda paradisiaca alcançou a mais bella e inexcedivel expressão. Todavia, dessa condição de beati-

(8) Voltaire, "op. cit." p. 356.

(9) Salomon Reinach — "Op. cit.," ps. 256 a 260.

(10) "Genesis," cap. II, v. 25.



tude angelica breve decahiu o casal humano pela desobediencia ao Creador, pelo peccado. Comeram do fructo prohibido.

*Uma vez a serpe audaz,
Ou, como diz a Escriptura,
O animal mais sagaz,
Vê a mais bella feitura
Das mãos do supremo Oleiro,
E quer dar-lhe, em terno riso,
Os gosos do amor primeiro,
Delicias do paraíso.*

*Contra a ordem soberana
Se expande por toda a terra
Uma voz gárrula, ufana,
Um novo hymno, que encerra
Mais sublime criação,
Mais harmonia e primor,
O canto do pai Adão
Preso nos laços do Amor.*

*Aos olhos do joven par
Cae da treva o espesso véo;
Pullula a vida no mar,
Na terra, no ar, no céu.
Tudo segue o doce exemplo
Que á felicidade conduz:
A Natureza é um templo,
Pélagos immensos de luz.*

No mesmo ponto, se lhes abriram os olhos, e, tendo conhecido os dois que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, fizeram para si umas cintas e se esconderam da face do Senhor no meio das arvores.

Milton acha insufficientes as folhas da figueira commum para as cintas pudicas de nossos primeiros pais, corridos de vergonha. Serviram-lhes de reparo as folhas da grande arvore hoje conhecida dos indios do Malabar e do reino do Decan, cuja copa, elevada e basta, serve de abrigo aos pastores e rebanhos. O poeta inglez compara Adão e Eva, assim vestidos, aos americanos encontrados por Colombo, usando uma cinta de plumas, nus quanto ao resto do corpo, salvagens vagando entre as arvores nas ilhas e



nas mattas umbrosas do Novo Mundo. (11) Depois que Noé vulgarizou a cultura da uva e o uso do seu nectar ambrosiaco como tonico e excitante do systema nervoso, os artistas, principalmente os pintores, começaram a empregar a symbolica folha da vinha em substituição da classica folha da figueira. Eis o segundo estado do homem sobre a terra, já resguardando parte do corpo, envergonhado da sua nudez. Quando, porem, Jehovah deu com os olhos nos miseros peccadores, comprehendeu logo que elles haviam infringido a sua ordem soberana, impoz-lhe diversos castigos e expulsou-os do paraíso, para que elles não comessem tambem da arvore da vida e vivessem eternamente. Antes de pôl-os fóra, fez-lhes umas tunicas de pelles e os vestiu. Este é o terceiro estado do homem quanto ao resguardo do corpo. Da nudez primitiva ás tunicas de pelles ha um progresso evidente e incontestavel. Estas, mais amplas e impermeaveis, pódem envolver todo o individuo ou grande parte dos seus orgams externos, defendendo-os das intemperies e dos attritos do mundo. Aqui o intuito é claro: não se trata mais do medo de olhares extranhos ou de mero pudor; mas de apparelhar o corpo para as luctas da vida pratica, por isso que o homem tinha agora de ganhar o pão com o suor do seu rosto. Até aqui nada de tecidos, nem ornatos, nem pedrarias, nem calçados, nem luvas, nem chapéos, productos de uma civilização superior. Adão ainda era frugivoro; não tinha utensilios proprios para desfibrar as cascas das arvores nem para matar e esfolar os animaes. Eva não sabia coser, nem tecer, E, victimas do amor, iam aprender á sua custa a viver por conta propria, na labutação e na dôr, em plena liberdade, conscios do valor proprio, ardorosos na lucta pela vida, até tornarem á terra, a mãe commum, de que foram tomados. (12) A sua origem humilima, emergindo do reino animal, foi e continúa a ser o maior pedestal de gloria da humanidade. A idéa de queda ou peccado original, presuppõdo um estado angelico inicial, commum a diversas religiões, surgiu de um orgulho mal entendido, quando o homem, já tendo galgado pelos proprios esforços, conscientes ou inconscientes, através de séculos, um alto estadio evolutivo, inventou as lendas da sua origem divina. *Qui veut faire l'ange fait la bête*. Mais uma vez se confirma a sentença de Pascal. Seja-nos licito, desde já, combatendo esse falso orgulho, citar as palavras justas de Thomaz Huxley no seu notavel tratado — *Do Logar do Homem na Na-*

(11) Milton, "Paradise Lost," IX.

(12) Genesis cap. III, v. 19. — Comquanto a Biblia diga que foi o proprio Jehovah quem fabricou umas tunicas de folhas para resguardar a nudez do casal edenico, devemos entender que foi o proprio homem quem, no correr das idades, depois de ter sido primitivamente trepador e frugivoro, se tornava tambem caçador e carnivoro.



tureza "Os homens que pensam, uma vez livres da cega influencia dos prejuizos tradicionaes, acharão no facto mesmo da elevação do seu semelhante de um tronco inferior, em que teve nascimento, a melhor prova da grandeza das suas forças; reconhecerão, nos lentos progressos através das idades decorridas, motivos razoaveis para crer na realização de um futuro mais nobre."

(13) O que está assentado definitivamente é que o homem não teve idade de ouro nem do paraíso. Os primeiros habitante da terra não tiveram uma vida de plena quietação, de constante serenidade, mas ao contrario uma existencia de duro e penoso labor, de cuidados pungentes e incessantes. Quando appareceram as idades do bronze e do ferro, não houve nisso nenhuma decadencia, mas um aperfeiçoamento, um rapido progresso tendente á emancipação do homem.

V.—O estudo do nú póde ser dividido em diversas partes: o nú religioso, o nú scientifico, o nú esthetico ou artistico, o nú moral e o nú pornographico. O primeiro é imposto como oblação aos deuses e se encontra na anthropophagia de muitas tribus selvagens, no culto de Mylitha e de Phallus na Chaldéa; o segundo tem por objecto a investigação da verdade em beneficio do individuo e da sociedade como nos amphiteatros anatomicos e na clinica medica; o terceiro tem por objecto o bello como nas artes plasticas e do desenho; o quarto se exhibe de accôrdo com os bons costumes entre os selvagens e mesmo entre os povos civilizados como nas relações intimas do amor, na presença das crianças e dos animaes e nos banhos collectivos do Japão; o quinto, finalmente, é a aberração do instincto sexual, o excesso, a decadencia, o pathologico, a prostituição. O senso moral moderno só permite o nú moral, o nú scientifico, e o nú esthetico ou artistico, assim mesmo com muitas restricções, algumas razoaveis, muitas tendentes a desaparecer com o melhoramento dos costumes.

O estudo da Natureza, para o descobrimento da verdade, que é o campo da sciencia, abre uma vasta perspectiva ás manifestações das artes estheticas. O botanico, estudando as flores como orgams da geração, nos seus elementos anatomicos e physiologicos, tem occasião de admirar a belleza dos seu contornos e das suas côres, e de gosar os seus perfumes inebriantes. O cientista que obsarva os seios de uma joven e formosa, não se limita sómente a pensar nos seus tecidos e grandulas, na composição e funcionamento da sua epiderme ou na sua deliciosa secreção lactea. Mas ficará exactico ante aquellas curvas e intumescencias capitosas, culminan-

(13) "Apud" Büchner — "L'Homme selon la Science," traducção franceza, 3.ª edição, p. 99.



do em dois pontos roseos convidativos de beijos. Qual o sabio incapaz de sentir toda a belleza destes versos de Camões?

*Os crespos fios d'ouro se exparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tectas lhe tremiam,
Com que amor brincava, e não se via;
Da alva petrina flammæ lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enroscavam. (14)*

Não era nem scienista nem poeta quem affirmou que a poesia é incompativel com a sciencia, que esta estanca as fontes da inspiração e da phantasia. E' o contrario. E' o contrario o que affirmam os grandes cultores das sciencias naturaes. Herbert Spencer assim se exprime: "Não esqueçamos agora est'outro grande facto: que não sómente a sciencia está na base da esculptura, da pintura, da musica, da poesia, mas que a sciencia é ainda a propria poesia. A opinião de que a sciencia e a poesia são oppostas uma a outra provém de uma illusão... A sciencia abre aos sabios mundos de poesia, onde o ignorante nada vê. Os homens dados a pesquisas scientificas nos mostram a todo o momento que sentem não só tão vivamente, mas até mais vivamente do que os outros, a poesia do seu assumpto... Aquelles que estudam a vida de Goethe sabem que o poeta e o homem de sciencia pódem existir ambos com igual plenitude no mesmo individuo. Não é uma idéa absurda e sacrilega acreditar que quanto mais estudamos a Natureza menos a reverenciamos?" (15) E o grande philosopho da natureza prosegue exemplificando os casos de observação scientifica cheios de uma poesia encantadora. Cada obra de um sabio eminente é uma epopéa cyclopica. Haeckel dá eloquentes testemunhos disso. A verdade é que aquelles que nunca penetraram nos dominios da sciencia são cegos para a maior parte da poesia que os cerca.

VI. — Vejamos agora como a sciencia explica a evolução do vestuario. A hypothese da continuidade entre os homens e os outros animaes, em outros termos, da origem animal do homem, é hoje uma verdade inconcussa, mau grado a resistencia das tradições obsoletas. A theoria do transformismo das especies, formulada por Lamarck, Wallace e Darwin foi a maior conquista

(14) "Lusiadas", canto II, est. XXXVI.

(15) "De l'E'ducation" trad., 4.^a ed.

dos tempos modernos. O homem não é um Deus decahido da sua grandeza primitiva; mas o ultimo rebento da arvore genealogica da vida. "Foi lentamente — ensina Büchner — através de myriadas de annos, de gerações sem numero, que elle se desenvolveu, como todos os seres organizados; foi como um selvagem grosseiro, elevando-se apenas acima da animalidade, que se estreou na existencia." (16) Está assentada nos dados mais irrecusaveis a sua grosseria nativa. Habitou provavelmente a Asia meridional, a Africa occidental, ou mesmo um continente hoje submergido. Os nossos primeiros antepassados, ramo collateral de um tronco commum aos simios anthropomorphos actuaes, ainda não eram dotados da palavra articulada, o instrumento poderoso com que obtiveram a primazia do *homo sapiens*. Muitas razões autorizam a suppôr, segundo Haeckel, que o homem primitivo tinha cabellos lanosos, era prognatha, de cabeça alongada e pelle de côr escura ou negra. O systema piloso devia ser sobre o corpo mais rude e mais denso do que em nenhuma das outras especies humanas posteriores; os braços eram tambem mais longos e mais fortes; as pernas, mais curtas e mais delgadas, sem barriga. Andando, devia suster-se meio erguido com os joelhos dobrados e dirigidos para dentro. A condição desse bipede lanudo era mais miseravel do que a dos selvagens actuaes. Muitos povos conservam della uma vaga lembrança nas sua lendas e tradições, confirmadas, neste particular, pelas investigações scientificas. "A pintura que della fazem começa no tempo em que o homem vivia nú sobre as arvores e ignorava o uso do fogo. Mais tarde vestiu-se de folhas e de cascas de arvores; mais tarde ainda, de pelles, etc." (17) Não é a mesma pintura biblica, despida dos adornos da phantasia?

Voltaire, notando que muitos povos não usavam vestimenta, pondera com muito criterio: "E' muito provavel que o frio fez inventar as roupas; as mulheres sobretudo fizeram certas cintas *pour recevoir le sang de leurs règles*." E' fóra de duvida que a invenção do vestuario provém principalmente da necessidade de preservar o corpo das intempéries do ar, de defendel-o contra os espinhos, os insectos e em geral contra os diversos contactos que pôdem ferir a sua fragil organização. O pudor e ornato são necessidades secundarias. "As primeiras vestes — diz Alfredo Maury — foram ora feitas com folhas, ou cascas das arvores, ora com a pelle dos animaes." (18) Alguns povos selvagens borram o corpo de lama e greda, tornando a pelle encascorada e menos sensiveis ás influencias exteriores. Com o correr dos tempos,

(16) Büchner — "L'Homme selon la Science," trad., 3.^a ed.

(17) Büchner — Op. cit.

(18) Alfred Maury — "La Terre et l'Homme," p. 727.



o homem aprendeu a traçar as fibras vegetaes, a preparar o coiro e a tecer os filamentos das plantas, a palha, a lã e o pello. Muito mais tarde houve a invenção da roca com o respectivo fuso e a lançadeira. Foi um immenso progresso, cuja origem é tão antiga que os gregos a referiam á idade heroica. O homem passou a vestir-se de tecidos varios, cada vez mais confortaveis, aprimorando-os com ornatos diversos. O gosto do enfeite e do adorno era common aos dois sexos; mas com o tempo tornou-se predominante na mulher, com as tintas berrantes e as cabelleiras de formatos bizzarros. "A esse respeito — diz Letourneau — as mulheres europeas contemporaneas estão mais perto das épocas barbaras do que os homens: o toucado bem feito, os chapéos espaventosos, o gosto pelas côres vivas, os arrebiques, de que algumas usam, são reliquias de um passado selvagem". (19) A perfuração das orelhas se refere a uma phase inteiramente rudimentar da civilização, á phase das mutilações. Outra sobrevivencia dos tempos primitivas, mas persistente e mais difficil de modificar, é relativa aos uniformes dos officiaes militares, ás togas dos magistrados e ás sotainas dos padres, variegadas de côres diversas e garridas, para infundir o respeito e a veneração das massas. Letourneau prevê que havemos de renunciar a esses trajos selvagens como já renunciámos á perfuração do nariz e á deformação do craneo.

A mesma necessidade de resguardar o corpo e depois o gosto do ornato e o pudor determinaram a invenção das luvas e das botas e sapatos nos paizes frios e das sandalias nos paizes tropicaes. A necessidade de andar sobre um solo sempre gelado, onde o pé resvala facilmente, deu nascimento aos patins que as tribus siberianas fabricam com muita habilidade. A cabeça, exposta á chuva e ao sol nas regiões quentes, deu lugar aos chapéus e a outros artefactos especiaes.

(*Continua*)

(19) Letourneau, "La Sociologue, p. 85.





A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

HELIO LOBO

PRELIMINARES

Os antecedentes da Sociedade das Nações estão na marcha mesma da humanidade. A Sociedade das Nações busca melhorar a cooperação internacional pela conservação da paz e o afastamento da guerra. Outro não é o fim da humanidade na sua longa estrada de esperanças e sofrimentos.

O TRATADO DE WESTPHALIA, 1648.

Pode-se dizer que com o Tratado de Westphalia (1648) nova era surge para as relações internacionaes. Porque ficou reconhecida a entidade internacional dos estados e a necessidade de sua cooperação. (1)

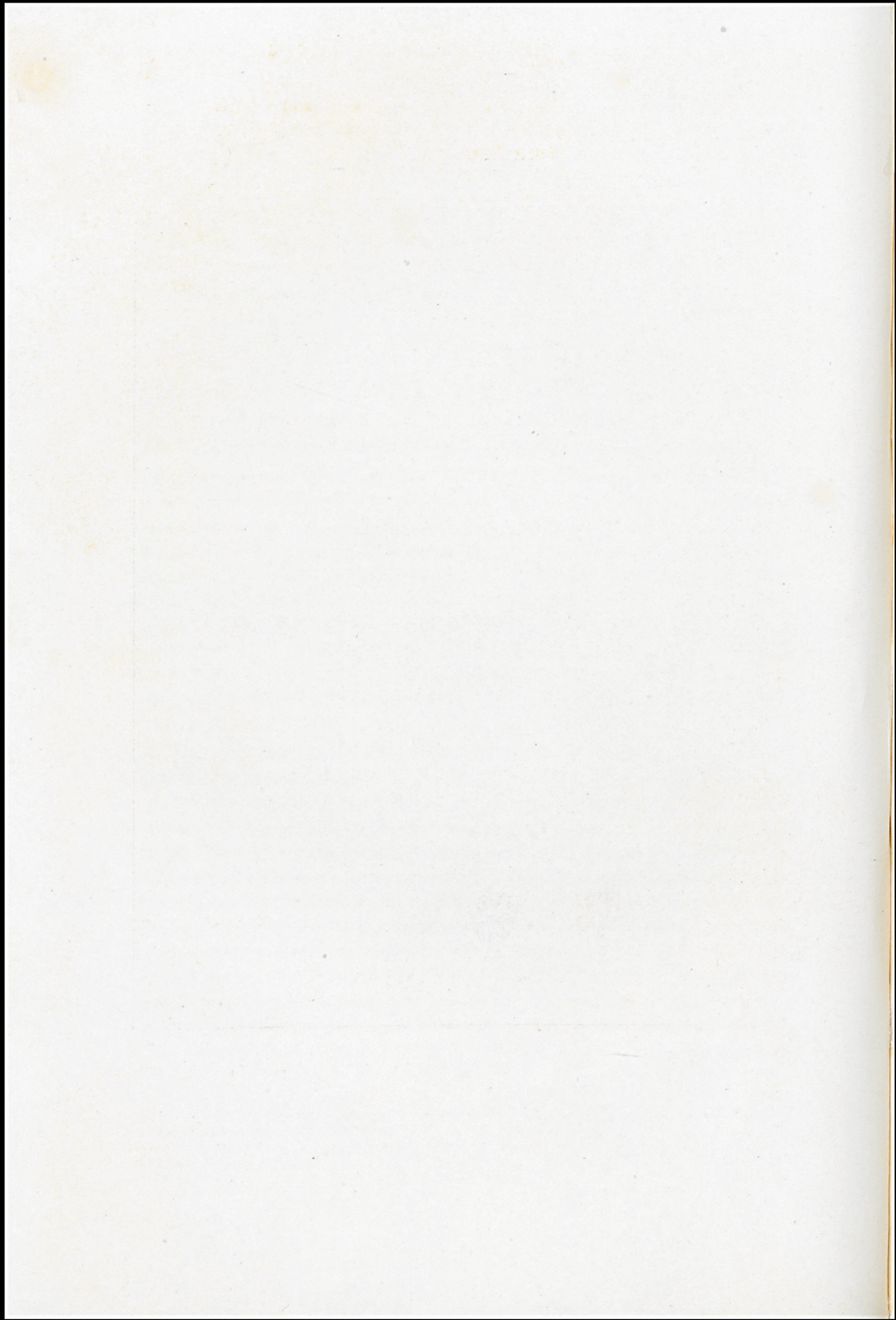
Esse tratado encerrou a guerra dos trinta annos, de desastrosas consequências para a Europa. Para evitar a reproducção de taes calamidades, cuidaram as potencias victoriosas formar uma liga encarregada de resolver as rixas e intervir quando o equilibrio, desde então inaugurado, se rompesse. "A mais importante guerra do começo da idade moderna pelos seus resultados de devastação, de prejuizos humanos, pelo tempo de duração, escreveu Estacio Coimbra ao assignar seu parecer sobre a Liga das Nações (Camara dos Deputados do Brasil, 21 de setembro de 1919), havia desper-

(1) "From the thirty year's war emerged a system of national states, in which each state was presumed to represent a nation, and, regardless of its size or influence, to be absolutely independent and sovereign, — to be, in — theory if not in fact, quite equal to every other estate": Carlton J. A. Hayes, *The Historical Background*, in Duggan, *The League of Nations*, The Atlantic, Monthly Press, Boston, 1919, pag. 24.

ARTE NACIONAL



Sartorio — Projecto ao monumento dos Andradas



tado no espírito dos chefes de governo a necessidade de evitar, ou, pelos menos, dificultar uma nova calamidade social. Era o primeiro passo para a Liga das Nações”.

HUGO DE GROTIUS 1583-1645

Foi ao tempo desses terríveis sucessos que viveu o chamado Pai do Direito das Gentes. Hugo de Grotius escreveu, sob a inspiração delles, o seu *De Jure Belli ac Pacis* (1625), e o exito da obra foi tal que impressionou a opinião. Conta Martens que Gustavo Adolpho da Suecia o sobraçava com o Evangelho, ao troar das batalhas. Compendiando com humanidade os preceitos da guerra, esse livro teve influencia predominante na evolução do direito internacional.

EMERIC CRUCÉ, OU O NOUVEAU CYNÉ. 1623.

O furação das guerras ia inspirar tambem outro grande espirito. Assim vemos a Emeric Crucé procurando dar paz ao mundo com o seu *Nouveau Cyné* ou *discours Etat représentant les occasions et moyens d'estblir une paix générale et la liberté du commerce partout le monde dédié au monarques et princes souverains de ce temps* (1623).

A seu juizo, todas as questões e disputas internacionaes deviam ser resolvidas por um conselho constituido pelos representantes dos monarchas e principes soberanos. Esses delegados jurariam considerar lei o que fosse decidido pela maioria, coagindo pela força os estados recalcitrantes. Veneza seria a sede do conselho, que obraria pela persuasão, e, caso preciso, pela força. (2)

No seu profundo amor da humanidade, Crucé confessa que a paz universal não é uma utopia como a Republica de Platão, e préga o combate aos exercitos permanentes. Segundo seu conceito a concordia deve apoiar-se no commercio. Do Conselho escreve Crucé estas palavras: “Cette compagnie donc jugerait les débats qui surviendrait tant la présence que pour autre chose, maintiendrait les uns avec les autres en bonne intelligence, irait au devant des mecontentements, et les apaiserait par la voie de douceur, si faire se pouvait, ou, en cas de nécessité, par la force”.

Para levar a cabo seu intento, não escondia Emeric Crucé “qu'il fallait qu'un puissant prince exhortait tous les autres a suivre le réglement susdit”.

(2) Ver, para pormenores, a magnifica traducção de Thomas Willing Balch, Philadelphia, 1909.—Tambem C. G. Drossinis, *Un précurseur français de la Société des Nations*, no *Journal de Geneve* de 29 de setembro de 1919. Drossinis julga ter-se inspirado o Presidente Wilson na traducção de Balch.

HENRIQUE IV E O DUQUE DE SULLY. 1634.

Onze annos depois, conhece-se em Paris o **Grande Designio**, com que, segundo parece, Henrique IV, vencida a Austria, queria reconstituir a Europa. O projecto é attribuido ao soberano pelo seu grande ministro Sully, e, segundo seu teor, quinze paizes do continente deviam formar-se em republica christã, governada por um conselho de deputados, escolhidos de tres em tres annos, á razão de dois por paiz.

Tinha o conselho das Nações competencia para "juger souverainement de tous les différends qui pourraient intervenir entre elles, mais principalement touchant les religions, les limites d'entre les dominations voisines, les contributinos pour l'entretien continuel des armées tres chrétiennes et les distributions de terres et seigneuries qui se conquerront: les décisions desquelles devaient être tenues de tant infallible observation que le premier qui eût fait la moindre demonstration d'y vouloir manquer, tous les autres quatorze potentats se fussent bandés contre lui" (3).

WILLIAM PENN E SEU PROJECTO. 1693.

Não ficou, porem ahi o ensaio de pacificação geral do mundo. Raivando a guerra que separou de um lado a Grã-Bretanha, a Hollanda, a Austria e a Hespanha, e de outro a França (1688-1697), outro espirito liberal buscou remedio aos males desencadeados na formação de uma **League of Nations**. Pela primeira vez a expressão surge, e a emprega William Penn no seu projecto de paz geral (1693).

"Most wars, escreveu elle, are due to wrong received or to right refused. Hence Justice is the best means of preventing wars, both at home and abroad". Tal justiça se obteria pelo intermedio de um parlamento internacional, denominado **The Sovereign, Imperial, Dyet, Parliament or State of Europe**, constituido de representantes dos paizes europeus, segundo a importancia de cada um, medida essa importancia pelos recursos de importação e exportação, as rendas e os impostos. Tomar-se-ia o voto por estado e por dois terços de maioria; e si algum membro da liga se recusasse a aceitar a decisão geralmente tomada, ou a apresentar sua pendencia a julgamento, ou ainda procurasse o remedio nas armas, "all the other sovereignties, united as one strength, shall compel the submission and performance of the sentence, with damages to the suffering party, and charges to the sovereignties that oblige their submission".

(3) Confere: **La Prochaine Société des Nations, na Paix des Puples**, I, n. 2, pag. 277.



Como se vê, vai-se accentuando a evolução do organismo. O projecto, entre outras medidas, procura estabelecer tambem a redução dos armamentos. (4)

O ABBADE SAINT PIERRE. 1713.

Com o Tratado de Utrecht findou a guerra de sucessão de Hespanha. Secretário do plenipotenciário francez, procurou o Abade Saint Pierre organizar a concordia do continente pela aceitação, por parte das nações nelle existentes, de "cinco artigos fundamentaes de uma alliança absolutamente necessaria para haver paz duravel" (1713).

Preceituava o artigo primeiro, que os soberanos assignariam uma alliança perpetua "pour se procurer mutuellement, durant tous les siècles a venir, entière sûreté contre les malheurs des guerres étrangères et des guerres civiles et la conservation em entier de leurs Etats; estatua o segundo, que cada estado concorreria "á proportion a la sûreté et aux depenses communes de la grande alliança; exprimia o terceiro, que os grandes aliados, para solução de todas suas questões renunciariam "pour jamais, pour eux et leurs successeurs, à la voie des armes et conviennent de prendre dorénavant, la voie de conciliation par la mediation du reste des grands alliés, dans le lieu de l'assemblée générale; dispunha o quarto, que si algum membro da alliança recusasse executar o julgamento proferido negociasse tratados ou fizesse preparativos de guerra, "la grande alliance armera et agira contre lui, offensivement, jusque ce qu'il ait executé les dits jugements ou réglemens, ou donné sûreté de reparer les torts causés par ses hostilités et de rembourser les frais de guerra"; finalmente, o quinto artigo exarava que os aliados, por maioria de votos, "regleront, dans leur assemblée perpétuelle, tous les articles qui seront jugés nécessaires et importants pour procurer a la grande alliance plus de solidité, plus de sûreté, et tous les autres avantages possibles: mais l'on ne pourra jamais rien changer de ces cinq articles fondamentaux que du consentement unanime des alliés".

(4) Ver **William Penn's Plan for a League of Nations**, by William I. Hull, Philadelphia, 1919. — Essa memoria, deveras interessante como precursora das ideas actuaes, foi publicada em Londres, pela primeira vez, anonymamente, em 1693, e, pela segunda, com o nome do autor, em 1694. Advoga nella William Penn a causa da paz rebatendo alguns dos argumentos que hoje commumente se têm nestes assumptos, dentre os quaes cumpre relevar a perda da soberania para os estados federados. "But this is also a mistake, escreve elle, for they would remain as sovereign at home as ever they were; neither power over their people, not the usual revenue they receive would diminished". Faz resaltar o annotador a actualidade dos argumentos então alinhados por Penn em defesa da sua **League or Nations**, comparando-os aos resultados das Conferencias da Haya e do Pacto de Versalhes. Penn diz, por exemplo, sobre a egualdade da representação, que "the stronger and richest sovereignty is not stronger and richer than all the rest" e que cada nação deve ter somente "a small force, such as it is capable or accustomed to maintain".

O projecto do abbade Saint Pierre institue, em consequência, um **senado da paz**, composto de 24 deputados, de mais de 40 annos, mantidos na **cidade da paz** pelos allados, durante todo o anno, com os vencimentos totaes de 72.000 libras. Esse senado, esclarece o escriptor, "ne forme par seulement un tribunal judiciaire, mais un corps politique, placé au dessus de tous les Etats et dispose de pouvoirs considérables et même de désigner les successeurs des souverains mourants sans heritier. Le sénat délibere, tantôt en assemblée générale, et tantôt en bureau". (5)

BENTHAM E KANT. 1789 e 1795.

Como é de prever, todos esses bem intencionados ensaios pré-gavam, por assim dizer, no deserto. De tempos a tempos, a guerra raivava de novo, com todo seu sequito de calamidades e soffrimentos. Era de homens, estava no seu sangue. Isso, aliás, não impedia que a melhoria das relações internacionaes se buscasse não somente pela obra dos pensadores, como pela acção dos proprios estados.

Duas revoluções politicas e uma industrial, rebentando com impeto, deram então novo rumo á civilisação. Com a revolução franceza integrava-se o homem nos seus direitos essenciaes; por obra da americana de independencia, reconhecia-se aos povos o direito de livre disposição; a revolução industrial apressou a marcha das causas e das ideas com a applicação do vapor ás manufacturas e ao commercio. Começavam a travar-se as questões politicas e economicas. Que rumo seguiriam os ideais humanitarios?

Dois pensadores lidam, entretanto, pela realização delles no campo das relações internacionaes: Jeremias Bentham, inglez, e Emmanuel Kant, allemão.

Partindo do ponto de vista de uma **entente** entre a Grã-Bretanha e a França, Bentham propõe a pacificação geral da Europa (1789) por esses dois paizes, mediante um tratado de desarmamento, o estabelecimento de uma côrte commum de justiça, sem meios, aliás, de coerção, a abolição da diplomacia secreta, e o abandono do systema colonial.

Kant, por seu turno, procura na sua **Paz Perpetua** (1795) a harmonia mundial pelo intermedio da constituição de uma **federação de estados livres** e o reconhecimento do direito á hospitalidade universal. O projecto de Kant offerece esta particularidade: ao contrario dos anteriores, elle não institue ligas de governos ou príncipes, e, ao contrario, ensaia apoiar-se na communhão social, fonte de todo poder official. São quatro as condições, segundo o philosopho de Koenigsberg, para uma paz universal duravel: representação popular no

(5) Ver, para pórmenores, Abbé de Saint Pierre, **Paix Perpetuelle**, 1713. — Tambem Carlton J. A. Hayes, **The Historical Background**, cit. pag. 25.

Governo, federação internacional de estados livres, cidadania universal, não intervenção de um estado na constituição e administração interna de outro.

A SANTA ALLIANÇA. 1815.

A Santa Alliança ligou as potencias colligadas contra Napoleão para a defesa do legitimismo. Codigo do absolutismo, como o denominaram, elle não podia, porem, perdurar porque feria de frente a evolução dos acontecimentos politicos.

Quatro congressos, como se sabe, procuraram concertar a acção dos imperantes contra a insurreição generalizada: Aix la Chapelle (1818), Trippau (1820), Laybach (1821) e Verona (1822). Mas viu-se logo que seria trabalho vão. A coligação logo se dissolveu, e foi a Grã-Bretanha quem deu o exemplo, inspirada não somente nas suas tradições liberaes mas tambem nas necessidades do seu commercio ultramarino.

Tem o compromisso da Santa Alliança um appello á religião, á paz, á justiça. Mas nem por isso deixou de ser um instrumento de dominação, posto em pratica, aliás em breve periodo, pelos chefes de governo.

Não procede, portanto, o paralelo que, aqui e acolá, se buscou traçar entre elle e o pacto da sociedade das nações. Emquanto o primeiro não passava de uma liga de soberanos com menos preço das prerogativas populares, o segundo procura ser uma associação da nações livres, cuja perenne inspiração reside no auscultamento da vontade internacional.

Este é o texto do artigo primeiro da Santa Alliança (14-26 Setembro 1915):

"Conformably to the words of the Holy Scriptures which command all men to consider each other as brethren, the contracting monarchs will remain united by the bonds of a true and indissoluble fraternity, and, considering each other as fellowcountrymen, they will, on all occasions and in places, lend each aid and assistance; and, regarding themselves toward their subjects and armies, as fathers of families, they will lead them, in the same spirit of fraternity with which they are animated, to protect religion, peace and justice".

A INDEPENDENCIA SUL AMERICANA. 1810-1824.

Em quanto a Santa Alliança ia intervindo no continente europeu, afim de repôr e garantir nos seus tronos os reis e imperantes, deixou-a obrar a Grã-Bretanha. Desde que ensaiou, porém, extender sua acção alem dos mares, com o fito de dominar as colonias hespanholas em via de emancipação, o veto do gabinete de S. James foi immediato. Os mercados americanos iam pertencer ao mais habil.

George Canning dirigia, a esse tempo, os destinos britannicos. James Monroe os dos americanos do norte. Da iniciativa do segundo, ou, melhor do seu secretario Adams, combinada com os propósitos do primeiro, surgiu a doutrina que, em 1823, declarou expressamente estar o continente americano a coberto das intervenções europeas, quer para lhe imporem a forma de governo, quer para o sujeitarem á colonisação.

Muito se escreveu e discutiu sobre essa doutrina, mas é claro que não responde ella pelas interpretações que, por varias vezes e maneiras, se procurou estabelecer. "Nenhum paiz poderá aqui supplantar a democracia em nome de Europa, nem tampouco poderá a Europa ensaiar a colonisação nestas terras", tal foi a essencia da doutrina, a cuja protecção devemos não nos tocar a sorte que coube á Asia e da Africa.

Presuppunha e annunciação da doutrina do quinto presidente um concerto de defesa contra a acção de ultramar. E assim se fez. Monroe resumiu numa mensagem feliz o pensamento que o continente não sabia enunciar, mas que procurou, de accordo com elle, praticar (6).

A independencia sul-americana foi factor relevante no desenrolar dos acontecimentos internacionaes. A theoria das nacionalidades, nascendo a medo na Europa, desabrochava com todo seu viço no novo mundo. A America começava a pesar na balança dos eventos universaes.

A CONVENÇÃO DE PHILADELPHIA. 1787.

Si a America seguia já bom rumo nos assumptos internacionaes (como os relativos á guerra marítima, por exemplo), ella podia demonstrar, no seu tope, como de elementos heterogeneos se podia erigir uma federação exemplar. (7)

Escreveu um auctor a este respeito:

"With the exception of possessing a common language and common literary traditions, the American colonies of the eighteenth century were more disparate in political, social, economic, and religious conditions, and more remote physically from one another, than are the chief nations of the world at the present time". (8)

Si o conceito é, de certa fórma exagerado, elle serve, entretanto, para mostrar que as treze colonias americanas, ao se federarem, realizaram uma maravilha politica tal, que, de direito, lhes cabe a primazia pratica na tentativa de formação de uma sociedade das nações.

(6) Ver um estudo completo sobre a essencia da doutrina e o papel de cada um dos collaboradores na promulgação della no meu livro **De Monroe a Rio-Branco** capítulo I: **Entre George Canning e James Monroe**.

(7) Ver Helio Lobo, **Cousas Diplomaticas**, Leite Ribeiro e Maurillo, Rio de Janeiro, 1918, capítulo: "A guerra marítima e as tradições internacionaes do Brasil".

(8) Carlton J. H. Hayes, **The Historical Background** cit., pag. 30.



Teve occasião de o demonstrar James Brown Scott ha pouco, num interessante livro. E de facto, como ali se expõe e prova, nada mais difficil que conciliar os interesses tão fundamentalmente oppostos das colonias. A tarefa colossal, como elle a denomina, da Assembleia de Philadelphia (1787), exigindo, no dizer de um dos seus maiores collaboradores, Madison, o esforço de quasi deuses, deparou taes tropeços e tão poucas probabilidades que com difficuldade se acreditava num resultado satisfactorio. Venceram os convencionaes todas as barreiras, chegando, por um alto espirito de transacção e mutuo sacrificio, a levantar os alicerces sobre quaes se ergueu a União Americana. Chocavam os interesses regionaes com os da nação a tal ponto que as negociações por vezes estiveram a pique de naufragar; e entre elles excusa relembrar os da escravidão. Poder legislativo, poder executivo, poder judiciario, relações do Governo Federal com os Estados e destes entre si, egualdade de representação entre grandes e pequenos, tudo isso se levou a cabo não sem graves embaraços com admiravel tenacidade e seguro resultado. "Ils recontrèrent, escreve Scott dos constituintes, des le seuil de la conférence même, le conflict entre les grands et les petits états, et ils le reglerent dans les derniers jours de la convention, a la satisfaction des parties opposées. Ils n'eurent pas, il est vrai, toutes les difficultés de langage, de race et de religion ou de tradition que rencontrent les conférences internationales plus importantes, mais on parlait alors, et on parle actuellement encore, plus d'une langue sur le rivage de l'Atlantique, et les colons, venus de bien des contrées étaient de race bien différentes..."

O compromisso, de que resultou a federação americana é bem a demonstração da possibilidade de formação de uma sociedade das nações. Previu-o Franklin áquelle tempo, ao remetter para a Europa um exemplar da nova constituição. "Je vous envoie ci-inclus la nouvelle constitution fédérale, projectée par ces états, escrevia elle, a Grant, em 22 de outubro de 1787. J'ai été occupé quatre mois du dernier été à la convention qui la redigea. Elle est maintenant envoyée par le Congrès aux différents états pour qu'ils l'approuvent. Si cela réussit, je ne vois pas pourquoi vous ne pourriez pas en Europe réaliser le project du bon Henri IV, enformant une union fédérale et une grande république de tous ces divers états et royaumes par les moyens d'une semblable convention, car nous eûmes bien des intérêts a concilier". (9)

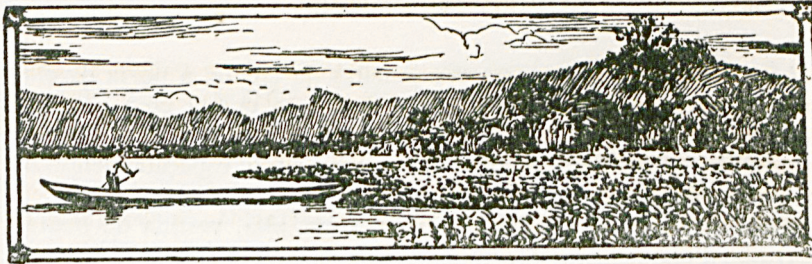
(9) James Brawn Scott, *Notes de James Madison sur les débats de la Convention Fédérale de 1787, et leur relation a une plus parfaite Société des Nations*, Paris, Bossard, 1919. — E' curioso acompanhar o autor não somente no paralelo que faz entre a convenção, as conferencias internacionaes e os projectos de uma sociedade de nações, como tambem na exposição do que foi preciso vencer para se formar o que chama "a unica, grande, feliz e duravel união de estados que se pode encontrar nos annaes da historia".

Outro auctor, não menos recente sublinha essa collaboração americana na construcção effectiva da Sociedade das Nações. E' Charles Sarolea no seu *Europe and the League of Nations* (10). As colonias estavam divididas, affirma elle, por factores physicos, politicos e espirituaes, — a distancia, o clima, os interesses economicos, as divergencias da organização social, a escravidão, a desigualdade de territorios e de importancia politica. E tudo isso não impediu que constituissem o modelo das federações. "When the American Commonwealth was established, escreve Sarolea, the three larger states—Virginia, Massachussetts and Pensylvania demanded the same predominance which the Big Powers are demanding to-day. The smaller states refused to accept such predominance and they imposed their will. Under the American constitution the small states of the Union have the same voting power as the large states in the Senate, which, in international affairs, fulfils the same functions as the League of Nations. The state of Nevada sends the same number of representatives to the American Senate as the states of New York and Pensylvania, which have a population a hundred times larger".

(Continua)

(10) Charles Sarolea, *Europe and the League of Nations*, London, G. Bell and Sons, 1919, pags. 65 e 305.





O MINHOÇÃO

(LENDAS MINEIRAS)

JOÃO FELIZARDO

— Lá está o Cabo Verde velho, patrõesinho!

Aquella observação do camarada teve o poder de me galvanizar. Galvanizar — é o termo. Sacudido durante muitas horas pelo chouto pesado do cavallo — braços e pernas balouçantes, o olhar baço e inexpressivo, eu me achava num estado de quasi absoluta inercia mental. D'ahi as palavras do Joaquim Bento com effeito de corrente electrica a beliscar-me a pelle.

Contive o trote largo do animal, firmei-me nos estribos, olhei para a frente.

Longe, além do valle, na encosta da montanha, branquejava a antiga cidade mineira. Batido pelo sol já em declinio, o casario destacava-se muito claro por entre o verde-azul-escuro do arvoredo. Então, como se os dois lados de um velario se rasgasse ante meus olhos — os versos de Pedro Saturnino, o poeta muito amado, acudiram-me, numa oportunidade flagrante:

*Não ficasse tão longe a minha aldeia
— E della o rio que a idolatra e banha —
Toda de branco e de casinhas cheia,
Derramadas ao longo da montanha!*

Desciamos o *Morro Grande*.

Acompanhando com o corpo langue o passo balanceado do cavallo na descida, eu olhava para a frente e para os lados, revendo logares, reconhecendo trechos — nos labios o sorriso bom de quem vae encontrando amigos pelo caminho.

À direita e á esquerda, nos claros abertos atravez a vegetação marginal, deixavam-se ver, por instantes, pequenas herdades, ridentes, numa paz beatifica. Era a casa, apenas revestida de

reboco bistre-claro, duas ou tres janellas de frente, a porta dando para a varanda, singella mascara; depois, o curral com o paiol todo de madeira; do outro lado, o quintal — horta e pomar — e, no fundo, o mangueiro, o monjolo marcando espaçadamente o compasso lento das horas.

Seguindo sempre a estrada, a montanha, alta, vestida de matta cerrada, d'onde partia, de tempo em tempo, o grito estridulo da araponga martellando o seu tedio, a vóz rouca das tubácas ou o gargalhar homerico dos sauás. Á beira do caminho — um velho sassafras: num dos galhos seccos, um João-de-barro, sacudindo espasmodicamente as azas, ria perdidamente.

Depois, pinheiros. Em grupos. Às vezes, um só, como a hesitar entre a serra e o valle. Cafesaes. Agora, o valle escuro e tortuoso. E' o *Barba-de-bóde*.

E começa uma região de estradas fundas, cavadas pelo continuo perlustrar de muitas gerações. Trechos sombrios, humidos, sinuosos — as paredes limosas, marcadas aqui e alli por touças de avencas muito tenras.

— Isto por aqui deve ser muito antigo, hein, Joaquim Bento? perguntei, para romper o longo silencio.

— Chi! Patrãozinho! Nem me fale! Tem mais de cem annos!...

— Cem, só? Perto de trezentos é que é.

— Faça ideia!

— Quanta gente calculas que já tenha passado por aqui?

— Sei lá, patrãozinho. Um diluvio de gente. Vancê não vê como o caminho está fundo?

Era a estrada secular que ligava Cabo Verde a Jacuhy, duas das mais antigas cidades de Minas. Por ali passaram os primeiros garimpeiros, faiscadores de almocafres, batêas e corumbés. Portuguezes — dizem uns. Paulistas — affirmam outros. Paulistas que desnortearam quando foi da luca com os Emboabas.

Mais um avanço e chegamos á varzea onde pela primeira vez se encontra o ribeiro de Nossa Senhora da Assumpção. Por aquelle tempo corria muito vazio, deixando ver, atravez da agua muito clara, o leito pedregoso. E dalli por deante o ribeirão acompanha sempre a estrada — ladeando-a, cortando-a, confundindo-se com ella, desaparecendo e reaparecendo por entre moutas de jacinthos, coivaras e juncaes.

Atravessa-se agora a região aurifera. E' a antiga zona de mineração. Os cavallos batendo as ferragens no solo arrancam áscuas de luz pela malacacheta abundante.

Á direita, em socalcos, o espigão se estende, rasgando a espaços em enormes gargantas, os largos bórdos negros, escancarados.

Amiudam-se os monticulos de calháus.



Entra-se numa especie de recinto. em funil, fechado — de um lado, pela matta cerrada que desce até o rio; do outro, pelas fauces escuras de uma cata que, começando no alto, vem morrer bem perto do caminho. Pela frente avulta, a pique, um outeiro, por onde a estrada para avançar se insinúa, tendo no alto, bem no topo, salientes, suspensos, grandes blocos de granito.

E' o *Bahú*.

Vendo-me a olhar para as serras e para as catas, o camarada:

— Quanto buracão, Vancê já viu só?

— É quem teria aberto esses abysmos?

Joaquim Bento olhou-me velhacamente, incredulamente, sob as abas do seu vasto chapéo lebre; sorriu — ladino — e guardou silencio.

Fingi não ver o gesto e continuei:

— Esses catas foram feitas pelos garimpeiros...

— Qual o quê! Isso toda a gente sabe que foi o minhocão, agora!

— Minhocão? — fiz eu, fazendo crer que não conhecia a lenda corrente entre a gente simples.

— Então o patrãozinho não sabe? — disse elle contente da superioridade. Nunca lhe contaram essa historia? Todo o mundo sabe disso...

— Pois eu não sei...

— Pois eu lhe conto. E emparelhando com o meu cavallo o seu pedrez, começou:

— Ha algum tempo, ha muitos annos já, o minhocão veio vindo, veio vindo... Às vezes vinha por cima da serra, ás vezes vinha pela varzea. E vinha derrubando tudo, arrazando tudo. Uma hora subvertia um estirão inteiro!... Ahi no Cabo Verde, então, elle fez estrago! Mas, ao depois, de certo de canceira, entrou pela terra a dentro e agarrou a dormir toda a vida. E' um bicho comprido... Vancê vae imaginando só: A cabeça está bem debaixo da igreja matriz. A cauda está a legua e meia, na Lagôa, lá na Vargem Grande. No dia que esse bichão acordar... adeus Cabo Verde! Vae tudo razo! Sacode tudo! "Soverte" tudo!

Ouvi em silencio. Joaquim Bento fez fogo com o isqueiro, accendeu o longo cigarro de palha atado ao meio e, soltando uma baforada de fumo azul — repetiu numa grande convicção:

— Pois essa cidade, que Vancê está vendo lá adeante, inda ha de "soverter"!

Não respondi. Abstrahindo-me de sua presença, eu me sentia empolgar pelo recolhimento da hora. O sol se escondera totalmente na vermelhidão do occaso. Annunciando a rendição da tarde pela noite, a matta nos mandava uma escala chromatica



pela vóz do inhumbú chororó. A lua plenilunar, redonda, enorme, erguia-se lenta por além de Cabo Verde.

E á mente começaram a chegar as lembranças de menino. Era no largo, junto ao relógio-de-sol, quando, a essa mesma hora, a lua projectava no chão, aos nossos pés, o enorme cruzeiro — com os seus sete instrumentos de supplicio.

Após os bulhentos brinquedos, — correrias e gritos — vinhamos, offegantes, sentar-nos junto ao pedestal da cruz. Ahi, cada qual contava um caso. E entre elles, lá havia de vir sempre a lenda do minhocão, que vivia a dormir continuamente, — a cabeça sob o altar-mór de matriz e a cauda na Lagôa da Vargem Grande.

E surgiam sempre divergencias:

— A cabeça deve de estar na Lagôa, senão o bicho morreria de sede!

— Que o que! Então a gente quando dorme lembra de beber?...

— Mas havia elle de dormir com a cabeça dentro d'agua?

— Pois eu é que não acredito n'isso! Não ha minhocão nenhum! — rompia um, desabusado.

E logo outro — vocação de thamaturgo — berrava:

— Ha, sim senhor! Tanto ha que a Santa guarda a cidade para elle não acordar!

Volviamos então os olhitos timoratos, entre duvidosos e cren-tes, para o branco vulto da matriz antiga, vasta, primitiva, silenciosa, adormecida ao meio do largo.

A frente principal erguia-se direita e lisa terminando em frontão simples de largos beirões. No topo, uma cruz negra, pela tarde, corêto de andorinhas. Abaixo, uma claraboia em rosacea, coando a luz por um xadrez. Tres janellas, de vidros pequenos, quadrados, coloridos. Ao centro, a pesada porta almofadada, o lintel bipartido em duplo til. Duas alas, e por uma dellas, a espiar por um largo vão, dois enormes sinos — nuncios da alegria dos domingos de sol.

E repassava pela mente os outros pontos da cidade. A *Praia*, a *Pedra-Lisa*, o *Rabo-do-Pary*, a *Venda-Larga*, o *Chapadão*... Sempre vigilante — molosso fiel lambendo os flancos — o ribeirão de Nossa Senhora da Assumpção. Por toda a parte, escrava seviciada, a terra cortada em fundos rasgões, até ir, como num espreguiçamento, espriar-se na immensa Vargem-Grande. Lá, a um lado della, e extensa Lagôa de aguas quietas e glaucas.

E por tudo a vaga lembrança dos mineradores gigantes. Por allí mourejaram elles, altos, fortes, a tempera rija, os rostos brunos, hoje expostos ao sol bravo, amanhã espelhando-se na agua escura do fundo das catas — lavando a terra, lavando o



cascalho, lavando a areia e, por fim, vendo brilhar no fundo das batêas, por entre o fino esmeril, o custoso ouro desejado... Ouro de alluvião... No fundo da terra, porém, em outra profundidade, jaz — dizem a sciencia e a experiencia — o filão mestre — o melhor ouro, que a agua não basta para arrancar.

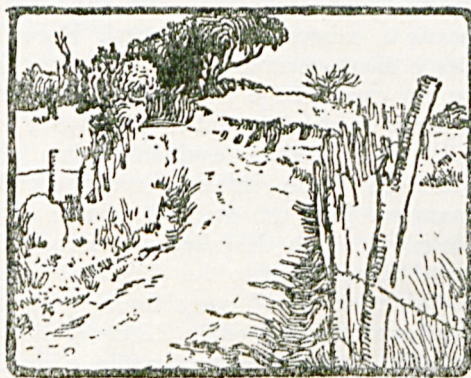
É imaginei aquella região sob o novo aspecto. Terra, muita terra revolvida. Vigas, moitões e guindastes. Trilhos e vagonetes. Via ferrea. Engenheiros que vem e engenheiros que vão. Uns — no cerebro — o saber universal. Outros — no ventre — todos os reis da Terra. E com o seu esforço e sob o seu mando, um formigueiro humano a revolver o terreno. E delle o ouro abundante a sahir, a transbordar pelas mãos dos homens. Serpente doirada — agitando-se, movendo-se, aos saltos, em torcíolos, destruindo velhas ruas e velhas almas, nivelando morros e desmoronando tradições...

É eu via, num momento, a lenda ingenua do povo simples transformar-se numa aurea esperanza, de azas espalmas, sobre a triste mudez da região torturada...

Ao tropel dos animaes, ás portas da cidade, voltei-me para o camarada:

— Então, Joaquim Bento, isto ha-de subverter um dia?!

— Tenho toda a certeza, patrõesinho! — reaffirmou elle com absoluta segurança...





NÃO MATARÁS!

PLÍNIO SALGADO

Noite escuríssima. Nem uma estrela fulgurava no céu abafado e negro e, longinquamente, para os lados do norte, os roncões d'uma tempestade. A espaços, fulvo como scintillações de cobre e de aço, um relampago que iluminava a estrada, as arvores, destacando folhagens e barrancos, silhuetao o negro perfil da serraria distante que fechava a paisagem como um panno de fundo; e logo em seguida, soturnas e graves, num crescendo apavorante a rolaem pelos valles, as ondas reboantes das descargas electricas, explodidas a muitas leguas dalli.

O Zé de Mello, acororado atraz de um alto cupim, mordia o cigarro, impaciente. Já deveria ser mais de oito horas. A espingarda alli estava, prompta, carregada com quatro dedos de chumbo, para "o que desse e viesse". Zé de Mello, porém, pela primeira vez tremia junto da arma predilecta. Estava exquisito. Irritava-se, coçava a cabeça com phrenesí. Recordava historias de assombrações e sacys-pererês ouvidas outr'ora á lareira. Um urutago chorou no capoeirão e Zé de Mello estremeceu, sentiu os cabellos eriçarem-se como espinhos d'ouriço e uma frialdade glacial correr-lhe pela medula espinhal acima. Minutos após achou graça no seu medo infantil, reconhecendo o gemido plangente do passaro. Mas um grito estridente de angustia elevou-se perto delle. O velho desfalleceu, horrorisado, as pernas bambas e a vista turva. O grito foi repetido mais longe, como impreciação de "alma perdida", vagabunda, miseranda que nem Deus nem o Tinhoso quer. Só então Zé de Mello, envergonhado diante de si mesmo, comprehendeu aquillo e amaldiçou a araponga noctivaga.

Zé de Mello poz-se a pensar no quanto estava mudado. Nunca fora assim, cobarde. Trez ou quatro vezes trabalhara naquelle serviço, de bom humor, pachorrentamente, como quando espe-

rava o tatú nas divertidas caçadas ao luar. A primeira vez — havia já trinta annos — déra caça ao Conrado: um tiro certo, um tombo redondo; e evadira-se, rindo-se, nas trevas da noite. Alguns indícios levaram-n'o á prisão: Tinham-n'o visto de espingarda e lamparina em punho, proximo ao local do delicto. Tudo, entretanto, se arranjára. O patrão tinha influencia politica na cidade; os senhores do Directorio teceram suas pequeninas intrigas numa cabala incessante e a cousa terminou bem: absolvição unanime. Dahi por diante não tivera receio de nada. Na tocaia liquidara dous sujeitos valentes e decididos. O trabalho não rendia muito: — alguns dissabores e sustos, poucas pelegas. Mas essas aventuras eram interessantes, tinham qualquer cousa de romanesco que lhe sabia bem.

Já estava velho. Os cabellos brancos, a “cacunda” levemente pendida, as pernas um pouco titubeantes denunciavam que os sessenta já tinham chegado com rheumatismos e bronchites. O patrão, porem, não lhe dispensára as sortidas, tão astucioso elle era, liso e escorregadio nas mãos da justiça como a cascavel rastejante na selva densa. A “cachaça” estragara-o tambem. Havia dias em que os seus pulsos tremiam como os dos doentes de S. Guido. Outras vezes, em noites mal dormidas, via chispas fulgurantes, phantasias bizarras de fogos de artificio. Consultara o boticario. “Larga da aguardente” — dissera este — Larga, que acabas perdendo a bóla!” A “pinga”, porém, é que lhe dava coragem. Sem um bom trago não era gente. ,

Agora, pela primeira vez, sentia qualquer cousa desagradavel muito no fundo do peito, um vago máu estar que não comprehendia. No meio da treva, chupando o cigarro de palha, procurava o motivo daquella exquiritice. O pensamento ia constantemente para a filha, menina ingenua de quinze annos, tristonha como um presentimento. E recordava a sua sahida, á bocca da noite, quando os lavradores recolhiam da faina extenuante dos eitos.

— Onde vae a estas horas, nhô pae? perguntara a menina apprehensiva. E elle, sem resposta, voltara atraz alguns passos, entrara de novo em casa, sentara-se no banquinho concavo, meditando, com o olhar errante por vargedos e montes.

No espigão em frente ondulavam os verdes milharaes viçosos ao sopro do vento morno. Pela varzea o arrozal muito plano e muito verde era como um tranquillo e suave lago de esmeralda. As touceiras robustas inclinavam-se flexiveis ao peso dos cachos. Homens de vestes sujas e enxada ao hombro, caminhavam cantando, mergulhados até á cinta nas ondas da preciosa graminea. A' passagem delles erguiam-se assustados grandes bandos esvoaçantes de canarios vermelhos, que chalravam. Um pedaço de céu se destacava profundamente azul no meio das nuvens



pesadas, prenunciadoras, após um brilhante dia estival daquelles, de noite tempestuosa.

Zé de Mello olhava pasmado a paisagem, scismando. Alguma cousa lhe dizia que não fosse, que attendesse aos rogos da filha.

— Vem trevoada grossa, nhô pae! dizia a rapariga a arregalar os olhos expressivos e negros que lhe realçavam a morbidez do semblante anemico.

— Não. Tenho um serviço... retrucava, indeciso.

Em certos momentos repentino desespero o invadia. Pensava no seu destino horrivel de matador de gente, e por um triz não contou tudo á filha, o seu passado tenebroso, o plano sinistro que ia executar inda essa noite, matando com uma carga de chumbo o filho do Conrado, a sua antiga victima, cuja familia o patrão odiava com rancor simulado e covarde. Sopeou, porem, a palavra que lhe vinha á bocca em torrentes intempestivas de remorsos instantaneos. A potencia nervosa do velho ainda tinha bastante força para refreiar o segredo que mais cedo ou mais tarde viria a publico, quando as brumas da loucura cahissem dentro daquella alma. Mas um "não sei que" lhe apertava a garganta como punho de ferro.

Distrahido, escorregou a mão pesada sobre a mesinha ao seu alcance, apanhou casualmente um livro de rezas da filha, abriu-o e começou a folhear-o machinalmente. Chegou a uma pagina suja e gasta que lhe aguçou a curiosidade. Era uma lithographia colorida representando um Christo, resplandecente, de olhar manso, mettido entre os algozes, á entrada das Oliveiras, com a mão estendida para Pedro que furiosamente brandia a espada.

A estampa impressionou a imaginação doentia e perturbada do velho assassino.

— Solétra isto aqui, minha filha, rogou á mocinha.

A filha soletrou e depois leu correntemente:

— Não matarás.

Zé de Mello cerrou o sobrecenho.

— Não brinque... murmurou aparvalhado, como se a menina lhe conhecesse todos os segredos. E, com desconfiança, indagou:

— Está isso mesmo ahi?

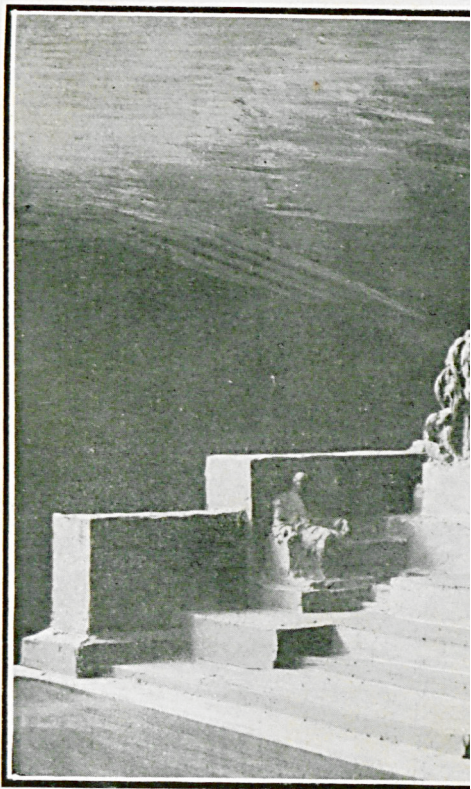
— Está, nhô pae.

Um silencio lugubre pesou na saleta da casinhola. A noite cahia tristemente, arroxando as nuvens pardacentas. A rapariga, agora no terreiro, olhava o céu, cantando baixinho umas toadas roceiras. O velho poz-se em pé, resolutivo. Enfiou a espingarda a tiracóllo e sahiu lentamente.

Tomou pelo atalho que conduzia á estrada grande, alcançou-a, subiu por ella. Era noite fechada. Zé de Mello chegou ao ponto escolhido e sentou-se. Não havia remedio. O moço passaria por

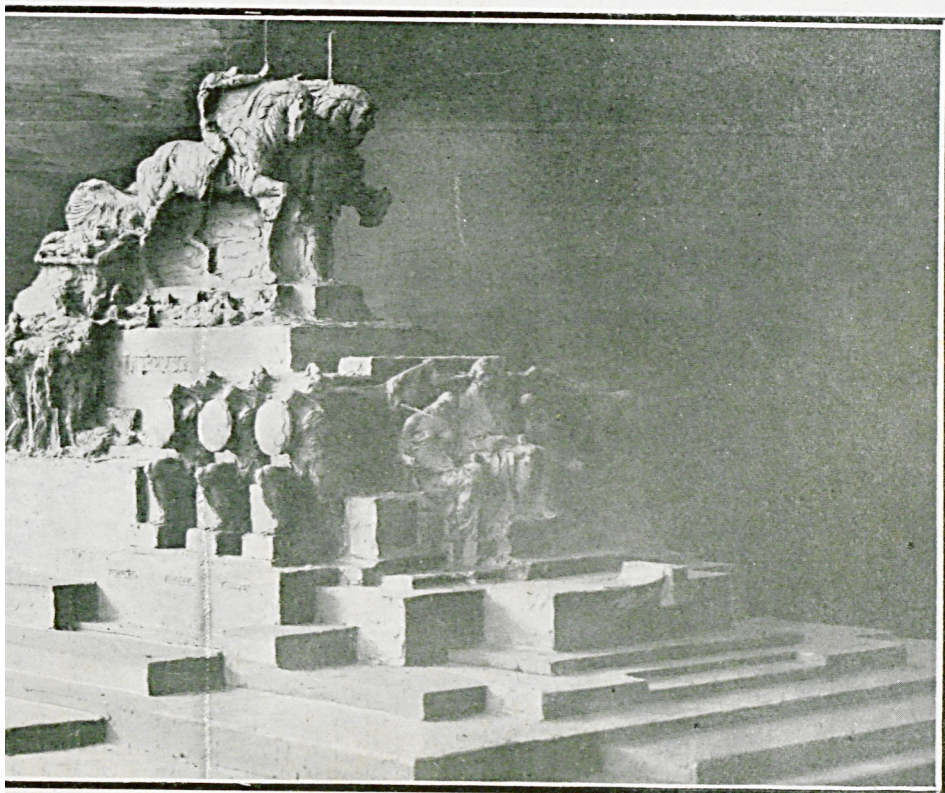


cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

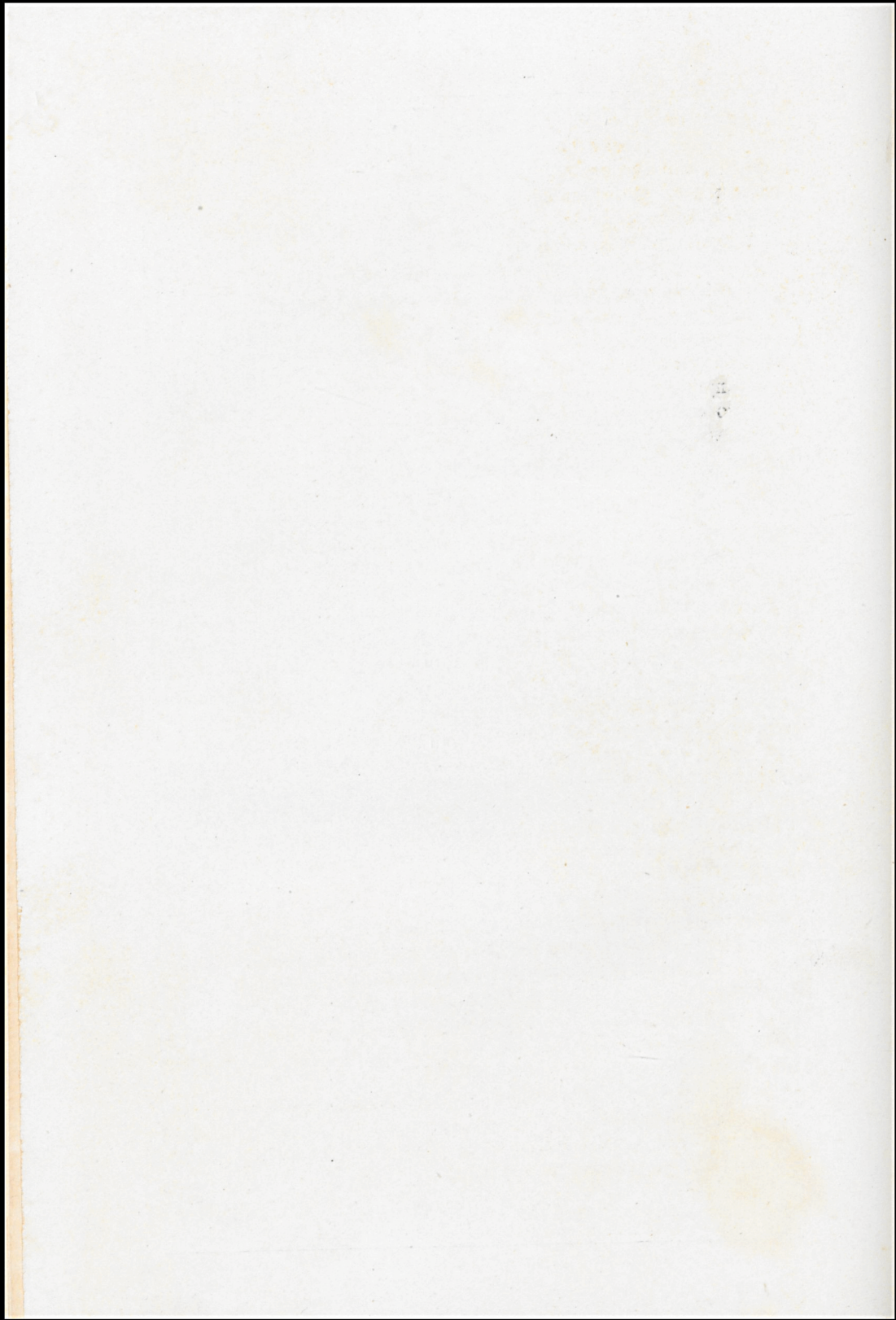


Nicola Rollo

ARTE NACIONAL



— Projecto de monumento aos Andradas, em Santos.



alli, de volta da cidade. A ocasião era excelente, não podia perdê-la. Que fazer? Duzentos mil réis era bem bom dinheiro. E, depois, elle não era o culpado. Porque mandava o patão matar o semelhante? Questões de divisas de terras, era o que se dizia. Fosse o que fosse. Cada qual tem o seu destino. O delle era bem triste, mas precisava cumpril-o.

Mas um pavor recondito confrangia a alma de Zé de Mello. Temia a treva que agora era densa. Assombravam-n'os os clarões dos relampagos, irritavam-n'os os rumores do matagal. "Que estava velho e não prestava mais", pensava. Estava peor do que uma creança. Ateou fogo ao cigarro, poz-se a banzar. Assim ficou longo tempo. Assim ouviu aterrorizado o chôro do urutago e o grito da araponga maluca. Esperou tres, quatro, cinco horas. A tempestade roncava cada vez mais furiosa. A chuva vinha chegando em pequenas bategas. Depois, desabou forte. Zé de Mello abrigou-se sob a copa duma arvore. Enxurros lavavam a estrada, gorgolejantes e rumorosos. A treva agora era feia, e ainda mais realçada pelos clarões metallicos da tormenta.

De repente soou um rumor abafado de cascos de animal chapinhando a terra empapada d'agua. Zé de Mello de um salto agarrou a espingarda. O trotar da cavalgadura crescia. O cavalleiro não estaria a cem passos do cupim. Estava garantida a caçada. O bandido engatilhou a arma e esperou. Um vulto negro surgiu no cotovelo da estrada. Zé de Mello levou a espingarda á cara, fez pontaria. Dez, cinco passos talvez... Mas um relampago mais forte illuminou sinistramente a estrada. Sobre o cavallo negro cavalgara um homem livido como um cadaver. Das faces, do peito do extranho viajante, escorria sangue em bicas. E, ao clarão do relampago Zé de Mello reconheceu nelle a sua antiga victima, o Conrado, que havia trinta annos sua arma derrubára.

Quando a escuridão tornou, o cavalleiro ia já longe. Zé de Mello, de joelhos e de mãos postas, tiritava e batia os dentes, sussurrando:

— Perdão! Perdão!

O boticario explica o caso como allienação dum cerebro decadente, combalido pelo alcool e enfraquecido pelos annos e pela recordação de tantos crimes. O moço parecia-se com o pae e a luz rubra do relampago transformara em sangue a agua que lhe escorria das roupas. O resto do quadro tragico foi completado pela imaginação delirante do paranoico.

Não quiz, porem, saber disso a gente ingenua e mystica das redondezas e naquelle logar foi erigida uma capellinha ao senhor Bom Jesus que sustivera o braço do homicida tantas vezes erguido contra o proprio semelhante.

S. Bento — 1920.





EXCERPTOS DO DIARIO DE ANDRE' REBOUÇAS

II

11 de Set. de 1865 — As 7 1/2 da manhã o ministro Ferraz e Octaviano, o barão de Porto Alegre, officiaes de gabinete e estado maior saíram ao encontro do Imperador, que pernoitára na Casa Branca, a 4 leguas do acampamento. A's 10 a artilharia salvou: o Imperador acabava de apear-se na chacara do Couto, uma das poucas habitações dos arredores de Uruguayana que o exercito alliado deixou de pé, afim de visitar o hospital montado ali.

Soube pelo capitão Amaral que o Imperador em lucta com os ministros que não queriam deixal-o partir, cortou a discussão dizendo: “Resta-me ainda um recurso constitucional: abdicar e ir para o Rio Grande como voluntario da Patria”.

Na noite de 24 de Agosto, cognominada pela comitiva “a St. Barthelemy dos cavallos” (morreram uns 40) o Imperador cobrio com o seu capote um soldado que estava a ponto de cahir enregelado. E na de 25 recolheu á sua carretilha o criado particular Paiva, que gemia de frio em baixo.

Todos da comitiva mostravam-se entusiasmados com a simplicidade, actividade e energia do Imperador que sempre dormia na barraca “afim de experimentar os mesmos soffrimentos dos meus soldados”.

O Duque de Saxe goza entre a comitiva de mais sympathias que o Conde d'Eu, pela sua affabilidade e inteira indifferença pelos negocios politicos. Este mostra-se muito preocupado e esforça-se por apressar a viagem em vista do estado interessante da Princeza.

Em S. Gabriel e outros lugares fizeram-se verdadeiras ovações ao Imperador, mostrando todos, porem, verdadeira frieza pela guerra.

O ministro Ferraz tem resistido ao empenho em que todos insistem afim de que não parta para a guerra ! Como ha degenerado a provincia do Rio Grande ! Com que sanha combateram os republicanos seus irmãos e os filhos do norte, e quão cobardemente fôgem hoje dos paraguayos !

Um houve que chegou a dizer ao capitão Amaral “que era inutil estarmos a mobilisar tropas porque não podiamos com os paraguayos !” Que miseravel !

A's 11 da manhã chegou o Imperador á barraca onde jantei hontem com o ministro Ferraz. Os presidentes Mitre e Flores bem como o Almirante Tamandaré vinham já no sequito. Os presidentes apertaram a mão do Imperador, que de muito longe principiou a chamar com o maior affecto pelo Tamandaré. Mitre estava fardado, como de costume; Flores fardára-se pela primeira vez nesta campanha; vinha envolvido num sobretudo preto e acompanhado do inseparavel cão Coquimbo.

O Imperador e os principes trajavam sobrecasacas militares, chapéos de feltro negro com o tope nacional, espada, botas, grandes ponches. Tambem o monarcha trazia ponche com gola bordada a ouro e grandes arabescos de cadarço de seda preta. Os cavallos estovam arreados á moda rio-grandense, com prateados. O imperador mostra-se animadissimo, bem que continue a envelhecer a olhos vistos desde a questão Christie; os principes revelam alegria verdadeiramente juvenil.

Foi deveras grandiosa a chegada de tão illustre cavalgada. A manhã, até então chuvosa e nevoenta, limpou: dir-se-ia que o sol não quizera faltar áquelle grupo onde se reuniam os personagens mais illustres da America do Sul. O Imperador, com a sua grande figura, dirigindo-se com majestade aos seus subditos, a Mitre, a Flores, a Paunero, a Magarinos, a todos que o cercavam, enfim, parecia dizer: Confessae que sou realmente o primeiro cidadão da America do Sul. Mitre parecia esmagado: cuidara vir dominar no R. G. do Sul, em face de Uruguayana, como dominava no Guauguaycito... Recusou, bem como Flores, o convite para almoçar com o Imperador (bem parco almoço, na verdade — carne assada, arroz, chá e biscoutos — nem pão havia !) e foi-se, como a raposa da fabula.

Ao approximar-me para lhe beijar a mão o Imperador saudou-me em voz alta pelo nome. Quizera que a emoção e as circumstancias não me impedissem de dizer-lhe: Agradeço, como brasileiro, o ter V. M. vindo até aqui; V. M. acaba de salvar a dignidade do Brasil, a provincia do Rio Grande e a vida de 5.000 homens que teriam de perecer no ataque a Uruguayana.

Chamou-me de parte o barão de Porto Alegre e disse-me que ouvira ler pelo Ferraz a minha carta sobre o bombardeio de



Uruguayana e ficára satisfeito do encontro das minhas idéas com as suas; que Flores, em conferencia com elle, mostrara uma extraordinaria sanha a favor do bombardeio, elevando a voz durante a discussão a ponto de ser chamado á ordem; que usara, mesmo, a phrase anti-parlamentar — “que o não quizessem fazer de *tolo* (empregou esta palavra, e não o correspondente em hespanhol, *sonso*).

Disse-me tambem que havia predicto a Ferraz e ao Imperador o triste resultado da defesa do Rio Grande entregue a Canabarro (que só tem bravura) e ao presidente Gonzaga do qual o proprio Felix da Cunha (que Gonzaga cegamente obedecia) em carta a Saldanha Marinho dissera “Sou obrigado a declarar, para bem da minha provincia, que cumpre nomear-se outro presidente: porque, confesso, nunca vi administração mais torpe!”

O ministro Ferraz, em palestra com o Conde d’Eu, chamou-me para saber de que artilharia dispunham os aliados. Travei assim conversa com o Conde d’Eu, notando a familiaridade com que falava, tratando-me de V. e persistindo em responder em portuguez ás informações que eu lhe dava em francez. Informou-se das minhas habilitações scientificas e examinou com attenção as estampas do “Siege of Fort Pulaski” (que eu trazia na mão encobrendo o projecto de guerra que ia entregar ao Imperador) e pediu a traducção das palavras inglezas que ignorava.

A uma hora da tarde, estando o Imperador só (a mór parte do dia passara-o conversando com o Almirante, como dois amigos que ha muito não se viam) approximei-me e entreguei-lhe a memoria cujo titulo leu, mettendo-a em seguida no bolso do sobretudo.

O ministro Ferraz e o barão de Porto Alegre foram pelas 2 horas pagar a visita dos generaes Paunero, Flores e Mitre, ficando Ferraz na volta de conversar commigo.

A’s 3 da tarde o céu encobriu-se e começou a relampaguear. O Imperador, desde muito a espera de Ferraz para uma visita ao acampamento, chamou-me e perguntou si eu podia guial-o nisso. Respondi que havia chegado na vespera e só conhecia os acampamentos dos exercitos de Flores e Paunero, os quaes tinha atravessado. Mandou então chamar o Eng.º Enéas Galvão e, dispansando o piquete, lá se foi com elle, o estado maior e mais os principes, apezar do temporal imminente, prenunciado por successivos relampagos.

Recolhi-me á barraca onde jantára o Imperador e fiquei á espera do Ferraz. A’s 4 desabou o temporal, com cerração, chuva de pedras e trovões medonhos.



A barraca de Porto Alegre aluiu; para que não succedesse o mesmo com a minha sentei-me sobre a mesinha (onde almoçara o Imperador) e com ambas as mãos sustentei o poste da barraca, cujos tornos não podiam aguentar-se na delgada camada de terra que ahi reveste o grés cinzento do solo.

Os officiaes da 2.^a Divisão, vindos para cumprimentar o Imperador, tiveram de supportar, montados, toda a chuva de pedras e aguaceiro consequente.

O Imperador recolheu-se ao abarracamento perto da chacara do Souto pelas 5 horas da tarde.

Os sitiados pediram permissão para fazer sair as mulheres e os estrangeiros, o que foi concedido. Consta que os chefes tentam evadir-se com o auxilio de canoas que têm guardadas na cidade.

A's 10 da noite voltaram, afinal, Ferraz e Porto Alegre, seguindo logo para o abarracamento imperial. Tinham jantado a bordo do "11 de Junho" com o general Mitre e feito, no "Taquary", um reconhecimento.

Desembarcaram ás 7 da noite e foram até quasi o arroio Salço, onde ficam as nossas vedetas e as do inimigo, vagando assim durante tres horas.

O batalhão santa-fésino chegou ás 4 da tarde pelo "União", indo reunir-se á divisão de Paunero; e as familias estrangeiras deixaram a cidade sitiada ao anoitecer, conduzidas pelo T. Cel. Sezefredo.

Como nos previnisses que os paraguayos intentariam uma surpresa, isso fez dormir sobre as armas ao Imperador e sua côrte.

O chefe paraguayo que conduzia as mulheres disse que tencionava desertar no dia seguinte com mais um irmão, não o fazendo no momento para não comprometter-se.

12 de Set. — Noite medonha. Nada menos de cinco trovoadas seguidas de fortes aguaceiros. Passei-a quasi toda em claro, ora sentado ora deitado na mesinha. O capitão Amaral dormiu d'um lado, sobre umas canastras do ministro; e o criado deste do outro lado, em cima dum couro.

Pela madrugada falei ao Cap. Amaral para que pedisse a Ferraz que não preterisse o Fausto por minha causa e escrevi a este (que me mostrára frieza na vespera) a seguinte carta: "Acabo de prevenir o Cap. Amaral para ter sempre na lembrança do ministro da Guerra que V. tem mais antiguidade e mais merecimento que eu, que desejo, além disto, abandonar a vida militar logo que termine a guerra, afim de que, quaesquer que sejam os meus serviços durante o sitio de Uruguayana, não

commetta a injustiça de preteril-o. O que me trouxe aqui foi a vehemente necessidade de communicar ao Imperador e ao ministro da Guerra algumas idéas no intuito de tentar tirar um pouco da lama, que mãos brasileiros e nossos famosos alliados, inda mais que os paraguayos, tem lançado e querem continuar a lançar sobre o pavilhão brasileiro. Etc.”

.....

13 de Set. — Noite e manhã de chuva com cerração até ao meio dia. A's 11, chovendo ainda, chegou a bordo S. M. I. acompanhado de Flores que se diz muito seu amigo, e ainda de Paunero, Porto Alegre, Caxias, etc. Almoçou com os generaes presidentes, indo em seguida no “Taquary” dar um passeio pelo Uruguay abaixo, passando impunemente muito proximo de Uruguayana.

O ministro Ferraz foi á Restauração visitar o hospital dos feridos no combate de “Jatahy”, mas o Imperador respeitou o principio constitucional de não pisar territorio estrangeiro.

.....

Disse-me Porto Alegre que o General Mitre recebera pelas 5 da tarde uma mensagem dos sitiados pedindo condições mais honrosas que as apresentadas por Porto Alegre, o que foi negado. As condições propostas foram as do costume: sairem os officiaes com suas espadas e a liberdade de escolher residencia, ficando os soldados prisioneiros. Mitre accrescentou na resposta que essas mesmas condições seriam negadas logo que os exercitos alliados se puzessem em movimento para o assalto.

14 de Set. — Noite estrellada e sem vento; manhã de cerração clareando ás 8 horas; pampeiro á tarde.

O Imperador em companhia de Mitre fez um reconhecimento a cavallo pelos arredores de Uruguayana.

.....

16 de Set. — Tocavam os clarins do quartel general para a oração do meio dia quando cheguei á celeberrima barraca em que almoçou o Imperador nos dias 11 e 12, agora convertida em secretaria do Ferraz. O Imperador estava n'uma barraca branca, do tamanho da que eu occupava no Exercito, armada na retaguarda de uma carretilha que se distinguia das demais pela côr verde. Uns 15 minutos após minha chegada sahiu S. M. a espárecer, envolvido no seu sobretudo e com *cache-nez* de lâ violeta-claro, feito, decerto, pela Imperatriz, ou pelas princezas. Beijei-lhe a mão e agradeçi-lhe o interesse tomado pela minha saude. Perguntei-lhe se havia lido a carta mandada ao Ferraz sobre o sitio de Uruguayana. Respondeu que não !! Of-



fereci-lhe então outro escripto meu no mesmo sentido, que fui buscar á barraca. Guardou-a no bolso e afastou-se.

Disse-me o Ferraz estar decidido o assalto a Uruguayana, dependendo o dia e a hora do concerto dos generaes, que tinham ficado cada um com o seu exercito, servindo o Imperador de “elo” aos tres. Indaguei do que havia feito apressar o assalto. Respondeu que a necessidade do exercito entrar em operações!! Ponderei-lhe que não havia nem bois, nem cavallos, nem armamento, nem roupa, que a artilharia inda não tinha chegado e que tão cedo não estaria organizado o exercito. Retrucou, como com argumento irrespondivel, estar grassando o typho no exercito, o proprio Imperador correndo risco de adoecer!!! O typho dependendo da tomada de Uruguayana e não do estado de nudez das tropas, da penuria de recursos medicos, dos innumeros cavallos mortos que apodrecem no acampanmento, da alimentação de carne caçada e farinha má, unica de que dispõe a tropa.

O capitão Amaral estava, como toda a côrte, suspirando pela batalha. Disse-me que já não tinha pena dos paraguayos. — “E porque? — Porque não querem render-se!” Seria para rir se não causasse asco ver os Quixotes que de todos os lados pululam.

Esse capitão montava o seu “cavallo branco de batalha” fazendo notar “que era um excellente alvo”. O mordomo do Imperador experimentára esse cavallo, caçando o pobre animal com a massa gordalhuda do seu corpo. Antonio Carlos, de sobretudo e chapéu de pelle de lebre, esforçava-se por imitar Napoleão e *sa redingote grise*. Despedi-me do Imperador e do Ferraz e puz-me a caminho, deveras enojado de vêr tanta gente sem opinião, sem dignidade, e sem amor ao proximo. Tende piedade, meu Deus, deste Brasil, “porque sois vós quem por elle só combate”.

A's 3 ½ da tarde fui para bordo, encontrando em caminho o Almirante que ia ter com o Imperador. Notei que apesar de todo o azafama bellico só havia, como no dia da chegada do Imperador, uns 40 ou 50 cestões, faxinas que arrumadas occupariam menos de ¼ de braça cubica, e 70 saccos de terra, segundo me informou o major Enéas Galvão.

Por tres estrangeiros sahidos de Uruguayana soubemos que os paraguayos já haviam comido todos os gatos da cidade, só lhes restando os cães e cavallos, que estavam a morrer de fraqueza. Estigarribia, no entanto, e seu estado maior, passavam bem, á custa de conservas tiradas dos armazens da cidade. Malvados! Viverem na abundancia deixando morrer de fome aos miseros soldados!...

E hão de ir á posteridade como heroes duma resistencia a todo o transe!... A verdade historica... (Continua)



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



EVARISTO DA VEIGA

Patrono da cadeira n.º 10. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 8 de Outubro de 1799 e falleceu na mesma cidade a 12 de Maio de 1837, achando-se os seus ossos no cemiterio de S. João Baptista.

BIBLIOGRAPHIA

1 HYMNO CONSTITUCIONAL BRASILIENSE — (Brava gente brasileira) — impresso na Typ. do Diario — 1822. Existe na Bibliotheca Nacional, bem como dous outros que tambem foram impressos em avulso na Typ. do Diario.

* 2 HYMNOS PATRIOTICOS, compostos por occasião da Independencia do Brasil, precedidos de uma memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga a 3 de Agosto de 1877, extrahidos do tomo XL p. II da Revista do mesmo Instituto, pags. 39 a 71.

3 DISCURSO, pronunciado na Camara dos Deputados, sessão de 12 de Maio, discutindo o voto de graças — Rio, 1832, in 8.º

4 ODE A' GRECIA — inserta na Miscellanea Poetica.

* 5 POESIAS — extrahidas do vol. XXIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional, edição de 500 exemplares — 185 pags. Rio, Officinas da Bibliotheca Nacional — 1915.

6 DESPEDIDA — (ao deixar a provincia de Minas, villa da Campanha, a 15 de Abril de 1837) foi impressa em avulso e no "Museu Universal".

* Os livros e folhetos que são marcados com um asterisco, figuram na minha collecção.

Ha, na Secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, dous cadernos de estudos de Evaristo: *Caderno de Metaphysica* e *Sobre as idéas* além de um *Discurso* para se recitar na aula de philosophia, em agradecimento; uma folha de outro caderno, varios sonetos e poesias. No Instituto Historico ha autographos de alguns dos seus *Hymnos*.

Um parente affirmou que elle escreveu no "Spectador Brasileiro" (mais tarde "Jornal do Commercio"); Sacramento Blake attribue a sua collaboração no jornal da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional: "O homem e a America" (Rio, 1832). A sua obra capital a que se dedicou de corpo e alma, durante longo periodo de sua actividade, foi "A Aurora Fluminense", jornal politico e litterario, de que possúo parte da collecção. A collecção completa é de 8 vols. in-fol. de 1827 a 1835.

Deve-se a fundação da folha a José Apollinario de Moraes, estudante do Seminario de S. José, natural de Porto Alegre, com o concurso do Dr. José Francisco Sigaud, Francisco Chrispiniano Valdetaro e Evaristo Ferreira da Veiga, a alma *mater*, o fóco, que assumiu exclusivamente a redacção, a partir de 1828.

A sua representação iconographica consta de um retrato a oleo, obra de Porto Alegre, um retrato na Galeria de Brasileiros illustres de Sisson, um retrato emmoldurado, no Instituto Historico de S. Paulo; tem a mascara no Museu Nacional, um busto na S. Amante da Instrucção, e certamente outros existentes no Rio de Janeiro.

Sacramento Blake declara que tem razões para acreditar que foi elle o autor da Historia do Brasil de Armitage, sendo este o traductor; outros lhe attribuem a traducção da obra mencionada; mas Eugenio Egas que se encarregou da ultima edição, contesta ambas as versões.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Dr. Luiz Vicente de Simoni* — Elogio de Evaristo da Veiga—1837.
- 2 Honras e saudades tributadas a Evaristo F. da Veiga pela Sociedade Amante da Instrucção, a 12-8-1837.
- 3 *Dr. Antonio Felix Martins* — Discurso pronunciado nas exequias da Maçonaria.
- 4 A revolução de 7 de Abril de 1831 por um fluminense amante da Constituição — Rio, 1862.
- 5 *Armitage* — Historia do Brasil.
- 6 *Varnhagen* — Historia do Brasil.
- 7 *Southey* — Historia do Brasil.
- 8 *Dr. Luiz da Veiga* — O primeiro reinado.
- 9 " " " " — Hymnos patrioticos, memoria na Revista do Instituto Historico, tomo XL parte 2.^a
- 12 *Jubileu de Evaristo Ferreira da Veiga* — Homenagem da imprensa pag. 285.



- 11 *Joaquim Serra* — Sessenta annos de jornalismo.
- 12 *Jubileu de Evaristo Ferreira da Veiga* — Homenagens da imprensa fluminense, a 12-5-1887, precedidas de uma carta do Dr. Randolpho Fabrino e contendo os artigos do "O Paiz" de Quintino Bocayuva, da "Gazeta de Noticias" do Dr. Pires de Almeida, do "Diario Illustrado" e do "Rio de Janeiro" de Felix Ferreira.
- 13 *Sisson* — Galeria dos Brasileiros illustres.
- 14 *Barão Homem de Mello* — Esboços biographicos.
- 15 Collecção de diversas peças, relativas á morte do illustre brasileiro E. F. da Veiga, para servir de continuação ao folheto "Honras e saudade" — Rio, 1837, 102 pags.
- 16 *Ostensor Brasileiro*, artigo biographico, tomo I pag. 291.
- 17 *Lery dos Santos* — Pantheon Fluminense.
- 18 *Francisco Octaviano* — Correio Mercantil de 7-4-1862.
- 19 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 20 *Teixeira de Mello* — Ephemerides nacionaes — 12-5-1837.
- 21 *Barão do Rio Branco* — Ephemerides brasileiras — 12-5-1837.
- 22 *Sylvio Romero*—Historia da Litteratura Brasileira—vol. I pag. 484.
- 23 *Sylvio Romero e João Ribeiro* — Compendio de litteraura brasileira, pag. 180.
- 24 *José Verissimo* — Livro do Centenario (memoria "A imprensa").
- 25 *Rocha Pombo* — Historia do Brasil.
- 26 *Julio Barbuda* — Litteratura brasileira, pag. 346.
- 27 *Felix Pacheco* — O publicista da regencia — Rio, 1899.
- 28 *Eugenio Werneck* — Anthologia Brasileira — pag. 379.
- 29 *José Eduardo da Fonseca* — O patriarcha da imprensa — Rio 1920.
- 30 *Innocencio Silva* — Diccionario bibliographico.
- 31 *José Verissimo* — A imprensa, memoria inserta no "Livro do Centenario".
- 32 *João Ribeiro* — Historia do Brasil.

Noticias biographicas e subsidios para um estudo critico

Mixto de Rouget de Lisle e de Hippolyto da Costa, apresenta-se Evaristo no scenario da nossa historia politica com as feições de heróe, a reclamar novo Carlyle que perpetúe a sua memoria na categoria de — heróes como patriotas —.

A sua bibliographia é digna de livros no genero de "A vida e o trabalho" de Smiles ou dos que se destinam á educação moral e civica dos adolescentes.

E' um exemplo de devoção ao cumprimento do dever e o prototypo do patriotismo abnegado e desinteressado, dispondo de energia, pertinacia e coragem dos fortes, das almas privilegiadas e dos caracteres de eleição.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, portuguez de origem e brasileiro de coração desde os 13 annos de idade, e de D. Francisca Xavier de Barros da Veiga, fluminense.



O seu pae, ainda joven, foi viver em Minas, onde passou um anno em Villa Rica, contemporaneo dos inconfidentes mineiros, a leccionar latim, arithmetica e a lingua vernacula, para garantir a subsistencia.

Regressando ao Rio, casou-se alguns annos depois; e do consorcio lhe vieram quatro varões, herdeiros todos das qualidades paternas.

Foi o primeiro professor dos quatro filhos, ministrando-lhes o ensino primario, parte do secundario e educação moral e religiosa, elementos preponderantes na formação do caracter dos descendentes.

Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, o seu nome completo, logo que concluiu a instrucção primaria, estudou com varios professores as linguas franceza, ingleza, italiana, aperfeiçoou-se no latim e portuguez, dedicou-se á rhetorica e poetica e concluiu o estudo de humanidades no Seminario de S. José onde estudou philosophia racional e moral com Fr. Marcellino de St.^a Mathilde Bueno.

Os attestados de notavel aproveitamento nas aulas estão reunidos na Secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional e foram transcriptos por Felix Pacheco na monographia historica "O publicista da regencia".

Pretendia continuar os estudos em Coimbra, mas, seguindo o conselho paterno, requereu ao rei um emprego publico, segundo documento tambem existente na Bibliotheca.

Não sendo attendido, resolveu trabalhar com o pae e o irmão mais velho, na livraria da rua de S. Pedro esquina da rua da Quitanda onde permaneceu até casar-se, em 1827, com D. Edeltrudes Maria da Ascenção.

Desligou-se, então, da sociedade que mantinha com o irmão e estabeleceu-se, com o mesmo ramo de negocio, na rua dos Pescadores, hoje Vde. de Inhaúma, ponto de reunião dos chefes liberaes (Senador Vergueiro e deputados Bernardo de Vasconcellos, Padre Feijó e outros) e onde elle escrevia os hymnos, as poesias patrioticas e os artigos da "Aurora Fluminense".

A sua individualidade póde ser encarada sob triplice aspecto: de poeta, jornalista e politico.

Como poeta não sobrepuja o seu valor; não fossem as circumstancias do ardente patriotismo e da consagração como jornalista e politico, não seriam hoje exhumadas as suas producções litterarias dos archivros e bibliothecas e enfeixadas em livro de reconstituição historica.

Encerra esse volume, além dos hymnos antes publicados na Revista do Instituto Historico e Geographico, varios generos de poesias: sonetos, oitavas, decimas, epistolas, odes, contos, idyllios, glozas, epigrammas, estancias, elegias, madrigaes, fabulas e traducções, compostos desde 1811 (aos 12 annos de idade), até 1827.

Apresenta os moldes classicos, com os themas mythologicos, a forma rigida e obediente aos modelos de rhetorica; mas na essencia é um poeta social que, além de revelar amor patrio, canta feitos historicos e façanhas de vulto.



Deve-se ainda mencionar a modalidade satyrica e o lyrismo incipiente.

O jornalista só deve ser apreciado na "Aurora Fluminense" e como tal não se póde differenciar o politico, pois manteve essa dualidade durante todo o periodo de sua vida de imprensa, desde 1827 a 1835, destacando-se somente a sua acção directa no parlamento, quando deputado por Minas em tres legislaturas (1830 a 1837).

Como um attestado do seu character integro, occorre-me repetir o que disseram os seus biographos, para lhe justificar o quasi silencio na phase de propaganda da Independencia.

O respeito e amizade que devotava ao pae, sopitaram-lhe os sentimentos impetuosos, por deferencia e attenção ao facto de ser o progenitor de nacionalidade portugueza e vassallo fiel de D. João VI.

Como prova de não ser indifferente á independencia do torrão natal, póde-se invocar o testemunho dos sonetos contra a tentativa do regresso ao regimen colonial, congratulando-se com Pernambuco pelos desejos manifestados de liberdade e outros, além dos hymnos e de alguns artigos publicados com a tolerancia paterna.

Data, porém, de fins de 1827 a evidencia que teve Evaristo na peleja jornalística, a sustentar polemicas sem aleives e injurias, a estudar questões importantes, com senso pratico e elevação de ideias, e a demonstrar a sua calma imperturbavel perante os adversarios, revelando erudição e terçando com atticismo a ironia leve e penetrante. Revelando-se doutrinario, sustentou o principio da monarchia constitucional e fez a propaganda de absoluto respeito á Constituição, sem ponderar as execraveis conveniencias politicas.

No anno seguinte creou o partido monarchista constitucional, transformou a livraria em fóco para onde convergiam os liberaes puros e os dissimulados republicanos e logrou a eleição de deputado, em pleito livre, a despeito de ser liberal.

Na Camara distinguiu-se pela reflexão amadurecida e pela logica inquebrantavel. Não era orador consumado e pouco frequentava a tribuna, servindo-se de preferencia das columnas da "Aurora Fluminense" para sustentar as suas ideias e examinar todos os factos importantes que se desenrolaram no parlamento e no scenario politico.

Tornou-se popular e bemquisto dos brasileiros, a ponto de ser um dia coroado, em plena rua, por um plebeu que o acompanhara com uma corôa de louros na mão, occulta sobre o dorso, até o momento opportuno de a depôr na cabeça do emerito jornalista e fugir á curiosidade do homenageado.

Quando os liberaes pugnaram pelo regimen federativo nas provincias, Evaristo se oppoz tenazmente, arrostando a impopularidade, mas conservando-se adstricto ao seu programma.

Em 1831, por occasião da *noite das garrafadas*, quando D. Pedro I regressou de Minas e os brasileiros foram insultados e perseguidos pelos



portuguezes, a "Aurora Fluminense" vibrou de indignação energica contra a intervenção estrangeira na politica nacional e dahí em diante combateu sem treguas o governo, exigindo que "desaffrontasse o Brasil vilipendiado e pungido". Redigiu, então, a representação de 17 de Março, assignada por um senador e 27 deputados, a qual determinou a abdicação a 7 de Abril e a proclamação da regencia por elle escripta.

Comprehendeu a elevada missão da imprensa, tornando-se o publicista da regencia e distinguiu-se como o estadista mais influente nos destinos do Brasil, até 1835.

Não é possível, nas escassas proporções desta noticia, enumerar siquer os actos importantes do politico e patriota.

Em 1832 foi victima de um attentado, sendo attingido por um tiro no rosto, o qual lhe produziu ferimento leve e lhe provocou a replica: — Não me farão calar com estes argumentos! —

Fundou a "Sociedade Defensora da Liberdade e da Independencia Nacional", muitas vezes presidida por Fr. Francisco de Mont'Alverne; era socio benemerito da "Sociedade Amante da Instrucção", socio do "Instituto Historico de França" e da "Arcadia Romana".

Educou a expensas proprias diversos rapazes, entre elles: Thomaz Gomes dos Santos, Paula Candido, Francisco Freire Allemão e o Vde. de Inhomirim.

Depois de promulgado o *Acto Adicional* influiu sobre a escolha do primeiro regente, o padre Diogo A. Feijó.

A 31 de Dezembro de 1835 fechou as portas da "Aurora Fluminense" e no anno immediato partiu para Minas, em visita aos seus eleitores e para retemperar a saude abalada. Empreheu uma excursão triumphal, recebendo festas e homenagens por onde passava.

De regresso chegou á côrte em Abril de 1837, com a saude ainda mais compromettida, pela fadiga da viagem penosa e falleceu a 12 de Maio, cercado da esposa e dos filhos a quem dirigiu as seguintes pa'avras: "Vivei no santo temor de Deus... e nelle confiai... e em meu irmão".

Antes de morrer assistiu a uma reunião politica em casa de Feijó, onde se manteve silencioso e triste. Mas quando foi solicitado a fallar, fel-o por espaço de uma hora, profligando o procedimento do Governo e censurando o seu velho amigo.

Recebeu homenagens do Vde. do Araguaya, D. Gonçalves de Magalhães, que lhe dedicou um artigo e uma poesia no Jornal dos Debates e mereceu outra poesia de Porto A'egre.

Morreu pobre de recursos e rico de exemplos e actos nobres legados á posteridade.

Macedo remata os seus meritos com a phrase: "Em sua vida politica foi o symbolo do patriotismo, do desinteresse e da dedicação; do merecimento superior e da modestia exemplar..."

.....



"Será na historia de sua patria a legenda heroica do patriotismo, da honra e da virtude".

Summario para um estudo completo

Como se forja a tempera de um homem — Dos livros á livraria — O poeta de muitas faces — Os hymnos e sonetos patrioticos — Hippolito publicista da Independencia, Evaristo da Regencia e Ruy da Federação e da Republica — A "Aurora Fluminense" — O politico em varias phases e o estadista — O homem de caracter e de coração — Epilogo de uma existencia heroica.



RUY BARBOSA

(Fundador da cadeira n.º 10, cujo patrono é Evaristo da Veiga. Nasceu na cidade de S. Salvador, Estado da Bahia, a 5 de Novembro de 1849).

BIBLIOGRAPHIA

- 1 — DISCURSO — (Em defesa do escravo contra o senhor) — S. Paulo, 1869.
- 2 — DISCURSO — (Estréa na tribuna forense: Desafronta da honra de uma innocente filha do povo contra a lascivia opulenta de um mandão) — Bahia, 1871.
- 3 — RAZÕES — (Questão Carvalho Mendes) 14 pags. — Bahia, Typ. Marques, Aristides & Cia. — 1872.

NOTA — Os livros precedidos do signal (*) fazem parte integrante da minha bibliotheca.

4 — CRIME CONTRA A PROPRIEDADE INDUSTRIAL — (Questão Meuron & Cia. 110 pags. — Bahia, Typ. do Diario, — 1874.

* 5 — ELEIÇÃO DIRECTA — (Discurso numa assembléa popular na Bahia, realisada sob a presidencia do Cons.º Dantas, em 2-8-1874) — 54 pags. — Bahia, Typ. do Diario da Bahia — 1874 (reimpresso no livro "Discursos e conferencis".

* 6 — A LIBERDADE RELIGIOSA — (Conferencia realisada em 21 de Julho, no valle dos Benedictinos, no Boletim do Grande Oriente do Brasil, ns. 5 e 8, pags. 670 e 700) — 1876 — Foi reeditada sob o titulo: "A Igreja e o Estado" 45 pags. Rio, Typ. Hildebrant 1913.

* 7 — O PAPA E O CONCILIO por Janus, versão e introdução de Ruy — 285-308 — VI pags. — Rio, Typ. Brown e Evaristo — 1877.

8 — DEFESA do Guarda-Mór José Gonçalves Martins — 40 pags. Bahia Typ. do Diario de Noticias — 1877.

9 — DISCURSO sobre Alexandre Herculano, na sessão funebre celebrada no Theatro S. João — 56 pags. — Bahia — Typ. Bahiana — 1877.

10 — DISCURSO 23 de Abril nos Annaes da Assembléa Legislativa da Bahia de 1878, pags. 10 e seguintes — 1878.

11 — LIBERDADE COMMERCIAL — Discurso na Assembléa Legislativa, sessão de 27 de Junho — 26 pags. — Bahia, Typ. do Diario — 1878.

12 — O PARTIDO LIBERAL — Discurso pronunciado na Camara dos Deputados, sessão de 17 de Março — 32 pags. — Bahia, Typ. do Diario — 1879.

13 — PROJECTO DE REFORMA ELEITORAL — Conhecido pelo nome de Lei Saraiva — Defesa do chefe de policia Rocha Vianna — Bahia, 1880.

14 — CIRCULAR ao eleitorado do 2.º Districto da Bahia, quando pleiteou a eleição de deputdo geral, sob o regimen da Lei Saraiva — 2 pags. — 1881.

* 15 — PELOS ESCRAVOS — Carta ás senhoras bahianas — 18 pags. Bahia, 1881 — Foi antes publicada no "Diario da Bahia" em 1875.

* 16 — ELOGIO DO POETA CASTRO ALVES — Discurso — 52-18 pags. — Bahia, Typ. do "Diario da Bahia" — 1881 — Neste opusculo está reimpresso o folhetim "Pelos Escravos" acima referido.

* 17 — REFORMA DO ENSINO SECUNDARIO E SUPERIOR — parecer e projecto — 74-25 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1882.

* 18 — O MARQUEZ DE POMBAL — discurso no centenario — 84 pags. — Rio, Typ. Leuzinger & Filhos — 1882 — Ha varias edições; possúo a 2.ª.

19 — DISCURSO na Camara Geral, a 6-3, 7-7 e 29-9 de 1882 — Annaes 1882.

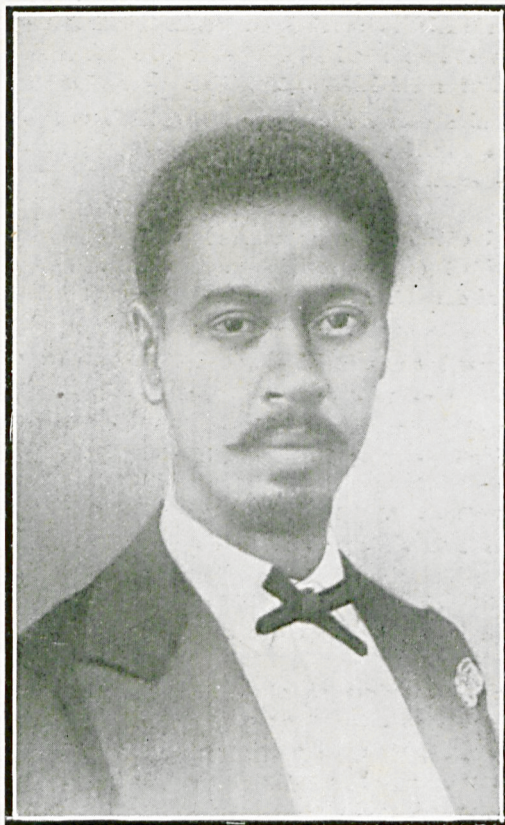
* 20 — O DESENHO E A ARTE INDUSTRIAL — Discurso no Lyceu de Artes e Officios em 23-11-1882 — 31 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1882. Reimpresso em 1918, pelo Lyceu.



- * 21 — REFORMA DO ENSINO PRIMARIO — parecer e projecto — 378 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1883.
- 22 — PETIÇÃO DE GRAÇA — 24 pags. — Rio, Typ. Pereira Braga & Cia. 1883.
- 23 — RAZÕES — questão Barão do Amparo — 18 pags. — Rio, Typ. Pedro Jardim & Cia. — 1884.
- 24 — RAZÕES — questão F. José da Cruz — 16 pags. — Rio, Typ. Pereira Braga & Cia. — 1884.
- * 25 — EMANCIPAÇÃO DOS ESCRAVOS — parecer — 225 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1884.
- * 26 — FERIA POLITICA — (Traços para a historia da opposição em 1883 — artigos publicados com o pseudonymo “Salisbury” — 104 pags. Typ. Nacional — 1884.
- * 27 — UMA ESCARAMUÇA CONSERVADORA EM 1883 — (O crime de 25 de Outubro) — Artigos sobre o assassinio de Apulchro de Castro, com o pseudonymo de Swift — 49 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1884.
- * 28 — ELEMENTO SERVIL — Discurso na Camara dos Deputados — 23-7-1884 — 20 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1884.
- * 29 — DISCURSO — Homenagem ao Ministerio Dantas — 52 pags. Rio, Typ. Central — 1885 — Foi incluido nos Discursos e Conferencias.
- 30 — DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE — Razões de appellação — 63 pags. — Rio, Typ. Mont'Alverne — 1885.
- 31 — CONFERENCIA ABOLICIONISTA — no Theatro Polytheama da Bahia, em 7-6-1885 — 80 pags. — Bahia, Typ. do Diario da Bahia — 1885.
- * 32 — A SITUAÇÃO ABOLICIONISTA — Discurso no Theatro Polytheama, em 2-8-1885 — 62 pags. — Rio, Typ. Central — 1885 — Nos Discursos e Conferencias.
- 33 — COMMEMORAÇÃO DA LEI DE 7 DE SETEMBRO DE 1831 — Conferencia — 64 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1885.
- * 34 — LIÇÕES DE COISAS — por Calkins, versão de Ruy — 616 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1886.
- * 35 — DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA — Memorial dos recorridos — 72-XIV pags. — Rio, Typ. Mont'Alverne — 1886 — Reimpresso em “O Direito” — vol. 39, pags. 614. Sobre o prolongamento da Rua Luiz de Vasconcellos.
- 36 — RAZÕES — questão Madeira — 14 pags. — Rio, Typ. Moreira Maximiano — 1886.
- 37 — RAZÕES — Abolição dos atravessadoiros — 28 pags. — Rio, Typ. Pinheiro & Cia. — 1886.
- 38 — ANNULLAÇÃO DO CONTRACTO DOTAL — appellação cive' n.º 5656 e razões — 2 folhetos — Rio, 1886-1887.
- * 39 — JOSE' BONIFACIO — Discurso (sessão cívica) — 73 pags. — S. Paulo, Typ. King — 1887.

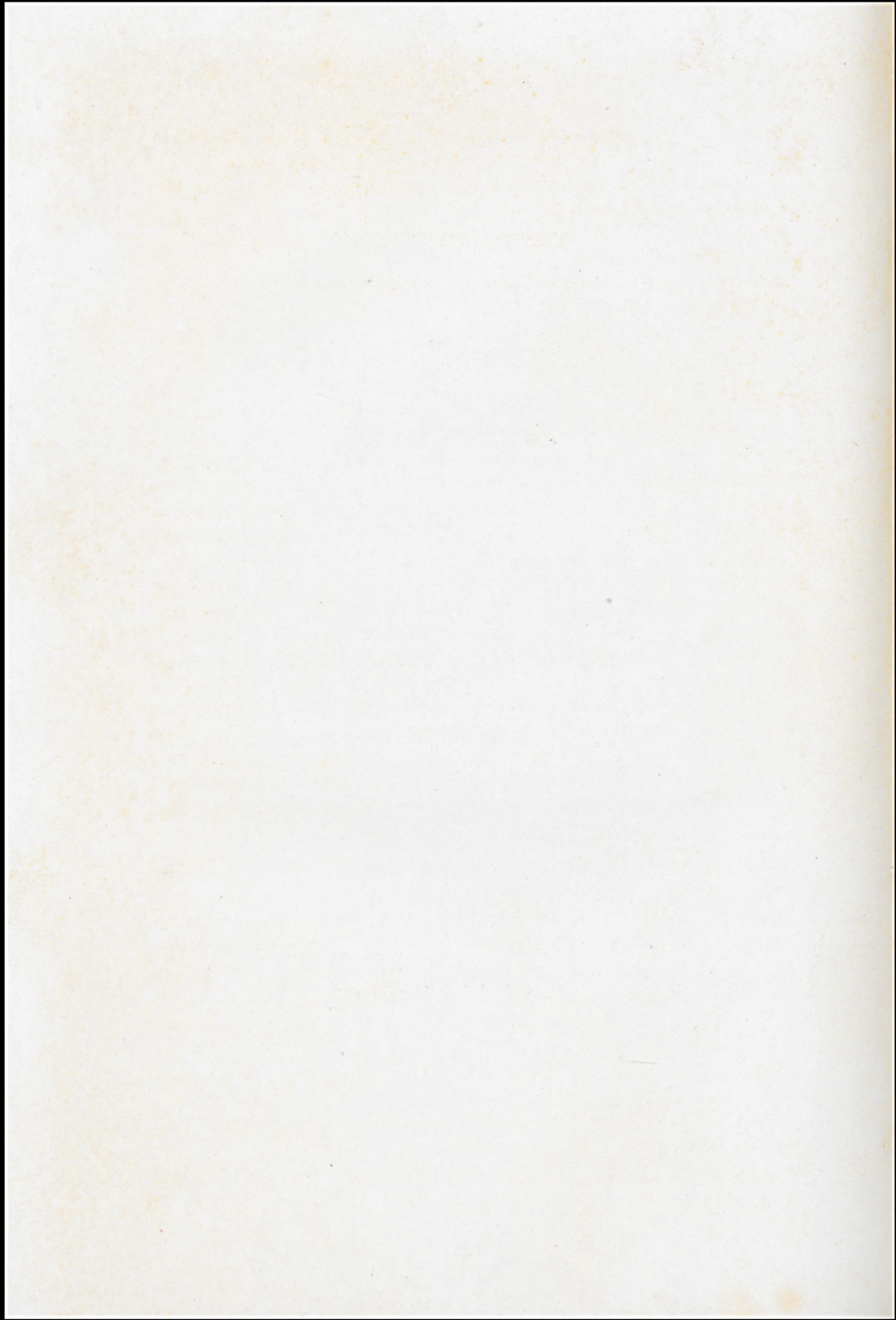


VULTOS DO IMPERIO



Eng. André Rebouças (*)

(*) Em o numero anterior sahiu o retrato do Cons. Antonio Pereira Rebouças como sendo o de André Rebouças. Fica feita a devida rectificação.



- 40 — RAZÕES — Questão Latif — 30 pags. — Typ. M. Maximiano — 1887.
- 41 — RAZÕES — Questão Derby Club — 15 pags. — Rio, Typ. Miranda & Almeida — 1887.
- 42 — RAZÕES — Questão Lobo Lago — 16 pags. — Rio, Typ. Gonçalves e Mendes — 1887.
- * 43 — SWIFT — (Estudo litterario na 1.^a ed. das Viagens de Gulliver) — 44 pags. — Rio, Typ. Laemmert — 1887.
- * 44 — CONFERENCIA — da Confederação Abolicionista — 68 pags. — Rio, Typ. Mont'Alverne — 1887 — Nos Discursos e Conferencias.
- * 45 — DISCURSO pronunciado no meeting da Confederação Abolicionista (Theatro Polytheama do Rio) em 28-8-1887 — 34 pags. — Rio, 1887.
- * 46 — O ANNO POLITICO DE 1887 — 152 pags. — Rio, Typ. da Gazeta de Noticias — 1888.
- * 47 — DISCURSO — na manifestação da Sociedade Libertadora — Bahia, em 29 de Abril de 1888 — Nos Discursos e Conferencias.
- 48 — REVISTA CRIME — (questão de moeda falsa) — Rio, 1888.
- 49 — PETIÇÃO DE GRAÇA — (de Charles Monségur) — Rio, 1888.
- 50 — RAZÕES — questão Dulton Parker — 12 pags. Rio, Typ. Oliveira, Filho & Cia. — 1889.
- * 51 — LEI TORRENS — exposição ao Chefe do Governo Provisorio; lei e regulamento — 49 pags. — 1890 — 2.^a edição em 157 pags. — Rio Grande do Sul — Echenique & Irmão — 1894.
- 52 — PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO DOS E. U. DO BRASIL — Submettido á consideração e aprovação do Congresso Constituinte — 1890
- 53 — PLANO DE REFORMA BANCARIA — Mensagem ao generalissimo Deodoro — 41 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1890.
- 54 — EMISSÃO E CREDITO — Exposição ao Chefe do Governo Provisorio — 12 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1890.
- 55 — O BANCO HYPOTHECARIO — exposição ao generalissimo Deodoro — 60 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1890 — Deste trabalho ha uma edição em francez do proprio autor: Banque Hypothécaire Nationale — 82 pags. — Typ. J. Villeneuve & Cie.
- * 56 — RELATORIO DO MINISTRO DA FAZENDA — 464 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1891.
- * 57 — ANNEXOS AO RELATORIO — 40 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1891.
- 58 — A EXECUÇÃO DA LEI TORRENS na Capital Federal — 40 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1891.
- * 59 — DISCURSO NO CONGRESSO NACIONAL — em 16-12-1890 — 88 pags. — Rio, Imprensa Nacional 1891.



60 — HABEAS CORPUS a favor dos presos pelos decretos de 10 e 11 de Abril de 1892 — 76 pags. — Bahia, Typ. do Diario da Bahia — 1892 — Este trabalho foi posteriormente publicado com o titulo:

* 61 — O ESTADO DE SITIO (suas condições, seus limites, seus effeitos) — 65 pags. — Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1892.

62 — O ESTADO DE SITIO — discursos e escriptos na imprensa e nos tribunaes, em defesa do *habeas-corpus* e dos perseguidos politicos de 1892 — 278 pags. — Rio, Comp. Impressora — 1892.

* 63 — MARTIAL LAW — its constitution, limites and effects — 60 pags. — Rio, Typ. Aldina — 1892.

* 64 — FINANÇAS E POLITICA DA REPUBLICA — discursos e escriptos — 475 pags. — Rio, Cia. Impressora — 1892.

65 — RAZÕES — questão Pinho Chopim — 15 pags. — Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1892.

* 66 — SOCIEDADES ANONYMAS — Questões de nullidade — (Razões de Sebastião Pinho & Cia. Chopim) — 66 pags. — Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1892.

67 — DISCURSO pronunciado no Senado em 25 de Agosto — Annaes — 1892.

* 68 — VISITA A' TERRA NATAL — 121 pags. — Bahia, Typ. do "Diario da Bahia" — 1893.

* 69 — ACTOS INCONSTITUCIONAES DO CONGRESSO E DO EXECUTIVO — 249 pags. — Rio, Cia. Impressora — 1893.

* 70 — HABEAS-CORPUS A FAVOR DOS PRESOS DO JUPITER — 29 pags. — Rio, Typ. "Jornal do Brasil" — 1893.

* 71 — A ANARCHIA DA BAHIA — Restauração da Liberdade — artigos em Historia da Sedição da Bahia de J. Gonçalves Tourinho — pags. 49 a 54 — Bahia, Lith-Typ. de J. G. Tourinho — 1893.

72 — DEFESA DO HABEAS-CORPUS A FAVOR DOS PRESOS DO JUPITER — 66 pags. Rio, Typ. do "Jornal do Brasil" — 1893.

73 — JUSTIÇA MILITAR — Defesa do Almirante Dr. Pereira Guimarães — 28 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1895.

74 — DISCURSO pronunciado no banquete offerecido pelo director do "Jornal do Commercio" ao Cons.^o Ruy Barbosa, a 30 de Novembro de 1895 — 22 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1895.

* 75 — CARTAS DA INGLATERRA — XX-410 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1896

* 76 — AMNISTIA INVERSA — (Caso de teratologia juridica) 2.^a edição XVIII — 127 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1896.

77 — MEMORIAL DOS AUTORES — questão entre a Cia. Rio Doce ao Caytê e Obras Publicas de Minas e o Visconde Guahy — 27 pags. Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1896.



* 78 — A APOSENTADORIA FORÇADA DOS MAGISTRADOS EM DISPONIBILIDADE — 74 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1896.

79 — O JURY E A RESPONSABILIDADE PENAL, DOS JUIZES — defesa do Dr. Alcides de Mendonça Lima — 145 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1896 — Outra edição no mesmo anno da Typ. da Revista dos Tribunaes.

* 80 — ESCOLA POLYTECHNICA — acção de manutenção requerida pelos lentes suspensos — 27 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1896.

81 — CAUSA MURTINHO — embargos de nullidade — 37 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1896.

82 — UMA REVOLUÇÃO NO PROCESSO CIVIL — Allegações da causa acima — 34 pags. — Rio, Typ. da “Gazeta de Noticias” — 1897.

* 83 — QUESTÃO VEIGA PINTO & CIA. — razões de appellação — 101 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1897.

84 — RAZÕES — questão Saxe de Queirod — 60 pags. — Rio, Typ. Leite Gomes & Cia. — 1897.

85 — QUESTÃO SAXE DE QUEIROD — appendice ao memorial — 32 pags. Rio, Typ. Leuzinger — 1897.

* 86 — O PARTIDO REPUBLICANO CONSERVADOR — documentos de uma tentativa baldada — 130 pags. -- Rio, Typ. Mont'Alverne — 1897.

* 87 — QUESTÃO DO BANCO DA REPUBLICA — defesa do Commandador Modesto Leal — 190 pags. — Rio, Typ. “Jornal do Commercio” — 1897.

* 88 — DISCURSO NO SENADO — em 6-11-1897 — 21 pags. — Vassouras, Typ. do “Vassourense” — 1897.

89 — DISCURSO — no Senado em 13-10-1897, resposta ao deputado Cezar Zama — 113 pags. — Ouro Preto, Typ. Official do Estado — 1897 — Ha ainda duas edições: uma na Bahia e outra no Rio.

90 — NOVUM JUS — restituição de vencimentos por executivo fiscal — 60 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1898.

* 91 — DISCURSO — pronunciado no Congresso em 1897 (no livro de Pelino Guedes sobre o Marechal Bittencourt) — pags. 69 a 136 — Rio, Typ. Leuzinger — 1898.

* 92 — PROCESSO CRIMINAL MATTOS GONÇALVES — pareceres — pags. 9 a 13 e 27 a 30 — Juiz de Fóra, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1897.

* 93 — ACCÃO ORDINARIA — (Banco do Brasil — Syndicato Agricola Fluminense) parecer — pags. 17 a 20 — Rio, Ty. do “Jornal do Commercio” — 1897.

94 — REVISÃO CRIME — do processo Mattos Gonçalves — 49 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1898.



- 95 — LEIS RETROACTIVAS E INTERPRETATIVAS — 49 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1898.
- 96 — QUESTÃO DO MERCADO DA GLORIA — 15 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1898.
- * 97 — ACÇÃO DE PERDAS E DAMNOS — (questão do mercado da Gloria) — razões finais — 93 pags. — Typ. do "Jornal do Commercio".
- * 98 — IMPOSTO INCONSTITUCIONAL — (Repetição do indebito) — questão entre The London and Brazilian Bank e outros — parecer — pags. 83 a 98 — Rio, Typ. Carlos Gaspar da Silva e Campos — 1898 — Foi impresso em folheto em 1905 — 16 pags. — Bahia, Officinas dos Dous Mundos.
- * 99 — LIQUIDAÇÃO DE SENTENÇA — (Aggravo cível) questão entre J. C. Murinho e Arthur Heredia de Sá — razões — pags. 27 a 48 — Rio, Typ. do "Jornal do Brasil" — 1898.
- * 100 — HABEAS-CORPUS — (Estado de sitio — Termo de seus effeitos) discursos no Supremo Tribunal — pags. 15 a 115 — extrahido da Revista de Jurisprudencia — Rio, 1898.
- * 101 — BURGOS AGRICOLAS — questão Saxe Queirod — memorial — appellação — pags. 77 a 128 — Rio, Typ. Leuzinger — 1898.
- 102 — LE PREMIER PLAIDOYER POUR DREYFUS — 39 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1898.
- 103 — EDUCAÇÃO CIVICA — discurso na Bahia em 6-11-1897 — 26 pags. — Manãos Typ. T. de Queiroz — 1899.
- * 104 — POSSE DE DIREITOS PESSOAES — 78 pags. — Rio, Typ. Olympio de Campos & Cia. — 1899.
- 105 — RAZÕES — causa Vianna Sederstrom — 49 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1899.
- 106 — SEGURANÇA INDIVIDUAL — (A prisão do Cons.º Andrade Figueira, com uma advertencia do Vde. de Ouro Preto) — 100 pags. Rio, Cia. Typographica do Brasil — 1900.
- * 107 — PRESERVAÇÃO DE UMA OBRA PIA — razões finais pela Directoria da A. S. Vicente de Paula — 196 pags. — Rio, Officinas do "Jornal do Brasil" — 1901.
- 108 — DISCURSO — pronunciado no Senado em 8-6-1901 em resposta ao Senador Barata Ribeiro — no Diario do Congresso de 17-1-902.
- 109 — DISCURSO — pronunciado no Senado em 26-12-1901 — Diario do Congresso de 17-1-902.
- * 110 — PARECER SOBRE O PROJECTO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO — 561 pags. Rio, Imprensa Nacional — 1902.
- * 111 — PREFACIO — nos discursos de Francisco de Castro — 12 pags. — Rio, Typ. B. Frères — 1902.
- 112 — DISCURSO — pronunciado como paranympho dos alumnos do Collegio Anchieta — 52 pags. — Nova Friburgo — Typ. do Collegio — 1903.



113 — INVENTARIO DOS BENS IMPERIAES — petições e documentos dos príncipes de Saxe — 38 pgs. — Rio, Typ. Leuzinger — 1903.

* 114 — LIMITES ENTRE O CEARA' E O RIO GRANDE DO NORTE — razões finais — 465 pags. e 1 mappa — Rio, Typ. Cia. Typ. do Brasil — 1904.

* 115 — AREIAS MONAZITICAS — pareceres — pags. 56 a 65 — Rio, Typ. Leuzinger — 1904.

116 — SEGURO MARITIMO — sustentação de embargos dos appellados Millerio & Cia. — 104 pags. — Rio, Typ. da Cia. Typographica — 1904.

117 — DEPORTAÇÃO DE UM BRASILEIRO — razões de Antonio da Costa Borlido — 63 pags. Rio, Typ. do "Jornal do Brasil" — 1904.

* 118 — REPLICAS ÀS DEFESAS DA REDAÇÃO DO PROJECTO DO CODIGO CIVIL — 599-XX pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1904.

119 — EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DO PLENIPOTENCIARIO VENCIDO — Trabalho sobre o Tratado de Petropolis — 38 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1904.

* 120 — INVENTARIO DE D. MARIANNA SALUSSE — razões — 108 pags. — Rio, Cia. Typ. do Brasil — 1904.

* 121 — O ACRE SEPTENTRIONAL — Reivindicação do Estado do Amazonas — 157 pags. — Rio Typ. do "Jornal do Commercio" — 1906.

122 — A TRANSACÇÃO DO ACRE NO TRATADO DE PETROPOLIS — polemica — 126 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio" — 1906.

123 — OS RECURSOS EXTRAORDINARIOS — parecer — 61 pags. — Rio, Typ. Almeida Marques & C.^a — 1906.

* 124 — RECURSO EXTRAORDINARIO N.º 406 — (Manoel Corrêa de Brito e Estado do Amazonas) pags. 43 a 55 — Rio, Typ. Almeida Marques — 1906.

* 125 — ACTES ET DISCOURS — 332 pags. — Haye, W. P. Van Stockum et Fils — 1907.

* 126 — DISCOURS PRONONCÉ À LA 2^{ème} CONFERENCE DE LA PAIX À LA HAYE — 7-10-1907.

* 127 — DISCURSOS E CONFERENCIAS — 558 pags. — Porto, Empreza Litteraria e Typographica — 1907.

128 — DISCURSO — na manifestação de Paris, no regresso de Haya — Paris, Imprimerie Centrale de la Bourse — 1907.

* 129 — IMPUGNAÇÃO DOS EMBARGOS DO CEARÁ PELO RIO GRANDE DO NORTE — 57 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1908.

* 130 — FALLENCIA DE C. LIMA & CIA. — parecer — pags. 38 a 43 — Rio, Typ. Leuzinger — 1908.



- 131 — DISCURSO — no Senado, agradecendo a Barata Ribeiro — Diario do Congresso 1.º de Janeiro de 1908.
- 132 — DISCURSO — no Senado, quando assumiu a vice-presidencia — Diario do Congresso 7 de Maio de 1908.
- * 133 — O BRASIL EM HAYA — de W. Stead — com discursos de Ruy — 184 pags. — Rio, Typ. M. Piedade & Cia. — 1908.
- * 134 — OS PRIVILEGIOS EXCLUSIVOS NA JURISPRUDENCIA AMERICANA — parecer — 58 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1898.
- * 135 — O BRASIL E AS NAÇÕES LATINO-AMERICANAS EM HAYA — discurso no Senado — 68 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1908.
- 136 — PARECER — questão Josepha Maria da Conceição e Francisco Carlos da Silva Braga — 2 pags. — 1909.
- * 137 — ANATOLE FRANCE — discours à l'Académie Brésilienne á 17-5-1909 — Rio, Imprimerie Nationale — 1909.
- 138 — DISCURSO — no Senado, assassinio de estudantes — Diario do Congresso de 24-9-909.
- * 139 — O DIREITO DO AMAZONAS AO ACRE SEPTENTRIONAL — 2 vols. — 400-601 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1910.
- * 140 — CONTRA O MILITARISMO — campanha eleitoral de 1909 a 1910 — 3 series — 133-78-100 — Rio, J. Ribeiro dos Santos — 1910.
- * 141 — EXCURSÃO ELEITORAL AOS ESTADOS DE S. PAULO, MINAS E BAHIA — manifestos á Nação — 276-339 pags. S. Paulo, Casa Garraux 1909-1910.
- 142 — PLATAFORMA POLITICA — no Polytheama Bahiano em 15-1-1910 — 83 pags. — Rio, Typ. da Papelaria Central — 1910. Mais 4 edições, sendo 2 na Bahia, uma no Rio e outra em S. Paulo.
- * 143 — ELEIÇÃO PRESIDENCIAL — 2 vols. (Annaes) — XVIII-1105-X-997 — pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1910-1911.
- 144 — DISCURSO — no Senado — Diario do Congresso de 30-11-1910.
- 145 — OS PRIVILEGIOS EXCLUSIVOS NA JURISPRUDENCIA CONSTITUCIONAL DOS ESTADOS UNIDOS — parecer — 72 pags. — Rio, Typ. da Empreza Photo-Mechanica do Brasil — 1911.
- * 146 — NULLIDADE E RESCISÃO DE SENTENÇAS — 68 pags. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1911.
- 147 — A CULPA CIVIL NAS ADMINISTRAÇÕES PUBLICAS — 93 pags.
- * 148 — APPELLAÇÃO N.º 1960 — Cel. José Guilherme de Souza e outro contra The Leopoldina Railway — 51 pags. Rio, Typ. do “Jornal de Commercio” — 1911.
- 149 — O CASO DO SATELLITE — discurso no Senado — Diario do Congresso 17 e 18 de Junho de 1911.



- 150 — DISCURSO NO SENADO — Viagem do Marechal Hermes à Bahia — Diário do Congresso de 16-8-1911.
- 151 — O DEVER DO ADVOGADO — resposta a uma consulta do Sr. Evaristo de Moraes — 17 pags. — Rio, Typ. da Casa Veritas — 1912.
- 152 — A SITUAÇÃO POLITICA DO PAIZ — Discurso no Senado (Annaes).
- 153 — PROTESTO CONTRA A NOMEAÇÃO DO JUIZ MIBIELLI — Diário do Congresso de 30-10-1912.
- * 154 — MADEIRA E MAMORE' — parecer — pag. 15 a 22 — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1913.
- * 155 — AS CESSÕES DE CLIENTELA E A INTERDICÇÃO DE CONCORRENCIA NAS ALIENAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS COMMERCIAES E INDUSTRIAES — 395 pags. — Rio, Typ. Photo-Mechanica do Brasil — 1913.
- 156 — O CASO DO AMAZONAS — discursos no Senado — Diário do Congresso de 7, 11, 12, 13, 14, 25, 26, 27 e 28 de Setembro de 1913.
- 157 — ESTYLOS PRESIDENCIAES — discurso — Diário do Congresso 1-10-913.
- 158 — REUNIÕES PARTIDARIAS NO EDIFICIO DO SENADO — discurso — Diário do Congresso de 8-11-913.
- 159 — HABEAS-CORPUS — discurso pronunciado no Senado em 22 de Janeiro de 1914.
- * 160 — RUY BARBOSA E O BRASIL — entrevista do Imparcial de 25-1-913.— folheto de 32 pags. — Manãos, Typ. da Liv. Palais Royal — 1913.
- 161 — DISCURSOS — no Senado — Annaes de 1914 — (muitos).
- * 162 — DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO DE ADVOGADOS — pags. 219 a 243 das conferencias do Inst. dos Advogados — Rio, Typ. do Jornal do Brasil — 1914. Ha uma edição em folheto — Pará — Liv. e Typ. Bittencourt.
- * 163 — PARECER — sobre a appellação civil n.º 2286 — na questão H. Lowndes — Cde. de Leopoldina — pag. 7 a 116 — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1914.
- * 164 — USOFRUCTO OU FIDEICOMISSO? — parecer — 10 pags. Rio, Typ. Leuzinger — 1914.
- 165 — PROGRAMMA DO PARTIDO LIBERAL — Rio — 1914.
- * 166 — ACÇÃO DE NULLIDADE E ARBITRAMENTO — Espirito Santo-Minas Geraes — 150 pags. — Rio, Papelaria Americana — 1915.
- * 167 — A GENESE DA CANDIDATURA DO SR. WENCESLÁU — 83 pags. — Rio, Typ. Almeida Marques & C.ª — 1915.
- * 168 — OTERO FILHOS & C.ª VERSUS FAZENDA NACIONAL — parecer — pags. 3 a 17 — Porto Alegre — Liv. do Globo — 1915.
- 169 — DISCURSOS NO SENADO — Annaes de 1915.



- * 170 — NULLIDADE DE ARBITRAMENTO POR EXCESSO DE PODERES ARBITRAES — (questão A. Werneck versus Minas)— 165 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1916.
- * 171 — A PROPOSITO DA CONCESSÃO DAS OBRAS DO PORTO DE PORTO ALEGRE — parecer — 111 pags. Rio, Typ. de Jornal do Commercio — 1916.
- * 172 — PROBLEMAS DE DIREITO CONSTITUCIONAL — conferencia em Buenos Ayres — 138 pags. — Londres, Jas. Truscott and Son — 1916.
- 173 — APPELLO — aos Presidentes de Estado e ao Prefeito do Districto Federal, juntamente com o Dr. Nilo Peçanha — Comissão brasileira de socorros á Belgica — 9 pags. — Rio, 1917.
- * 174 — INTERPRETAÇÃO DO ART. 72 DA CONSTITUIÇÃO (§§ 6.º e 7.º) — parecer — 35 pags. Rio, Officinas Graphicas do Jornal do Brasil — 1916.
- * 175 — DEMISSÃO DE CURADOR GERAL DE ORPHÃOS — 113 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1916
- 176 — QUESTÃO MINAS-WERNECK — (Compêtencia do Supremo Tribunal) — 120 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1917.
- 177 — LAUDO — questão dos portos de Corumbá e Jaraguá.
- * 178 — CONFERENCIA EM PETROPOLIS — em Março de 1917 — edição em beneficio da Cruz Vermelha — 20 pags. São Paulo, Lithographia Sarcinelli — 1917. Ha uma edição de Londres (65 pags.) 1917.
- * 179 — OSWALDO CRUZ — discurso pronunciado na sessão civica de 21-5-917 — 47 pags. — Rio, Manguinhos — 1917. Foi publicado na Revista do Brasil.
- * 180 — AOS ATIRADORES BAHIANOS — discurso — Rio, Pimenta de Mel'o & C.ª — 1917.
- 181 — DISCURSOS NO SENADO — Annaes de 1917.
- * 182 — PAGES CHOISES DE RUY BARBOSA — trad. de Clément Gazet — préface de Paul Deschanel — 303 pags. — Rio, F. Briguier & C.ª — 1917.
- 183 — SUSTENTAÇÃO DE EMBARGOS (na questão Americo Werneck versus Minas Geraes) — 229 pags. — Typ. do Jornal do Commercio — 1918.
- * 184 — PREFACIO — á Abolição de Osorio Duque Estrada — 12 pags. — Rio, Leite Ribeiro & Maurillo — 1918.
- 185 — CARTA-PROLOGO — Prosa de Cassandra de Eduardo Ramos — 8 pags. — Rio, Leite Ribeiro & Maurillo — 1918.
- * 186 — A REVOGAÇÃO DA NEUTRALIDADE DO BRASIL — 109 pags. — Londres, R. Clay, Sons — 1918.
- * 187 — PAZ... MAS QUE PAZ? — artigo publicado no Imparcial — folheto de 11 pags. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1918.
- * 188 RECURSO EXTRAORDINARIO N.º 945 — (C.ª Agricola e Commercial do Brasil, embargos infringentes — 63 pags. — Rio, 1918.



* 189 — PAGINAS LITERARIAS — 420 pags. — Bahia, Liv. Catilina — 1918.

*190 — CARTAS POLITICAS E LITERARIAS — vol. I — 384 pags. — Bahia, Livraria Catilina — 1919.

191 — DAS TERRAS DEVOLUTAS CONCEDIDAS A E. F. S. PAULO-RIO GRANDE — parecer junto ao trabalho do Cons.º Rodrigues Teixeira, com o mesmo titulo.

Ha muitos discursos nos Annaes da Assembléa Legislativa da Bahia, na Camara dos Deputados e no Senado federaes, ou Diario do Congresso.

A presente bibliographia foi organisada com o concurso das que foram preparadas por Laudelino Freire (Revista de Lingua Portugueza), Lima Barbosa, Nazareth de Menezes e notas por mim registradas, inclusive os livros da minha colleção.

Ruy Barbosa tem trabalhos em quasi todos os jornaes e revistas do seu tempo. Destaco, entre muitos, os seguintes: O RADICAL PAULISTA-NO, jornal que fundou com Americo de Campos em 1869; O YPIRANGA, onde collaborou com José Bonifacio (1869); DIARIO DA BAHIA, sob a direcção de Souza Dantas (1872), sendo redactor chefe em 1873 e de cuja redacção fez parte até 1879; REVISTA DA LIGA DO ENSINO por elle dirigida, com a collaboracão de Rodolpho Dantas e outros; O DIREITO: Desapropriacão por utilidade publica, vol. 39, pag. 614; Escravos de filiacão desconhecida, vol. 44, pag. 20; Questão Soares do Amaral, vol. 49; Seguros maritimos, vol. 50; Unificacão gradual do meio circunstante, vol. 54; Organisação do Tribunal de Contas, vol. 54; Acção de nullidade de aposentadoria de magistrados, vol. 70; Impostos interestadaes, vol. 92; Municipalidade de Cataguazes, vol. 113; Suspensão do trabalho em dias ou horas especificadas, vol. 21; Socios commanditarios em fallencia da sociedade, vol. 86; C.ª de Seguros, vol. 88; Incompatibilidades eleitoraes, vol. 91; Art. 6.º letra *i* da Constituição, vol. 96; Alis-tamento eleitoral, vol. 98; O *impeachment* na Constituição da Bahia, vol. 100; Perda do cargo de vice-governador do Amazonas, vol. 114; DIARIO DE NOTICIAS, sob sua direcção desde 6-3-1889 até o dia em que entrou para o Governo Provisorio; JORNAL DO BRASIL esteve sob sua direcção desde 21-3-1893 até sua retirada para o extrangeiro; A IMPRENSA, jornal que fundou, 1.º numero publicado a 5-10-1898, trazendo notavel artigo de apresentacão sob a epigraphe "Aspirações e projectos". Nesse jornal foram publicados muitos artigos que merecem a inclusão em volumes. Laudelino Freire indica 29 em 1898, 50 em 1899, 47 em 1900, 8 em 1901; mas Ruy Barbosa accrescentou os titulos de outros, em carta publicada no Jornal do Commercio; BAHIA ILLUSTRADA; REVISTA DE DIREITO: Exercício da medicina (vol. 4.º), Sociedade anonyma (vol. 29), Desapropriacão (volume 39), Factos successivos (v. 45); JORNAL DO COMMERCIO, em varios annos; TRIBUNA (1907); IMPRENSA (1907 em diante); O DIARIO (1908); O PAIZ (em varios annos); DIARIO DE NOTICIAS: 18 artigos, com



parecer, uma carta e 4 discursos em 1911, 29 artigos e cinco discursos em 1912 (conveniente ler a rectificação na alludida carta de Ruy); REVISTA DO SUPREMO TRIBUNAL (varios annos); CORREIO DA MANHÃ (de 1912 em diante); REVISTA PREDIAL: Terrenos de marinha (vol. 1); GAZETA DE NOTICIAS (1913 em diante); DIARIO DO CONGRESSO (varios annos); O ESTADO DE S. PAULO (varios annos); O ECHO; REVISTA JURIDICA: Rescisão de contracto, Usofructo ou fideicomisso?, Contracto antenuptial, Monopolio dos serviços publicos, Laudo (questão dos portos), Tutella testamentaria, Delegação de poderes, Do commercio interestadoal; JORNAL DE NOTICIAS da Bahia; O IMPARCIAL; REVISTA DO BRASIL: Brasil-Allemanha n. 16, Oswaldo Cruz n. 19, A situação nacional n.º 21, Projectos e esperanças n.º 32, Discursos por occasião do jubileu n.º 32, As classes conservadoras n.º 39, A questão social e politica no Brasil n.º 40; Conferencia de Juiz de Fóra n.º 41, O caso internacional ns. 42 e 43, A questão das condecorações n.º 43; REVISTA DE DERECHO, HISTORIA Y LETRAS: Defesa abrumadora; REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES DE CAMPINAS: A humanidade (poesia) n.º 42, Discurso de agradecimento ns. 35 e 36; ALMANACK GARNIER (1905 e 1910); REVISTA DE LINGUA PORTUGUEZA (reedição de varias obras); GAZETA DA TARDE (1887); LA NACION de Buenos Ayres; CORREIO DA TARDE do Rio (1893); LA PRENSA de Buenos Ayres; FOLHA DO DIA (Rio); A NOITE; A EPOCA; além de muitos outros jornaes e revistas do Brasil e de varias nações estrangeiras.

A sua representação iconographica é amplamente divulgada no paiz e fóra do nosso meio, em retratos de todos os formatos e especies, em medalhas, bustos, caricaturas, etc.

Fontes para auxiliar o estudo critico

- 1 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira vol. VI pag. 47.
José Verissimo — Revista Brasileira (3.ª phase) vol. 6.º pag. 251.
José Verissimo — A imprensa, memoria inserta no Livro do Centenario.
- 2 *Sylvio Romero* — Livro do Centenario.
- 3 *Araripe Junior* — Dialogos sobre as novas grandezas do Brasil.
Araripe Junior — Dois grandes estylos 1907.
- 4 *Affonso Celso* — Oito annos de parlamento.
- 5 *Valentim Magalhães* — Album da Republica, fasc. 2.
Valentim Magalhães — Notas á margem, anno I n.º 3, pags. 71 a 76—1888.
- 6 *Coelho Netto* — Compendio de litteratura brasileira.
- 7 *Alcindo Guanabara* — A Imprensa de 5-11-1909.
- 8 *Osorio Duque Estrada* — A Abolição



- 9 *Alcides Maya* — Chronicas e ensaios, pags. 168, 241 e 251.
- 10 *Nazareth de Menezes* — Ruy Barbosa, sua vida e sua obra — 1915.
- 11 *Garcia Merou* — El Brasil Intelectual, pag. 325.
- 12 *Lima Barbosa* — Ruy Barbosa na politica e na historia — 1916.
Lima Barbosa — Ruy Barbosa nunca foi um ambicioso — Correio da Manhã 25 e 31-8-913 e 8-9-1913.
- 13 *Cursino Belem* — Perfil historico de Ruy Barbosa — 1915.
- 14 *Victor Orban* — Littérature brésilienne pag. 203.
- 15 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 171.
- 16 *José Maria Bello* — Ruy Barbosa — Revista Americana n.º 11-12 de Agosto — Setembro de 1918 — anno VII.
José Maria Bello — Ruy Barbosa e escriptores diversos — pag. 11.
- 17 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915.
- 18 *Revista do Brasil* — n.º 31 (Resenha do mez).
Revista do Brasil — (varios) n.º 32, por ocasião do jubileu.
- 19 *O Estado de São Paulo* — e todos os outros de São Paulo, por ocasião do jubileu.
- 20 *Jornaes do Rio de Janeiro e de todo o Brasil*, por ocasião do jubileu.
- 21 *Bahia Illustrada* — numero especial, por ocasião do jubileu.
- 22 *Antonio Salles* — Os nossos academicos — Revista Brasileira (3.ª phase) tomo X, pag. 149.
- 23 *Heitor de Moraes* — Ruy Barbosa, conferencias — 1919.
- 24 *Almanak Garnier* — (1909), pag. 395.
- 25 *Homenagens da Academia das Sciencias de Lisboa* — Revista da Lingua Portugueza — n.º 1 — 1919.
- 26 *Daltro Santos e Laudelino Freire* — Revista da Lingua Portugueza — Os mestres da lingua — n.º 1 — 1919.
- 27 *Dr. Rovelly* — Le Brésil contemporain — 1.º vol.
- 28 *William Stead* — O Brasil em Haya.
- 29 Biographia de Ruy Barbosa, publicada pelo Novidades de Lisboa — impressa em folheto — Rio, Typ. Leuzinger.
- 30 *Tobias Monteiro* — Pesquisas e depoimentos para a historia.
- 31 Biographia de Ruy Barbosa no Brasil Magazine de 1909
- 32 *Dr. J. P. de Souza Dantas* — Reminiscencias — J. do Commercio 23-7-1914.
- 33 *Leão Velloso Filho (Gil Vidal)* — Correio da Manhã, varios artigos — Julho de 1914.
- 34 *Vde. de Ouro Preto* — Advento da dictadura militar no Brasil.
- 35 *Augusto de Castilho* — Conflictu diplomatico.
- 36 *Urbano Duarte* — Ruy Barbosa quando creança, citado por N. Menezes.
- 37 *Pinto da Rocha* — Fraternidade Beneficente Ruy Barbosa — Alfredo Ellis, discursos — 1914.
- 37 *Pinto da Rocha* — O sacrario de um grande espirito — Revista da Semana, 14-2-1914.



38 *Clodomir Cardoso* — Jubileu de Ruy Barbosa — Maranhão.

Ha muitos outros livros, revistas e jornaes que se ocupam de Ruy Barbosa.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Assume difficuldade insuperavel a tarefa de traçar o perfil de Ruy Barbosa, definindo o valor de sua vasta producção intellectual e esboçando a sua individualidade em todos os dominios em que se exerceu a sua poderosa e incommensuravel energia mental.

A inspecção meticulosa da bibliographia é sufficiente para o julgamento do eclectismo de sua actividade prodigiosa, bem como a relevante acção desenvolvida, durante meio seculo, é satisfactoria para definir o immenso valor desse grande homem ou varão illustre, na expressão de Plutarcho.

A sua ventura na velhice consiste nos sedimentos de suas glorias passadas. Luctou sempre na vida, alcançou victorias brilhantes e experimentou desgostos, quando o seu espirito reclamava repleção de ideaes conquistados pela tenacidade do trabalho, pelo fulgor do cerebro em continua effervescencia e pela rigidez de principios.

Redigir a sua biographia equivale a emprehender a apreciação da segunda metade do reinado de Pedro II e estudar as tres decadas do regimen republicano.

Nasceu Ruy Barbosa na cidade de São Salvador a 5 de Novembro de 1849. Filho legitimo do Dr. João José Barbosa de Oliveira e D. Maria Azealia Barbosa de Oliveira, recebeu do pae os primeiros ensinamentos das letras e no cumprimento do dever. Aos 5 annos, parece impossivel, mas quem o attesta é o Sr. Ibirapitanga, conseguiu, com applicação do methodo Castilho, fazer analyse grammatical e conjugar todos os verbos regulares, assombrando o velho professor que, em trinta annos de magisterio, não deparára com talento igual e tão precoce.

O mesmo entusiasmo causou ao barão de Macahubas que o chamava "minha perola", a todos os professores do Collegio Abilio, na Bahia, e ao professor Carneiro Ribeiro que lhe exaltou os meritos nos seguintes conceitos: "Si a'gum raro condiscipulo corria parelha com elle, nenhum o excedia no amor ao trabalho, na devoção á bôa e sã leitura, na applicação não commum, na agudeza do espirito, na facilidade de reter, assimilar e conceber; sempre discreto, exacto, sensato e exemplarissimo no procedimento; na moralidade e pureza de costumes sempre modelar."

Aos 15 annos completou o seu curso de humanidades, com inexcedivel brillantismo, como attestam os contemporaneos, e teve de aguardar a idade legal para se matricular na Facudade de Direito de Recife, em 1866. Ahi cursou os dous primeiros annos e transferiu-se para São Paulo onde se distinguiu brillantemente.



Durante o seu curso juridico, escreveu no "Ypiranga", no "Radical Paulistano", fez o primeiro discurso em um banquete offerecido a José Bonifacio, o moço, e proferiu a primeira conferencia sobre a abolição do captiveiro, na Loja America.

Diplomou-se em 1870 e seguiu para a Bahia, com escala pelo Rio de Janeiro.

Achando-se doente, fez a primeira viagem á Europa e de Paris regressou á terra natal onde iniciou a sua carreira politica e de advocacia.

Na primeira causa por elle patrocinada, a defesa de uma rapariga des-honrada por um portuguez abastado, conseguiu a condemnação do réo.

Na politica iniciou a sua acção pelo jornalismo, no "Diario da Bahia", sob a direcção de Souza Dantas, desde 1872 a 1879, e assumiu a chefia da redacção aos 24 annos de idade.

E 1874, já orphão de mãe, perdeu o pae, desistiu da herança em beneficio da irmã e assumiu a responsabilidade individual das dividas paternas, perante os bancos, resgatando as letras uma a uma

Casou-se aos 27 annos com D. Maria Augusta Vianna Bandeira a sua adorada companheira " cuja symphathia corajosa e efficaz em todas as causas do coração, da liberdade e da honra, tem sido sempre inspiração ou alento nas acções de sua vida" e a quem dedica amor exemplar de esposo modelo, a ponto de agradecer a Deus, no discurso proferido em 1918, em solemnidade da missa campal, "o haver-lhe permittido quarenta annos de união com uma companheira que tem sido a vida da sua vida, a alma da sua alma, a flôr sempre viva de bondade divina no seu lar".

No anno subsequente conseguiu a eleição como deputado á Assembléa Provincial, iniciou o tirocinio no estudo de finanças, foi immediatamente eleito deputado geral, aos 29 annos de idade, medindo forças com Silveira Martins que nelle encontrou um adversario temivel.

Os sete annos de parlamento, na côrte, firmaram-lhe a reputação de politico eminente e orador inexcedivel, segundo o testemunho de Affonso Celso. Com a idade de 35 annos recusou uma pasta de ministro offerecida por Souza Dantas, para não transigir com as suas idéas.

Fulgurou o genio de Ruy Barbosa na imprensa onde foi o apostolo a evangelizar as causas nobres e elevadas, como a abolição da escravatura, as mais notaveis conquistas do partido liberal, o regimen federativo e a republica.

As paginas do "Diario da Bahia", do "Diario de Noticias", do "Jornal do Brasil", "Jornal do Commercio" e da "Imprensa" bastariam para consagral-o como vulto gigante, alem de emerito e incomparavel jornalista. Ardoroso nas convicções, com a coragem indomita dos heróes, estylo eloquente e altisonante, puzera de linguagem classica e dialectica sempre firmada na logica inquebrantavel, conquistou a primazia entre os escriptores brasileiros.

Além de jornalista, profissão por si só sufficiente para o levar á gloria, de tal modo elle a exerceu, transformou a tribuna em sacerdocio,



já pugnando pelas causas dignificantes, como orador popular; já defendendo a honra, a propriedade e a liberdade alheias, nos tribunaes; quer como tribuno parlamentar, sustentando os principios inflexiveis da moralidade politica ou defendendo os mais alcandorados e nobres ideaes, quer como academico, revelando a vasta cultura do espirito e constituindo o paradigma da eloquencia castiça e sublime.

Na sua bibliographia, cada discurso ou oração, conferencia ou arrazoado, constitue um modelo no genero e basta para definir os seus eximios dotes de orador insigne.

Cultor de todos os ramos do direito, não se lhe pôde descobrir a especialidade: é constitucionalista consumado e só o projecto da Constituição fundamenta o seu credito indiscutivel; a sua attitude no Congresso da Paz em Haya, perante a guerra européa e na discussão do tratado de Petropolis firmam a sua acatada reputação no direito internacional; as causas que defendeu perante os tribunaes, salientam-n'o em assumptos de direito civil, commercial, penal e administrativo.

Não ha assumpto, em materia de direito, em o qual não tivesse revelado competencia distincta.

Os seus feitos mais notaveis, como politico, foram a maneira por que desempenhou o mandato popular na Camara do Imperio e no Senado da Republica; a sua attitude perante a abolição dos escravos, como bem demonstra Osorio Duque Estrada; a sua odyssea atravez da vida jornalística; o preparo e systematização da republica, tendo como mais eloquentes attestados o projecto da Constituição, a defesa do regimen e o combate ao militarismo; a sua função de evangelizador, desde o governo provisorio até os sacrificios de emprestar o seu nome como bandeira de combate aos vicios politicos e á inercia ou indiferença popular, conjugando aos programmas a sua energia de luctador; a acção desempenhada em Haya que lhe valeu consagração universal e elevou o Brasil no conceito do mundo; o seu pronunciamento sobre a guerra européa, compellindo o paiz a assumir attitude dignificante.

Como obras de erudição, destacam-se: "O papa e o concilio", "Cartas da Inglaterra", os projectos de reforma do ensino primario, secundario e superior e o Parecer e Replica sobre o Codigo Civil. Nesses trabalhos revela-se sociologo, critico, pedagogista e philologo.

Ainda como critico vêm á lembrança os estudos sobre Castro Alves, Swift, José Bonifacio, Alexandre Herculano, Marquez de Pombal, Machado de Assis, Anatole France e Oswaldo Cruz.

O diplomata ou internacionalista se firma nos "Actes et discours" da Conferencia de Haya; nos "Problemas de direito internacional", conferencia de Buenos Ayres; na "Exposição de motivos de plenipotenciario vencido" na "Conferencia de Petropolis".

E' ainda jurisconsulto, legislador, orador, jornalista, parlamentar, financista e tudo o que quer, pois o seu talento não encontra barreiras nem o seu genio se detem perante mysterios neste mundo sublunar.



Durante o imperio, foi, como eu já disse, deputado provincial e geral; recusou duas vezes a pasta de ministro, sendo a segunda vez no ministerio do Vde. de Ouro Preto; exerceu com brilho intenso as profissões de jornalista e advogado. Proclamada a republica, foi ministro da fazenda e interino da justiça no Governo Provisorio, de que foi tambem vice-chefe, e exerceu o mandato de senador pela Bahia desde 1891 a 1920, com pequena interrupção, quando renunciou o cargo electivo em 1892. Apresentou-se duas vezes candidato á presidencia da Republica, sendo da primeira realmente eleito, sem que lograsse o reconhecimento pelo Congresso. Em outras eleições de presidente tem conquistado grande votação.

Recebeu a nomeação de representante do Brasil, membro da "Cour permanente d'arbitrage" e plenipotenciario na Republica Argentina. Recusou por motivos ponderosos a nomeação de representante do Brasil no Congresso da Paz, na Liga das Nações e perante a defesa do Brasil na questão do Amapá. Não pôde acquiescer ao convite da Universidade de Yale, para fazer uma serie de conferencias, como tambem não lhe foi permittido annuir aos convites da França, Belgica e Inglaterra.

E' interessante a leitura dos livros de Nazareth de Menezes e Lima Barbosa que traçaram a biographia do grande brasileiro, com minucias.

E' muito simples e bondoso, distribue amabilidades por todos que delle se cercam e é dotado de coração magnanimo.

Os seus habitos de vida são subordinados a methodo impecavel que lhe proporciona a grande somma de trabalho.

Desperta cedo, ás 5 horas, estuda e escreve até meio dia, quando almoça, apreciando as finas iguarias. Terminada a refeição, dirige-se de carro ao Senado (não aprecia o automovel) e depois visita as livrarias, principalmente a do Briguiet, na travessa do Ouvidor; frequenta o cinema, em sessões da tarde e recolhe-se cedo á casa, procurando o saíão de trabalho onde escreve ou estuda até á hora do jantar. A' noite recebe visitas, lê romances, principalmente as aventuras policiaes de Nick Carter, para descansar o cerebro e expandir a feição infantil que todos possuimos, e dorme ás 11 horas.

A sua bibliotheca é preciosa; conta cerca de 30.000 volumes, todos conhecidos pelo grande homem. O seu methodo de leitura, as notas e apontamentos que coordena e a sua prodigiosa memõria muito contribuem como auxiliares do portentoso talento de que é dotado.

A vida publica de Ruy encerra poemas e epopéas e a particular é simples e sem refolhos: um idyllio perpetuo com a familia, pois alem de esposo exemplar, elle é pae extremoso e avô á maneira de Victor Hugo.

E' impossivel definir, mesmo em synthese, a obra e acção do glorioso brasileiro nos estreitos limites deste artiguete. O thema exige desenvolvimento proporcional á immensidade do seu talento e ao desmedido valor de suas virtudes civicas e moraes.



Orgulho da nossa nacionalidade até hontem, o seu nome é hoje reclamado para a consagração universal.

Summario para um estudo completo

O ninho da aguia — O primeiro vôo da ave quasi implume — O seu curso juridico — Rebentos do jornalista e do orador em São Paulo — Estréa do advogado na Bahia — Primeira campanha jornalística — O joven deputado liberal — Os themas religiosos — Successo no parlamento — Pródromos do abolicionista — Poeta por poeta entendido — Devotado ao ensino, como pedagogista — O Marquez de Pombal — O grande advogado do futuro — O orador parlamentar de conceito firmado — Em plena phase abolicionista — No "Jornal do Commercio" — No "Diario de Noticias" — Testemunhos de gratidão — O estadista da Republica — No Senado — O paladino da liberdade — Finanças e politica — Perante as revoltas — A segunda phase do advogado — Reconhecimento á Bahia — O juiz dos governos — O jornalista — O parlamentar — O orador — O juriconsulto — Classificação e importancia dos seus trabalhos — Ensaios littirarios — A sua acção politica durante a Republica — Campanha contra o militarismo — O pacifista em Haya — O direito universal — Perante a guerra européa — Segunda campanha presidencial — O desinteresse, a abnegação e a intransigencia — Seu valor moral — A vida intima — A officina do verbo — O seu estylo e outras qualidades do escriptor — Processos para se apreciar a sua obra em conjuncto — Fóra da Patria — O epilogo de uma existencia preciosa.

ARTHUR MOTTA





POR

BRENNO FERRAZ

LETRAS FLORIDAS. — *Amadeu Amaral* — Ed. Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1920.

E' ainda um poeta que vamos lêr, um verdadeiro e grande poeta. Ha vinte annos o conhecemos tal e é tal sempre que o encontramos. Se o seu livro agora não se compõe de versos, nelle não está menos o poeta. Aquelle mesmo ar e espirito de classicismo, que lhe dão á arte sabor peculiar, caracterisam-lhe inconfundivelmente a linguagem. Lêr-lhe a prosa é lêr-lhe o verso, um verso novo, livre de metro, desembragado de rimas, porém, rythmado, musical, rico de cadencias. Se nos themas, todos de literatura e poesia, se reconhece o poeta, mais se nos patnteia elle no trato que lhes dá: a acuidade do estudo, a perfeição do estylo, a riqueza da lingua.

Letras floridas é a estreia do prosador. Comtudo, não ha em São Paulo e no Brasil quem já não o conhecesse e prezasse como a estylista de pulso, mes-

tre do jornalismo. A grande imprensa de São Paulo está cheia delle e quem a conhece, quem lhe acompanha a vida monotonna, entrecortada de subitos lampejos, ha de ter notado, á luz desses clarões, a continuidade de um estylo que não é outro senão o das mais bellas paginas deste livro. O jornalista é o perdulario das letras: prodigalisas as mancheias, sem olhar a quem, á larga, sem contar com premios.

Tem, entretanto, a compensação, diminuta embora, de se vêr reconstituído um dia no espirito publico. Assim, o livro de Amadeu Amaral é o reconhecimento de uma personalidade já muita vez entrevista, a identificação de uma velha amizade entre leitor e auctor. Reconhece-se alli o poeta, identifica-se o escriptor. Sobrepõe-se um ao outro e eis o homem.

A prosa — já o provou alguem — não é mais que o dobramento do verso. Tambem ella tem metro e numero, cadencia e musica. Uma boa pa-



gina sempre se decompõe em versos, perfeitamente discriminados, com vida própria e individualidade. E são versos da mais extrema malleabilidade. O alexandrino perdido numa phrase sonora de discurso desintegra-se naturalmente e eis que — ainda não concluido — a parcella final, ductil, flexivel e obediente entra a arregimentar o decassyllabo seguinte, que por sua vez se desdobra em metros novos. E' o segredo dos grandes estylistas: metrificicar sem o saber, sem o querer.

Senão, leiamos as primeiras phrases, de apresentação de **Letras floridas**:

...isto é, letras jocundas e leves, de ócio e divertimento, sem espinhos e sem fructo, — eis o que se encontrará neste volume. Nem cogitações, nem nem arte: apenas conversas. Aqui só ha flôres, mas flôres das mais singelas e humildes, dessas que nascem e morrem ahí pelos campos, meio occultas entre a erva, e meio confundidas com ela. Se aqui se enfeixaram não foi por se lhes dar maior apreço. E' que, pobresinhas como são, lá uma vez por outra sempre servirão de repouso a olhos acaso fatigados de coisas mais complicadas e perfeitas."

E' preciso que mostremos os versos ?

Trecho para anthologia, dos mais lindos que se escreveram em nossa lingua, a metrificacão, inconscientemente, se fez

desde o titulo, distendida logo por tres ou quatro redondilhas, que á simples leitura se revelam e á mais exigente contagem de pés resistem. A propria pontuacão, como se seguisse o preceito de Castilho, condizente á facilidade da leitura, como que destaca os versos um a um. "Letras floridas"... isto é, letras jocundas e leves, de ócio e divertimento, sem espinhos e sem fructo..."

A serie continua e nesse pequenino trecho todas as combinações se fazem. O leitor avisado saiba dar-lhes realce e, em voz alta, se tem a arte da expressão, terá salientado toda a sua musicalidade. Eis, por exemplo, o que a poesia recusaria como verso quebrado: — "Nem cogitações, nem lutas, nem arte..." E' o schema de um decassyllabo, a que falta a accentuacão. No entanto, leia-se todo o periodo, com a conclusão que lhe supprimimos: — "Nem cogitações, nem lutas, nem arte: apenas conversas". O que seria um verso quebrado, com o seu complemento natural se mostra verdadeiro verso, verso que se disfarçou, que se escondeu, mas que a prosodia revela. São dois septissyllabos perfeitos. Contem-nos nos dedos, a rigor e verão.

Outras e outras surpresas alli se guardam, com o genio da lingua, naquellas phrases magicas, escriptas por um classico.

E' esse o prosador das **Letras floridas**. Num estylo dessa envergadura, reconstitue, com todas



as cambiantes de uma alma suave de nevrotico, a psychologia de Raymundo Corrêa, fazendo o mais serio estudo do nosso maior poeta. Num esylo assim, conversamos da cigarra e da formiga, reabilitando a grande calumniada dos fabulistas e poetas. Dá-nos um completo estudo de epigrammas e madrigaes, uma encantadora palestra, de fino humor, sobre flôres e espinhos da arte e um notavel estudo da litteratura da escravidão.

Um bello livro de critica e de arte, critica profunda, arte equilibrada e medida.

JORNADA LYRICA. — *Fabio Montenegro* — *Typ. S. Luiz* — São Paulo.

E' quasi uma obra posthuma. O auctor, um bello talento, ainda quando de suas forças não nos havia dado a justa medida, não lhe subsistiu como seria de razão, se razão e justiça presidissem os julgamentos summarios do destino. **Jornada Lyrica** é a revelação de um poeta, que, senhor do instrumento verbal, dir-se-ia ter desejado apenas manifestar-nos a sua plena posse. A preocupação da forma — phrase invulgar, verso sonoro e empathico — preocupação louvavel porque é de espirito diligente e insatisfeito, comprometteu-o em parte, roubando-lhe em viveza e individualidade o que, lyrico, sacrificou ao gosto parnasiano. Foi pena, grande pena.

Morto agora, deixou-nos uma grande promessa não cumprida, mas que, sem duvida, o seria com brevidade.

Na sensação de apagamento que nos deixam os seus versos cantantes, bem acabados, não faltam, porém, notas de verdadeira poesia. Assim, o soneto

As Rosas...

Que estas rosas, aos teu simples
[acenos,
Pluripetalas, frescas, rosiclêres,
O' de Cythera sonhadora Venus,
Sejam rosas sem graça, se qui-
[zeres.

Por mim, que adoro os olhos teus
[serenos,
Preso á comparação que me sug-
[geres,
Acho-as gentis, e nellas vejo, ao
[menos,
A velludez da bocca das mulheres.

E amal-as, como não, entre as
[formosas,
Se, quando passas, paira em todo
[o ambiente
A fragrança magnifica das rosas?

Attenta na piedade, emfim, que
[as touca:
Das rosas falas mal e, impeni-
[tente,
Trazes a alma das rosas nessa
[bocca.

A encantadora gracilidade que ahi se respira é typica. Esse sentimento, essa ingenuidade doce deve ter sido a feição intima, accentuada do poeta, que em má hora procurou desvirtual-a.

Da **Jornada Lyrica**, poderiamos destacar outros exemplares, que nos auxiliariam a com-

provar a eterna vitalidade da poesia em sua concepção antiga. Entre elles, preferimos, á guiza de pequena homenagem ao poeta extinto, o soneto *Posthumo*:

Tu reinarás depois do ultimo
[somno...
Dar-te-hei o resplendor de uma
[realeza,
E, sob o manto real do meu ou-
[tomno,
A gloria — o sceptro em pedraria
[accessa.

Rei amante, na dor de um aban-
[dono,
Homenagens e flores, com tristeza
Pedirei aos vassallos do meu throno
A' rainha da graça e da belleza.

E has de sonhar, talvez, já ma-
[cerada,
As illusões com que te fiz senhora
De um grande coração — patria
[encantada.

E eu carpirei depois, de ti senhor,
A ventura dulcissima de outróra,
O' Ignez de Castro supplice de
[amor!

MAL SECRETO. — *João Rosas*
— S. Paulo — 1920.

A poesia — pretendem os symbolistas — depois de millenrarios ensaios chegou á phase de independencia e pureza. Tendo tido por fundamento, em todos os tempos, certa dose maior ou menor de "sabedoria", chegou agora ao ponto de subsistir por si mesma, em essencia. E' assim, a poesia do vacuo, construcção artistica, perfeita, com refinamentos de technica e de acabamento, mas vasia. Não ha

fugir á conclusão: corpo sem alma...

Edgard Poe e Baudelaire marcam a separação dos dois grandes cyclos. Até elles os grandes poemas são didacticos ou historicos. A sua substancia está, em parte, em noções, que, como se exprimem em verso, em prosa tambem se exprimiriam: "De natura rerum", as "Georgicas", a "Eneida", a "Divina Comedia", a "Legende des Siècles". Os grandes poetas, com todo o seu genio, que os proprios innovadores não ousam negar, não haviam senão preparado o campo ao advento dos modernos, que, elles, sim, lograram tomar a poesia em essencia...

De Edgard Poe, o precursor e de Baudelaire, o iniciador, promana a lympha crystalina e pura, que vem, cantante, alimentando a musa dos novos bardos. Toda ella é musica e sonoridade, allusões subtis, significações encobertas. Banido o elemento intellectual, que a caracteriza, a poesia ou é visual ou auditiva, pintura ou musica. A maravilha poetica, que permite a Goethe, reunindo as qualidades de poeta e sabio, a sua genialidade prophetica e a Shakespeare concede o dom não menos prophetico de prevêr nas suas tragedias, com a mais admiravel intuição, todo o schema da criminologia, delimitando-o e aprofundando-o de antemão — redunda, aos olhos dos modernos, em peccado ori-



ginal, visceral e básico defei-
to...

Desta poesia nova acabamos
de ver em **Soror Dolorosa** um
bello exemplar. Sua belleza, po-
rém, não nos convence ao cré-
do e eis porque vemos, com pra-
zer, uma estreia que a elle não
se filia. João Rosas, com o seu
Mal secreto, revela-se um poe-
ta destinado á outra escola. Se-
nhor da technica e com aprecia-
veis qualidades, pena é que se

tenha limitado ao puro madri-
gal, quando se lhe percebe a
capacidade para dizer melhor
coisa e, mesmo no seu genero,
coisa mais pessoal. Aos seus
cantos de amor, espontaneos e
correntios, falta a nota distin-
ctiva, que o lyrico á feição ro-
mantica, como João Rosas, não
encontra facilmente.

A estreia é auspiciosa. As
suas tendencias são boas. Só
lhe falta maturação.





“MADAME POMMERY”

Como a noite corria cálida e clara, de um luar encantador, o movimento, áquella hora, na praia Ramires, era grande. Em grupos de tres e quatro, os automoveis desciam do centro da cidade, com Romeus e Julietas suspeitissimos; rodavam, vagorosos, um instante, deante do Parque-Hotel, e seguiam, rapidos, com olhos de monstros de lenda nas lanternas, rumo a Pocitos, pela avenida nova, asphaltada e ampla, do litoral.

No vestibulo do Casino, o meu amigo, recém-chegado de Buenos Ares, ainda sob a influencia das emoções donjuanescas que o curso em Palermo desperta irresistivelmente, observava os homens e as mulheres, sobretudo as mulheres que entravam e saham.

— Lembras-te de Maeterlinck, no *Le double jardin*? Ha ali alguma paginas admiraveis, sob o titulo de “Le temple du Hasard”. O templo do Accaso é o formidavel Casino de Monte Carlo, “le lieu du monde ou s’accumulent et se dépensent en pure perte le plus de force nerveuse et de passions humaines”.... Pois, meu amigo, esse templo tem succursaes por toda parte. Este edificio, apesar de vasto, é uma simples miniatura delle. Tambem aqui, “dans le silence malsain”, a Fatalidade articula o seu convite irresistivel: “Fraitses vos jeux, Messieurs, faites vos jeux!” Vamos ouvi-la. Entremos...

Na grande sala, com tapetes enormes, lustres, requintes de conforto, poltronas *Maple*, ou quasi *Maple*, fofas e finas em todo caso, as varias roletas funcionavam

simultaneamente. Junto dellas, mudos, como automatos, grupos de homens exgotavam as algibeiras, vasando-as, votivamente, sobre tableiros complicadissimos, repletos de numeros, riscos, palavras... *Colorada*, 12; *negra*, 15; 1.000 pesos, *Cajal*

O ruido continuo das fichas e o dos pregões, como os gestos mechanicos dos *croupiers*, saturavam de monotonia o salão.

— Por aqui, passam diariamente, numa rajada diabolica, fortunas e fortunas. Creaturas internacionaes vêm aqui ganhar e perder. Os homens rudes e ricos do interior, fazendeiros e agricultores, para aqui entram com o producto, convertido em ouro, de toda uma safra, e daqui saem pauperrimos e individoados. Em cada numero arriscam, insensatos, o valor de uma trópa ou de uma colheita... Quem ha por ahi, afinal, capaz de resistir, muitas vezes, ao convite da Fatalidade? “Faites vos jeux, Messieurs!”

Ias por certo, lançar a tua maldição sobre a roleta. Melhor será, porém, que te contenhas. O vicio tem uma função social inapreciavel... Não admittes? Entretanto, é a verdade. Principalmente o jogo... E’ elle, em geral, por exemplo, quem se incumbe de despojar os que se revelam indignos de ser ricos. Realiza, assim por vezes, um verdadeiro papel de seleccionador de caracteres e de energias. Ha os que lhe resistem ás manhas e ha os que se lhe entregam, como cordeiros, para a toquia. Estes, são os de tempera inferior. Se elle os não torcesse e quebrasse, outro accidente qualquer, talvez peor, da mesma fórma os anniquillaria. O jogo deve ser encarado, sobretudo, como um dos grandes

instrumentos de rotação das fortunas, que elle fragmenta...

— E destróe...

— Não: espalha, numa subdivisão arbitrária, mas, no fundo, — quem sabe? — equitativa...

Caja, 650 pesos! Negra, 9; colorada, 20...

E o mesmo ruído das fichas, arrastadas, num relampago, pelas pás esguias e agilísimas... As mesmas vozes apregoando numeros e côres... E rostos patibulares, com pupillas de delírio, acompanhando a pequena bola em todos os seus giros, nos seus saltos e na sua quêda, emfim, dentro de um dos escaninhos numerados e minúsculos, que a prende...

* * *

A leitura das duzentas e tantas paginas da *Madame Pommery*, trouxe-me á memoria a praia Ramires; o Parque-Hotel, duma elegancia sóbria, enigmático, em face das aguas espelhantes, sob o luar; as roletas; a apologia paradoxal do jogo, traçada no ar, com o fumo de um cigarro, por uma creatura *blagueuse*, que não joga...

E' o que se pôde chamar, typicamente, uma evocação por *omissio*...

Porque, a meu vêr, o que falta a *Madame Pommery*, são precisamente as considerações sobre o jogo. — flagello que em toda parte acompanha, em communicações visiveis ou subterraneas, o vicio, o vicio galante e perfumado, de cujas metamorphoses á franceza, *dernier cri*, com *pensions chics, chanteuses*. Ninons a *bon-marché*, etc., num surto triumphal e rapido, em São Paulo, esta obra é um resumo, ao mesmo tempo curioso e fulgurante.

Ha, de facto, um íntimo parentesco entre o amor de aluguel e o jogo. Quasi todos os grandes libertinos foram e são jogadores. As Venus de café-concerto, por sua vez, tem na roleta a socia mais duravel e mais nociva.

Certamente, verificou-se em terras paulistanas uma excepção á regra...

Em todo caso, motivada por excepção ou por omissão, a verdade é que a ausencia do jogo, nestas paginas, não impede, nem pôderia impedir, a classificação de *Madame Pommery* entre os livros mais interessantes ultimamente apparecidos no Brasil.

Pelo estylo, simultaneamente humorístico e archaico; pela graça perversa das imagens e dos conceitos; pelas satyras aguçadas e abundantes; pelo modo especial, em fim, de pôr em scena o ridiculo, este volume faz pensar num descendente retardario e vago de Rebelais.

E' integralmente um livro de bom humor Mas é alguma coisa mais. Sob o seu apparente amoralismo cynico, é tambem uma forte lição de moral, esplendida e prestigiosa, apesar de indirecta, ou por isso mesmo.

Para sanar os costumes, ha o recurso bíblico do anathema, isto é, a rethorica de ferro em braza, e ha a ironia. Das duas coisas, a ultima é naturalmente a mais effcaz. Não sem razão affirmava Eça de Queiroz, copiando, sem o saber, o classico latino, que, para derrubar uma instituição basta passar em torno della sete vezes uma gargalhada...

Hilario Tacito, (estes dois nomes occultam, sigilosamente, o do autor), optou pela ironia.

Outra resolução, aliás, não se poderia esperar do seu bom gosto e da sua cultura.

O quadro que elle nos traça de uma parte da sociedade de São Paulo, num período de transição, sob todos os aspectos, é realmente admiravel.

Em todos os capitulos, vasados em portuguez de lei, o que com maior vigor se manifesta, impondo-se victoriosamente, são as suas extraordinarias qualidades de caricaturista.

Os retratos das suas personagens, surprehendidas todas nos imprevistos equívocos e pittorescos do *Paradis Retrouvé*, impressionam sempre, graças ao traço habilissimo que as desfigura, exaggerando-lhes os defeitos, sem comtudo apagar as linhas physionomicas caracteristicas, pelas quaes se poderá, a qualquer hora, estabelecer a identidade dellas.

O livro, porém, seduz menos pelos assumptos em si do que pelas theorias e comparações que o autor, inexgotavelmente, a cada instante evoca, para tirar de umas e outras as conclusões mais descontraçadas e mais comicas, divagando sem fadiga, por entre citações eruditas em latim...

Pôde-se affirmar, sem hyperbole, que os processos de composição usados por Hi-

lario Tacito, de um archaísmo voluntario, prendem integralmente a attenção do leitor e a arrastam, a seu bel-prazer, da primeira á ultima pagina.

O seu figurino *demodé*, ao lado de tão flammandes modernismos chics, ou requintes mundanarios, ganham relevo e côr pelo effeito mesmo dos contrastes que provoca.

Hilario Tacito, em pagina do prólogo, numa especie de auto-definição, reconhece que, para epigraphe de *Madame Pommeroy*, poderia ter escolhido as citadissimas palavras de Montaigne: *C'est icy un livre de bonne foy, lecteur.*

Eu, por mim, não sei dizer se andaria elle com acerto, caso assim procedesse...

Intimamente, porém, creio que epigraphe alguma ficaria tão bem ao livro como os versos que, com infinita modestia, Rabelais poz á entrada das paginas eternas e maravilhosas da *Vie très horrifique du grand Gargantua*:

Amis lecteurs, qui ce livre lisez:
despouillez vous de toute affection;
et, le lisant, ne vous scandalisez:
il ne contient mal ni infection.
Vray est qu'icy peu de perfection
vous apprendrez sinon en cas de rire
Aultre argument ne peut mon coeur
[élire,
voyant le deuil qui vous mine et con-
[somme:
Mieux est de ris que de larmes es-
[crire.
pour ce que le rire est le propre de
[l'homme...

Não é possível prevêr se a critica váe dar, ou não, mais tarde, padroeiro á *Madame Pommeroy*. Em todo caso, pelas duvidas, eu reclamo, desde já, essa homenagem para Rabelais...

João Pinto da Silva

PSYCHOLOGIA BRASILEIRA DO CARACTER

Que é, no Brasil um bom caracter? Antes de tudo, cumpre assinalar que no Brasil é difficil encontrar um cidadão que reúna quanto aos seus attributos moraes a unanimidade das aclamações

que, ás vezes, cerca o seu talento. Reina entre nós a abusão de que é raro o homem de grande talento que tenha bom caracter. Como corollario disto, têm-se até estabelecido que não ha espirito superior que posa servir para governo. De uma maneira geral o que nós prezamos e preferimos na direcção dos negocios publicos é o temperamento ponderado, a mediocridade serena e polida, as virtudes medidas e seguras. Escreve-se com frequencia que os homens de grande valor têm provado mal na administração. Com o auxilio da logica mais comesinha se verifica quanto têm de pueril esses postulados pois a tarefa de governar não pôde deixar de exigir entre nós, como exige nos outros paizes, talento, visão alta e larga, força de alma e cultura. Havemos de concluir, porém, como tenho concluido de uma longa e silenciosa observação, que a noção popular desse apparente dissidio entre o talento e o caracter corresponde a um modo de raciocinio particularmente brasileiro, talvez herdado de Portugal. Vem desde a monarchia. Já nos seus começos, Bernardo Pereira de Vasconcellos deu pretexto a que os seus admiradores dissessem delle — "é quasi um genio — mas que caracter!" Anteriormente José Bonifacio não chegara a resistir á campanha que de todos os lados se levantava contra a sua "prepotencia" e a sua "crueldade".

No reinado de Pedro II dominou o espirito publico um incontinido horror por tudo que não fosse no temperamento dos homens reserva, circumspecção, soturna precaução de gestos, sobrecenho triste, labios cerrados, movimentos lentos e pausados. Montezuma, uma das maiores cabeças que teve o Brasil, o homem que, no meu entender, mais claro viu na comprehensão dos problemas brasileiros, de cujas indicações e synthese tirou mais tarde Tavares Bastos muitos dos

elementos de que compôz as suas prophcias e lições, nunca teve grande prestigio porque era sujeito alegre, conversador, dizedor, de "boutades", ardente, brilhante, varonil. Não era bom "character", no sentido brasileiro da expressão.

Apesar do systema parlamentar se prestar mais do que o nosso ao dominio da intelligencia note-se que, não obstante a necessidade de haver quem discutisse os assumptos e fizesse discursos sempre se procurou conciliar as aptidões intellectuales e oratorias com aquelle commediamento a que alludi acima.

José de Alencar, que, na minha opinião, foi o maior genio da litteratura brasileira, homem politico corajoso e audaz, pamphletario mordente, nunca teve valor official, nunca logrou organizar gabinete e, para falar com franqueza, pouco foi tomado a sério como homem de Estado.

Para não citar outros exemplos, basta relembrar o retrahimento que até á ultima phase do Imperio sempre inspirou Ferreira Vianna, por seu feitio independente, pouco convencional, de ironico recalci-trante.

Que na Republica Joaquim Mur-tinho tenha sido ministro é um milagre difficil de explicar. A' presidente é claro que não chegaria já-mais. Não era um "character", na accepção que damos aqui a esta palavra.

O que convençionámos chamar "bom character", no Brasil, é o homem anodyno, quasi sempre sem gosto litterario ou artistico, que não briga, não tem opiniões proprias, não toma responsabilidades, sorri gravemente, cumprimenta com austeridade, procura ganhar sua vida sem aborrecer os outros, logrando na sombra de uma apparente doçura irritar o menos possivel, não suscitar reacção, seguindo caminhos abertos pelos outros, ou ficando no seu canto, com boa cara e postura socegada. Lutou, perdeu o character. Sujeito que fale,

discuta, arremetta contra a injustiça e o que lhe pareça errado, seja humano, capaz de paixões humanas, esse já se sabe, não será nunca, salvo excepções que circumstancias especiaes explicam, catalogado entre os homens verdadeiramente sérios, que a nossa gente sinceramente acata e respeita.

Emfim, o homem de character, segundo o conceito popular no Brasil, é, de uma maneira geral, o homem do meio termo, da medida curta, da proporção razoavel, do equilibrio perfeito, homem com quem Molière convive e Ibsen pintou na figura daquelle bailio que fez opposição a Brand.

A razão disto se me permittem dizer está em que em nosso paiz não se observa devidamente uma cousa: é que na mediocridade, brilhando pouco as intelligencias, pouco brilham tambem os defeitos. No tenue crepusculo em que se esbatem os raios tibios de um espirito mediano se escondem e se dissimulam tambem as manchas do character. E' raro que conheçamos as falhas de homens obscuros. O publico sempre se esquece de que, sendo humanos, esses homens obscuros têm tambem os seus vicios. Mas como os descobrir na densidão da sombra em que as suas personalidades estão envoltas?

Gilberto Amado

UMA ESPINETA

Pelo anno de 1882, morava em Casa Branca, risonha e antiga povoação do municipio de Ouro Preto, Antonio Deniz Barbosa, que ali mantinha, logo á entrada do arraial, um hospitaleiro pouso para os viajantes. Intelligente e investigador, alma de artista com toda essa nobre curiosidade do bello que distingue os esthetas de raça ainda quando desprovidos da instrucção classica. Antonio Deniz era pintor, musico, burilador,

mestre de ornamentação, revelando em todas essas artes um engenho espontâneo e vivaz.

No meio pobre em que tinha nascido e vivido antes, em Congonhas de Sabará nunca o seu prestígio profissional de alfaiate encontrara recursos suficientes para o sustento da sua numerosa família e em Casa Branca, improvisado em hoteleiro, fôra tentar nova vida.

Completa illusão; a sua bondade innata, disfarçada em nobre altivez de desinteresse desarmava a generosidade dos hospedes, que elle confortava com optimo agasalho e mesa magnifica da melhor cozinha mineira, em que era especialista.

Na povoação era medico e enfermeiro dos pobres. Ornamentava a matriz para as festas, dirigia a orchestra, tocava harmonium e para as procissões vestia os anjos e as virgens.

Todas estas complicadas funcções, ás vezes simultaneas, exercitava-as sem atropello, com um methodo todo seu, sob um aspecto de severidade que a todos impunha ordem, disciplina e respeito.

Visitando um dia a casa de um amigo, viu no canto de um gallinheiro, abandonado, um movel antigo que lhe despertou a curiosidade. Examinando-o, verificou ser um instrumento de teclado. Não era piano nem harmonium. Tinha cordas, como a cithara, alguma cousa do formato da harpa, mas o mecanismo differente de todos os instrumentos actualmente conhecidos.

As cordas eram vibradas por pequenas pontas de arame recurvado, e a cada uma delas correspondia uma tecla. Antonio Diniz mandou levar o desengoçado e vestuoso instrumento para a sua officina de amator e ahi o recompoz, sem lhe desfigurar a estrutura, antes lhe conservando todas as peças, molduras e decorações primitivas.

Trata-se de uma espinêta antecessora do cravo e antepassada do piano. Este objecto raro tenho-o actualmente diante dos olhos como uma pagina em relevo symbolico da sociedade do começo do seculo XVIII, encerrando uma enigma que não posso decifrar. Quem teria conduzido áquelle recanto obscuro de Minas em dias da tumultuaria agitação dos mineradores, esse instrumento gentil, depositario privilegiado de tradições nobres, confidente de aristocraticos dedos, onde rutilavam os diamantes do Tejuco, e de vozes cujas gargantas eram cingidas por bagas de Ceylão?

Se o achado precioso fôra em Cachoeira do Campo, dali distante uns seis kilometros, as conjecturas se encaminhariam em probabilidades; porque aquella povoação tivera a honra de possuir, desde D. Antonio de Noronha o solar de repouso dos capitães generaes de Minas. Seria razoavelmente presumivel que um dos successores daquelle Governador, o visconde de Barbacena, teria sido o possuidor da espinêta, sabido, como é que, apesar da severidade tyrannica do seu governo, era um espirito inclinado ás artes liberaes. No seu palacio em Villa Rica, se cultivava a fina flôr da Arcada Ultramarina. Nos seus salões illuminados se dansava, com requintada etiqueta, o minueto e eram ouvidos com encanto os sonetos de Claudio e as lyras de Gonzaga. No palacio da Cachoeira não estaria mal a espinêta cuja caixa sonora talvez muitas vezes vibrasse á voz argentina de Marilia de Dirceu. Se assim é, a espinêta em Casa Branca só se pôde explicar por um acto de liberalidade a alguma formosa vizinha que houvesse captivado as sympathias do poderoso Mecenas.

E, ao rever a paisagem arcadiana, que guarda as mesmas côres vivas do pincel, que a lançou no tampo da espinêta, onde se detiveram os olhares das gerações de

dois seculos, sinto a emoção de lendas revividas e a profunda saudade de quem m'as acordou, reconstruindo o peregrino instrumento e pouco depois desaparecendo no tumulo.

AUGUSTO DE LIMA.

I GO TO MORROW

O telegrapho tem pespegado boas peças a muita gente boa. Francisco I, rei de pessimos bofes e optimo coração, dizia em verso que ninguem pôde confiar na mulher, porque esta muitas vezes varia; podemos applicar a real e romantica parrelha poetica ao telegrapho, e este nada ficará a dever-nos.

Muitas vezes um burguez, que está afflicto para chegar aos seus penates, avisa a familia, marcando-lhe o dia da chegada. O homem, ao desembarcar, encontra a estação vasia.

A cara metade lá não está nem a sogra, nem os filhos; com muito máu humor segue para a sua casa, e encontra-a sem viv'alma. A familia, que não esperava pelo chefe, fôra passar o dia fôra, num convescote de compadres e comadres.

No dia seguinte o telegramma é entregue, com uma demora de 24 horas, no minimo

Têm-se dado factos como esse, muitas e variadas vezes. Ha apenas uma potestade mais poderosa que o telegrapho: é a telephonica das grandes cidades. Esta ao menos conserva-se muda, e na sua mudez não compromette a quem della ousa utilizar-se. Quem põe a bocca no phone já sabe que fala para um cemiterio; e como os mortos usam guardar o mais profundo silencio, ninguem mais se admira do completo silencio com que é recebido.

Devem lembrar-se os leitores de que uma das victimas escolhidas pelo telegrapho foi o illustre almirante von Teffé, sogro e companheiro do marechal Hermes

Os seus particulares e reservadissimos avisos electricos fizeram em tempo não muito recuado as delicias dos chronistas cariocas. Vinham os jornaes peçados de "suetos", todos dedicados a essas urgentes communicações

Nos famosos telegrammas havia referencias prolixas ás caças abattidas, de maneira a pôr o sr. marechal na altura dos mundiaes caçadores; nem Tartarin de Tarascon lhe levava as lampas a caçar eternamente bonés e gorros de dormir.

Um desses despachos tornou-se celebre. Não se referia a pacas, tatu's, tamanduás, capivaras, ou quaesquer outros appetitosos quadrupedes. Tratava apenas de "perdizes muito gordas". No emtanto o sr. von Teffé escrevera conforme depois explicou pela imprensa, "hospedagem muito cordeal".

Lembrando-me disto, recordei-me de outro facto identico, que se deu ha tempos nas abençoadas plagas paulistas. Embora o original fosse escripto em inglez e o telegramma chegase ao seu destinatario em portuguez, havia mais semelhança nas suas palavras que no despacho perdigueiro.

Ha uns bons trinta annos residia em S. Paulo um honrado banqueiro inglez, de nome John Kucossing. Tinha elle um velho amigo residente em Santos, tambem banqueiro, com quem costumava passar alguns dias durante o anno.

Naquelle anno, na vespera da partida, como sempre fazia. Kucossing telegraphou ao velho amigo:

"I go to morrow", que em linguagem de gente quer dizer "eu vou amanhã."

O telegramma chegou assim:

"O gato morreu."

Com lagrimas nos olhos o outro bife, que bem sabia do affecto do amigo pelo angora, enviou-lhe logo "deep condolences"...

GUY D'ALVIM



AO LEO DO VENTO...

Anda-me saracoteando na cabeça, desde hontem á tarde, uma grande ideia, grande e original, que se me afigura enormemente patriótica. E como eu tambem quero contribuir com o meu pouco, um pequenino grão de areia que seja, para o engrandecimento desta terra, que é sadia e dadivosa, e para o aperfeiçoamento do nosso patricio, que é bom e forte, aqui vou arremessar, do alto desta chronica brejeira, a arcabouço do meu vasto plano, que talvez algum deputado operoso, mortinho por prestar serviços á Patria, delle se aproveite beneficemente para gloria do formidoloso Estado. Ora, o caso é este. Hontem, ao passar por uma loja de modista, vi sahir do "atelier" uma creaturasinha perturbadora, de impeccavel esbelteza, linhas gregas, mimo de graça e de frescura, que, assim tão linda, antes devera ser um rebento heraldico de fidalguia, ter nascido num braço de duqueza, todo rendas e arminhos, do que vir a este mundo para a ignominia de coser estofos, e trabalhar, como qualquer outra, de sol a sol, numa horrenda officina de costura. Não ha nada mais selvagem, nada mais clamante nesta vida, do que uma mulher bonita trabalhar. E' simplesmente abominavel. A belleza, graça divina tão apreciavel como o genio, merece tributos serios e prerogativas especialisimas. E é por isso que eu proponho — e aqui vae a minha formidavel ideia! — que as mulheres formosas, essas entonteceadoras primaveras de carne, pertençam, como as obras de arte, ao patrimonio do Estado, sejam tuteladas pelo Governo, e sustentadas com mimo, regimento, pelo erario publico. E assim, em vez da gente commiserar-se, como eu fiz, ante aquella rapariguinha perturbadora, leve como um floco de paina, que sahia do "atelier", o Estado, jardineiro de bom gosto, cuidaria ciosamente dessas plantas raras, conservava-as, como flores de estufa, numa ociosidade aristocratica, em palacios de luxo, alfaiados com sumptuosidade, para regalo dos olhos e educação esthetica. Nem julguem que a execução desse plano vá custar os olhos da cara. Longe disso. Para um Estado, como o de S. Paulo, em via de captar 700 mil cavallos-força, de adquirir o Marimbondo, de se electrificar inteirinho, de extrahir todo

o azoto do ar, de adubar cafezaes, de abrir varios portos novos, e varios outros melhoramentosinhos, com os quaes, não ha negar, deverá ganhar alguns milhões de contos que grande coisa será, santo Deus!, desvirtuarem-se umas quizeras de mil contos annuaes, para o empreendimento dessa grande, colossal obra de arte! Depois (e preciso tambem considerar a lado economico) imaginem como seria rendoso para S. Paulo uma instituição dessa natureza, que attrahiria uma legião do forasteiros a visitar nossa cidade, pelo unico prazer de se pasmar arregaladamente e famintamente ante a belleza viva. a Venus verdadeira, a Esthetica apalpavel! E imaginem tambem—isto sim!—como seria agradavel aos soberanos belgas, principalmente ao encantador Alberto, esse infallivel "ai Jesus" dos que carpem os esphacelamentos de pequenina terra heroica, vir se estatelar diante dessa original Galeria Humana, unica no genero, e conhecer bem de perto, aconchegadamente, os typicos modelos da nossa belleza paulista, afim de se repousar um pouquinho das cacetadas do Butantan, essa imprescindivel massada obrigatoria de ver a mussurana comer a jararaca. A unica dificuldade para a realização de tão lindo projecto — hão de objectar os eternos desanimados — é a escolha duma commissão julgadora, bem entendida da materia, que tenha um olho profissional para distinguir e proclamar as bellezas femininas. Ora! Nada mais facil. Os deputados federaes, como diz toda a gente, não cuidam, no Rio, durante a legislatura, sinão duma coisa: especialisarem-se em mulheres. Portanto é só pegal-os ás tontas, e ahi teremos uma bella commissãosinha que dará lindamente conta do seu recado. Assim, com a realização de tão sympathico plano, ninguem mais sentirá o coração pungido de tristeza, ao ver, como eu vi, sahindo de "atelier" da modista, aquella creaturasinha perturbadora, de impeccavel esbelteza. Linhas gregas, mimo de graça e de frescura, que antes devera ser um rebento heraldico de fidalguia, ter nascido num berço de duqueza, do que vir a este mundo para a ignominia de coser estofos, e trabalhar, como qualquer outra, de sol a sol, numa horrenda officina de costura.

Paulo Setubal.

(*"Diario Popular"* — S. Paulo.).

A NOVELLA NACIONAL

Acaba de apparecer o primeiro volume desta interessantissima collecção, collaborada pelos mais notaveis novellistas nacionaes e publicada sob a direcção de AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira). Cada exemplar, artisticamente confeccionado, impresso em excellente papel e illustrado com varias gravuras, contém de 60 a 80 paginas em formato 16 1/2 por 12 1/2 centimetros e custa 1\$000. Pelo correio, registrado, 1\$200.

Já está á venda o primeiro volume:

A PULSEIRA DE FERRO — por AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira), com illustrações de Ruy Ferreira.

A seguir:

OS NEGROS — por MONTEIRO LOBATO, o festejado auctor

A NOVELLA NACIONAL é série de pequenos livros, nos qual se mira o seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Para alcançar esse triplice objectivo, que se pode condensar no lema — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS, pomos á disposição dos autores e do publico toda a nossa boa vontade, e pedimol-a igual, tanto a uns como ao outro.

Aos primeiros, como aos segundos, não serão indifferentes os beneficios que de incliativas desta ordem poderão advir: maior divulgação da boa literatura e melhor educação literaria das massas populares. Para obter taes resultados, era preciso um intermediario: o editor que buscasse o meio de pôr o livro ao alcance de todos, evitando, porém, o grosseiro recurso ás edicões mal compostas, mal impressas, sem resquicio de elegancia, sem traço de arte, não só porque o livro materialmente mal feito é livro que repugna a muita gente, como também porque se torna um detestavel agente de propagação do mau gosto, entre aquelle que o toleram. Esse intermediario, nós pretendemos sel-o e esta série de pequenas novelles é o nosso primeiro ensaio nesse caminho.

O TEXTO — Constará este, em cada volume, de uma curta novella, a cujo autor deixamos completa liberdade de concepção e execução, só exigindo que a obrinha possa entrar em toda parte sem o menor inconveniente.

OS AUTORES — Os autores serão, de preferencia, escripto-

res já vantajosamente conhecidos. Entretanto, não recusaremos a contribuição dos que ainda não alcançaram maior nomeada, e até dos inteiramente obscuros.

Se a obra tiver valor, se merecer entrar em concurso com as que disputam as boas graças do publico, nestes torneios flo-raes da intelligencia, não vemos porque não deva ser incluída na collecção. Ao contrario, teremos grande prazer, se pudermos cooperar para que se affirme alguma nova personalidade brilhante, para maior gloria das nossas letras. Nestas condições, estamos promptos a receber os originaes que nos quizerem confiar para exame.

O VOLUME — Constará cada um de 60 a 80 paginas, no formato de 16 1/2 por 12 1/2 centimetros, em bom papel, com illustrações de verdadeiros artistas, e não de pretensos artistas ou de curiosos.

ORDEM DA PUBLICAÇÃO — Apparecerá approximadamente, um volume por mez, o qual será exposto á venda, ao mesmo tempo, em todos os Estados.

O PREÇO — É de dez tostões por volume, o mais barato possível, nas actuaes condições da industria typographica, com a carestia do papel e da mão de obra, e com a necessidade, tão essencial como qualquer outra, de retribuir, embora modestamente, mas devéras, o trabalho dos autores e illustradores.

Eis ahi clara e lealmente exposto o nosso programma, para todos quantos queiram trabalhar connosco, e para o publico a quem desejamos sinceramente servir e cujo favor impetramos.

OS EDITORES

Pedidos á Soc. Editora Olegario Ribeiro

RUA DIREITA, 27 (2.º andar - Caixa Postal, 1172 - S. PAULO



BIBELOTS E OBJECTOS DE ARTE



NENHUMA casa no Brasil oferece ao publico uma escolha tão variada em objectos para presentes, para cavalheiros, senhoras e crianças, de todas as classes sociaes, quanto a nossa. — Estes objectos - de metal, prata, terra-cotta, de louças, inglezas, holandezas, suecas, allemans e japonezas; de crystal, marmore, bronze e de seda, estão artisticamente espalhados pelos *cinco andares* do nosso vasto predio.

Brinquedos - Vehiculos para crianças - Moveis de vime - Artigos de viagem - Tapetes e oleados - Vitolras - Grafonolas - Discos - Perfumarias e Esporte, e uma grande infinidade de objectos de utilidade completam o sortimento das

Galerias Edison
S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55 CENTRAL 2135 Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes.

Telephones em todas as secções. Elevador.

Rua 15 de Novembro N. 55

GUSTAVO FIGNER



Formula do eminente sabio dr. L. P. BARRETO

Tomada com constancia — esta bebida agradabilissima, typo champãna, — phosphatada, — não ha candidato a velhice que não sinta immediatamente o seu benefico effeito no estomago e nos intestinos. Pode-se tomar o Guarana-Espumante em doses indefinidas em qualquer proporção, sem o menor inconveniente, o minimo risco de uma irritação intestinal. Encerrando tres vezes mais cafeina que o proprio café, não produz, entretanto, insomnia, nem tão pouco, a agitação dos nervos. O seu effeito, é, antes, calmante. Fortifica o coração, regularizando as suas funções. Combate a neurasthenia. Exerce uma acção especifica sobre ossos excitando a sua formação. Com o seu uso, constante, não ha candidato á velhice que deixe de sentir, immediatamente, o seu feito salutar, pois como lymphica magica, restitue a força, o vigor e boa saude.

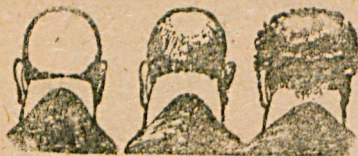
O Guarana cura ao mesmo tempo as diarrhês e a prisão de ventre, prova evidente de sua acção especifica contra toda e qualquer fermentação viciosa. O Guarana ainda previne a arterio-sclerose.

O uso diario desta portentosa bebida, por velhos, moços e crianças, dá alegria e felicidade. Tudo isso assegura ao GUARANA-ESPUMANTE o direito de chamar-se — o elixir de longa vida.

DR. L. P. BARRETO

Deposito: — ZANOTTA, LORENZI & CIA — S. Paulo — Rua Gusmões, 70 — Encontra-se nas confeitarias, bars e nas principaes casas de molhados de Ribeirão Preto.

O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabello novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabello continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PÍLOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni. Pelo phospho-calcio physiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo sulfoguiacol tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo e appetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: Drogaria Giffoni RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCÕES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando Uroformina, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: Drogaria Giffoni, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e fotogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre jóias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

3.^a Exposição dos Industriaes da Cidade de São Paulo

SETEMBRO 1920

Na secção Industrial, na parte interna do edificio temos expostos 4 typos de engenhos de 4-5 e 7 cylindros sendo 3 verticaes movidos a animal e um horizontal movido a força motor.

O de 4 cylindros trabalha só de um lado o de 5 cylindros trabalha de um ou de dois lados e o de 7 cylindros trabalha duplo.

Os cylindros lateraes são postos em movimento com a entrada da canna. A simplicidade destes apparatus logo á primeira vista apresenta economia e solidez. Milhares de fazendeiros já adquiriram e attestam a utilidade e vantagens deste apparatus, pois o sr. Raphael Stamato, inventor do engenho sem engrenagem, com a pratica e experincia de 16 annos, chegou a conclusão de que os engenhos antigos de engrenagens, além de serem muito duros, não ha possibilidade de resistirem longo tempo; pelo simples facto: as engrenagens não se conservam sempre iguaes e o cylindro central faz maior força que os lateraes com essa desigualdade não é possível acompanhar a mesma marcha; por exemplo: ao receber a canna, os cylindros são obrigados a seguir o mesmo movimento, formando pelo attrito da canna uma só peça, e por qualquer differença que as engrenagens não podem funcionar em regra; e, atrasando a sua marcha, o engenho se torna pesado, a ponto de obrigar o animal a esforçar-se, dando consecutivos arrancos e num desses irrancos a quebra é certa.

Pelas explicações acima notam-se perniciosos inconvenientes nos engenhos de engrenagens, que não se dá com os "**Engenhos Stamato**", que, além de serem leves, os cylindros são completamente independentes e movem-se simplesmente com o contacto da canna e a força occupada é a natural do aperto da mesma e não pela combinação de engrenagens.

Os "**Engenhos Stamato**", para moagem de canna de assucar, são fabricados em São Paulo, com material de primeira ordem com observações e experincia de milhares de fazendeiros, que approvam a superioridade dos "**Engenhos Stamato**", não só pela sua solida resistencia, como tambem pela maior porcentagem de garapa, e a sua simplicidade constitue uma grande economia, por não ter engrenagens nem vira bagaço, nem eixos fundidos nos cylindros, como succede com os engenhos importados.

Nos "**Engenhos Stamato**" os eixos são completamente independentes e presos convenientemente e os cylindros lateraes, com a entrada da canna, giram, ao redor dos eixos, tornando-se solidos, leves, e de uma facilidade para qualquer pessoa tirar ou collocal-os quando achar conveniencia. Os "**Os Engenhos Stamato**" trabalham simples e duplos, isto é, de um ou de dois lados, tendo salvaguarda para evitar desastre e estão ao alcance de qualquer lavrador, tendo-se sempre promptos de qualquer tamanho, para força animal, hydraulica, a vapor e electricidade e com facilidade N. 1, 2 e 3 transportando-se a lombo de animaes.

Os "**Engenhos Stamato**" são privilegiados e premiados em diversas exposições com 9 medalhas. Pelo seu grande progresso, constituiu-se a

Companhia Industrial Engenho Stamato

que funciona com suas officinas: mechanica e fundição á RUA DO GAZOMETRO N. 17. — Qualquer pedido por carta ou telegramma, será immediatamente attendido, Caixa Postal, 429

Endereço teleg.: STAMATO — São Paulo

NOVIDADES

— DA —

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR — RIO DE JANEIRO

EDUCAÇÃO E ENSINO

ELEMENTAR

L. BAPTISTA

O meu bello livrinho

Lições simultaneas de leitura
e escripta

ornado de finas gravuras e
uma capa colorida.

1 vol. cart. 1\$500

JARACH

Lições de moral e instrucção cívica

(Adaptação de Gustavo Bar-
roso)

Adaptado para uso das Escolas
Brasileiras

Com illustrações no texto.

1 vol. cart. 2\$000

Vocabulario das crianças

Album de figuras coloridas
para uso das Escolas Infantis

Observação pelas figuras

Exercício de linguagem

Iniciação no estudo das pala-
vras e de redacção.

1 vol. cart. 1\$500

F. PÉCAUT — Elementos de Philosophia Moral,
1 vol. enc. 4\$000.

F. PÉCAUT — Elementos de Philosophia Scien-
tífica, 1 vol. enc. 4\$000.

LITTERATURA

Litteratura nacional

M. DE ASSIS

Historia da meia noite

br. 3\$500

M. DE ASSIS

A semana

br. 4\$000

S. R.

Corações

2 vol. br. 6\$000

(Romance Brasileiro)

Basilio da Gama

OBRAS POETICAS

Precedida de uma biographia
critica e estudo do poeta por
José Verissimo

1 vol. br. 5\$000

Litteratura estrangeira ROMANCES

BALZAC

Mulher de 30 annos

br. 3\$000

COLLECCÃO CLASSICA

SYLVIO PELLICO

Minhas prisões

br. 4\$000

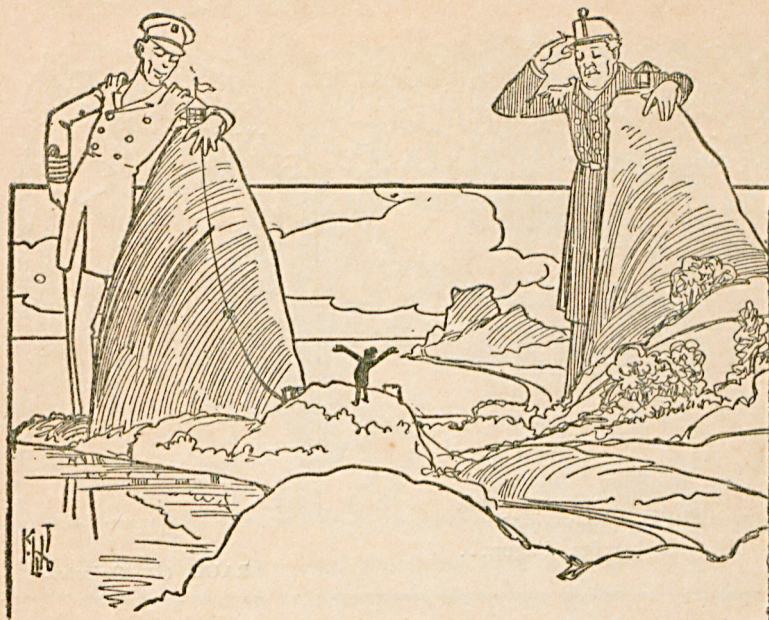
GOETHE

Fausto

Tradução de Gustavo Barroso
br. 3\$000

CARICATURAS DO MEZ

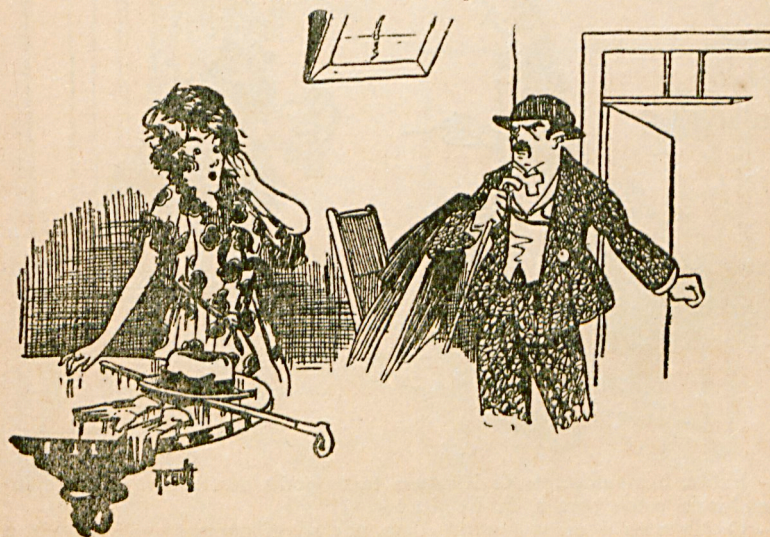
NÃO CONFUNDIR



O DR. EPITACIO É ESSE PONTINHO PRETO DE BRAÇOS ABERTOS.

KALIXTO (O Norte, Rio)

SURPREZA CONJUGAL



— Juro-te, querido; não passou de uma ceia íntima.
— Miserável! E onde está o *recen-ceado*?

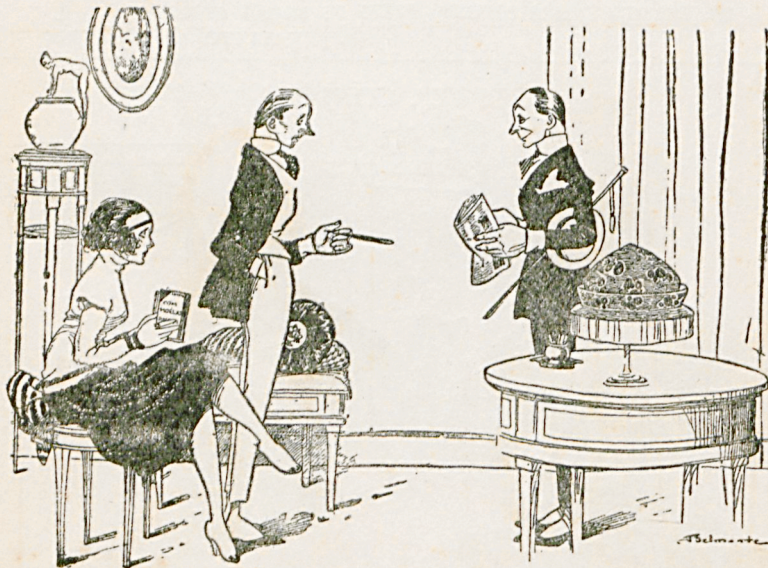
AQUILA (D. Quixote).

DEPOIS DA LEI DO ALCOOL

(Scena provavel em 1922).

— E' obra de automovel?
 — Não. E' barriga d'agua...

RAUL (D. Quixote).



— Então, o monumento de Ximenes tanto podia servir para a nossa independencia como para a da Belgica?

— O Ximenes é monumental! Com um só monumento elle festeja a independencia da Belgica, a do Brasil, a delle proprio e a de alguns amigos!...

BELMONTE (D. Quixote).

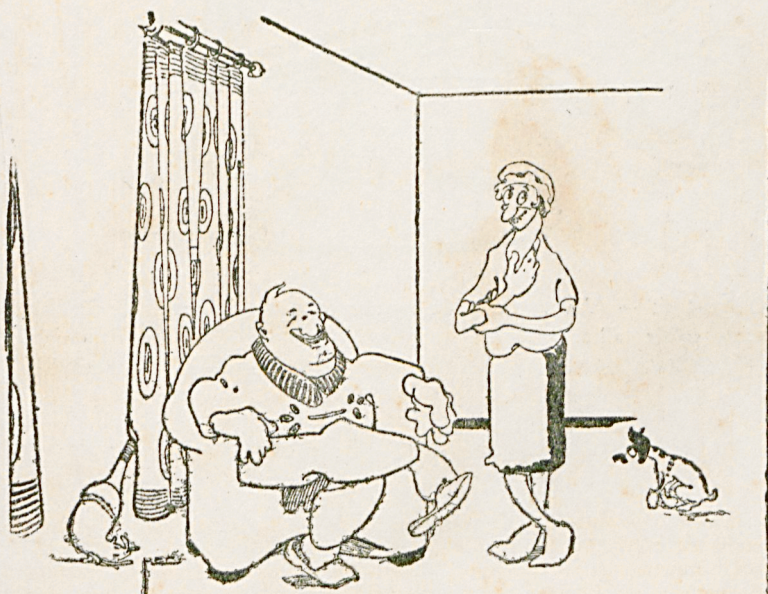
Modos de ver



- 1: Almofadinha — *Mas que roupa exotica a aesse typo!*
2: Almofadinha — *Conheço-o; dá-se ao vicio do trabalho...*

TACO (D. Quixote).

ARTE NACIONAL



- Eu queria “pedi” uma coisa ao patrão; mas... tenho uma vergonha!
— Péde, anjo!...

(D. Quixote).

O Vinho Reconstituente

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros. **Silva Araujo**



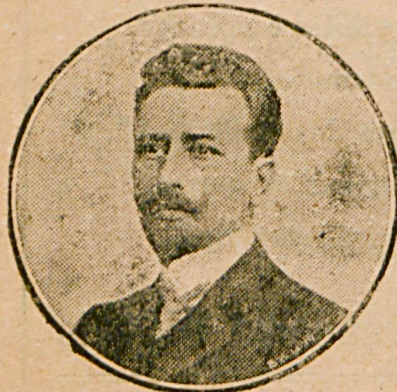
"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



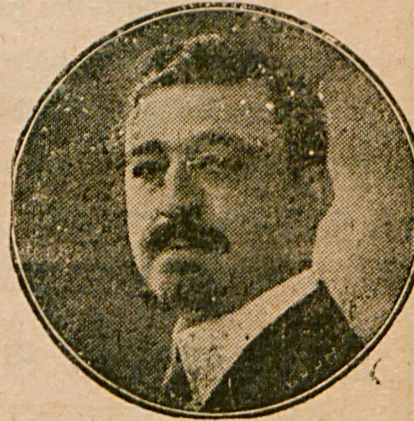
"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof. MIGUEL COUTO.



"é um preparado que mereca a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogéinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE
INAPPETENCIA

ANEMIA

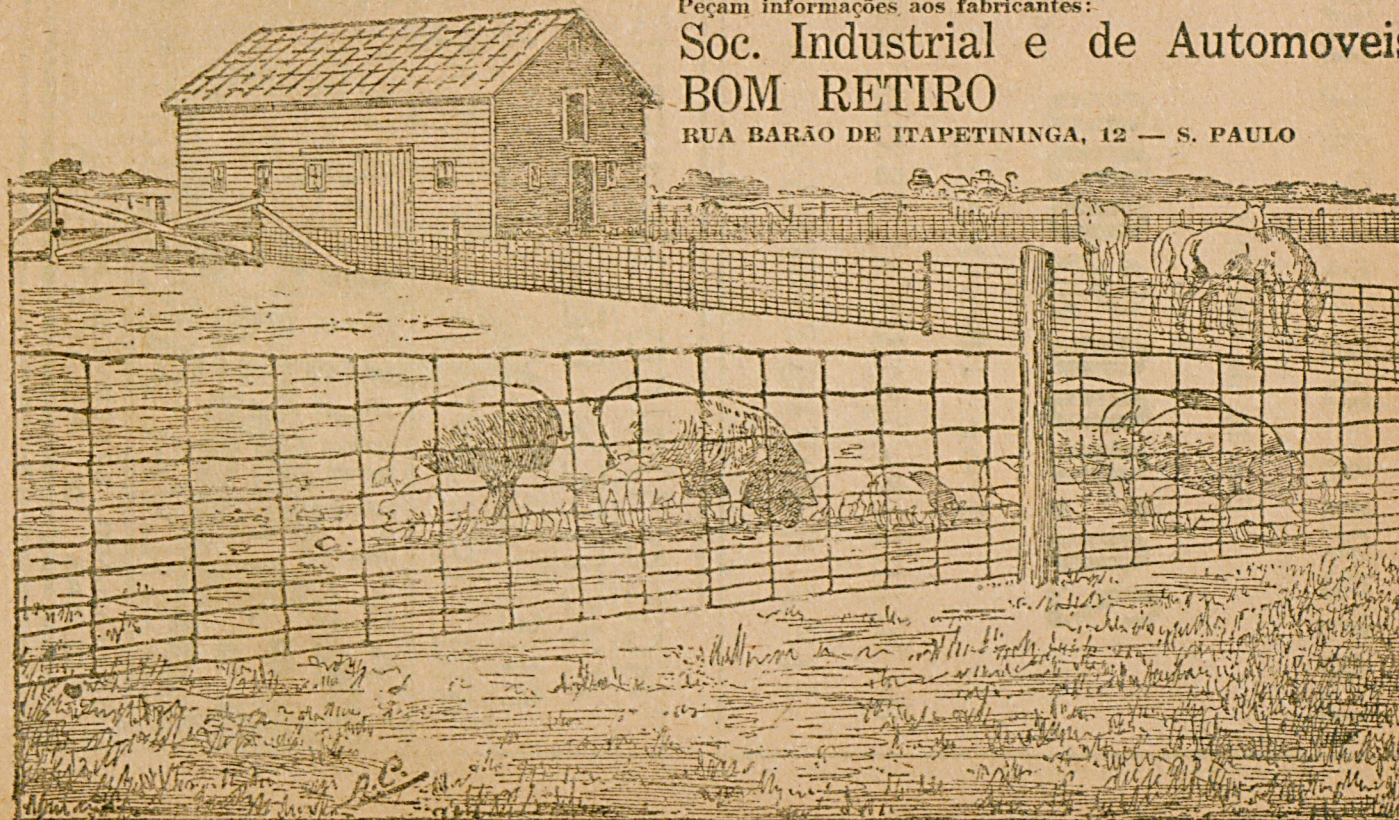
RACHITISMO
ESCROPHULOSE.

Cerca de Tecido "PAGÉ"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 12 — S. PAULO



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Comercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.
ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

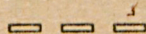
Companhia Grande Manufatura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

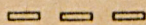
Edições da "Revista do Brasil"

Por estes dias :

LIVRO DE HORAS DE SOROR DO-
LOROSA, poesias de Guilherme de Almeida,
em luxuosa edição, illustrada pelo pintor Wasth,
brochado 5\$000



DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, pelo
VISCONDE DE TAUNAY, o celebrado autor
da "INNOCENCIA", volume brochado . 4\$000



BRASIL, COM S OU COM Z? por
F. de Assis Cintra, Volume brochado . 3\$000



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

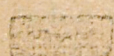
HAMBURG,


NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

 para construcção,

aço e ferro, anilinas 



e outros

productos chimicos.



João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

PLANTAS,

BOUQUETES,

DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES :

Chacara, cid. 1006

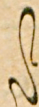
Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

Campinas

Guanabara



LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca

(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CAIXA POSTAL

N.º 962

TELEPHONE

N.º 4305

END. TELEGR.

"DORMAN"

Rua da Boa Vista, 44 — SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

Costa, Campos & Malta

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones, Fois e Cabos, Isoladores e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A .

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo

AGUA INGLEZA
 TONICA
 & FEBRIFUGA E APPERITIVA.
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 MALARIA, PALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES



QUININA, CAFEIN,
 LACTO-FOSFATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGETICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

